

A NOITE ILUSTRADA

Empresa A NOITE
Diretor :
GIL PEREIRA
Gerente :
OCTAVIO LIMA
19-7-1946



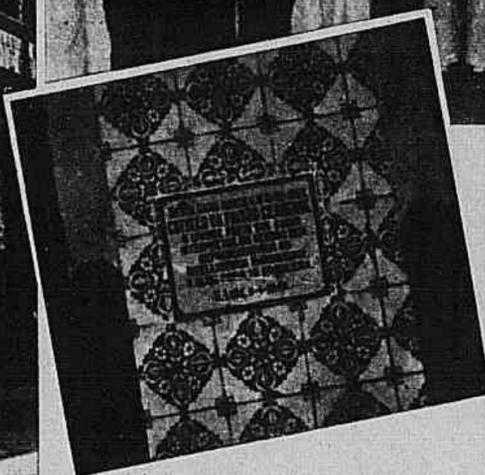
Handwritten signature or mark in the upper right area of the portrait.

de
am o
a no
rentos
e Si-
do de

Edição especial
Homenagem a
CATULO DA
PAIXÃO
CEARENSE

PREÇO PARA
TODO O BRASIL
Cr\$ 1,50

A CASA EM QUE NASCEU CATULO



A 11 de janeiro de 1940, os intelectuais maranhenses levaram a efeito uma bela e significativa homenagem ao grande poeta sertanejo, colocando na casa em que nasceu Catulo — velho e pitoresco monumento da nossa arquitetura tradicional, com sua fachada coberta de azulejos — uma placa que assinala o feito, para conhecimento das gerações porvindouras. Na

placa, lê-se: "Nesta casa nasceu a 8-10-1863, Catulo da Paixão Cearense, o grande poeta que soube interpretar, em versos bem representativos da inteligência maranhense, a alma popular brasileira. S. Luís, 11-1-1940." À inauguração dessa placa compareceram as figuras mais representativas da elite cultural do país.

As fotos mostram, pela ordem: A velha casa em que nasceu Catulo, a 8 de outubro de 1863; aspecto colhido por ocasião da inauguração da placa; detalhe da fachada da casa em que nasceu Catulo, tôda coberta de azulejos.

COMÉRCIO E REPRESENTAÇÕES MAREL LTDA.

Av. Franklin Roosevelt, 194 — 7.º Andar
Ria de Janeiro — Brasil

Representantes e Distribuidores de

SERVALL PEN CO. — Famosas canetas-tinteiro.
BERJÉ PRODUCTS — Essências e produtos para fabricantes de perfumes.
CANADA CARBON & RIBBON — Carbonos e fitas para máquinas.
TABAH TRADING CO. — Produtos canadenses em geral.
HEBER EXPORT AGENCIES — Artefatos de borracha.
RECTOR MINERAL TRADING CORP. — Films, Ferragens em geral, Ferramentas.
POLAR — O melhor prateador para metais.

AGENTES:

FORTALEZA - A. F. ATHAYDE - Caixa Postal, 430
RECIFE - V. QUEIROGA - Caixa Postal - 904
SALVADOR - J. BRANDÃO & CAYMMI
B. HORIZONTE - EDUARDO GÓES FILHO — Avenida Contorno, 7249.
SÃO PAULO - L. Q. ROCHA PINTO - Largo do Arouche, 542.
PORTO ALEGRE - CARLOS EBNER - C. Postal 184

FABRICANTES DAS AFAMADAS ETIQUETAS LAD.

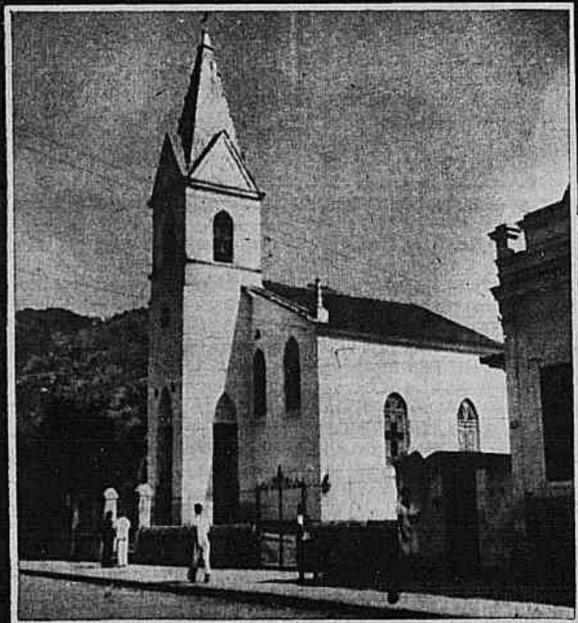


A Nossa Capa

A capa desta edição especial de "A NOITE Ilustrada" consagrada ao maior poeta sertanejo, o Brasil autêntico, o ader da poesia regionalista com alta expressão literária e artística, é um primoroso retrato de Catulo da Paixão Cearense, tirado pelo fotógrafo Gondim em data bem recente e ofertada pelo autor de "Meu Sertão" a seu fiel amigo, jornalista Guimarães Martins, com expressiva dedicatória. Ao Sr. Guimarães Martins, que foi também intérprete do grande poeta, agradecemos haver consentido para a elaboração desta edição, não só com este retrato, como também com muitos outros valiosos documentos de que é possuidor.

RUA CATULO CEARENSE

DADO O NOME DO GRANDE
POETA À ANTIGA
RUA FRANCISCA MEYER



A igrejinha da rua Catulo Cearense.



RUA «CATULO CEARENSE»

DECRETO DE 17 DE MAIO DE 1946

MUDA a denominação do logradouro
que menciona, situado no 9.º Dis-
trito — Méier.

O PREFEITO DO DISTRITO FEDERAL,
usando da atribuição que lhe confere o ar-
tigo 7.º, n.º VIII, do Decreto-lei n.º 96, de 22 de
dezembro de 1937,

DECRETA

Art. 1.º — Fica alterada para Rua "Catulo
Cearense" a denominação do logradouro situado
no 9.º Distrito — Méier, reconhecido pelo De-
creto n.º 1.165, de 31 de outubro de 1917, com o
nome de Rua "Francisca Méier".

Art. 2.º — Revogam-se as disposições em
contrário.

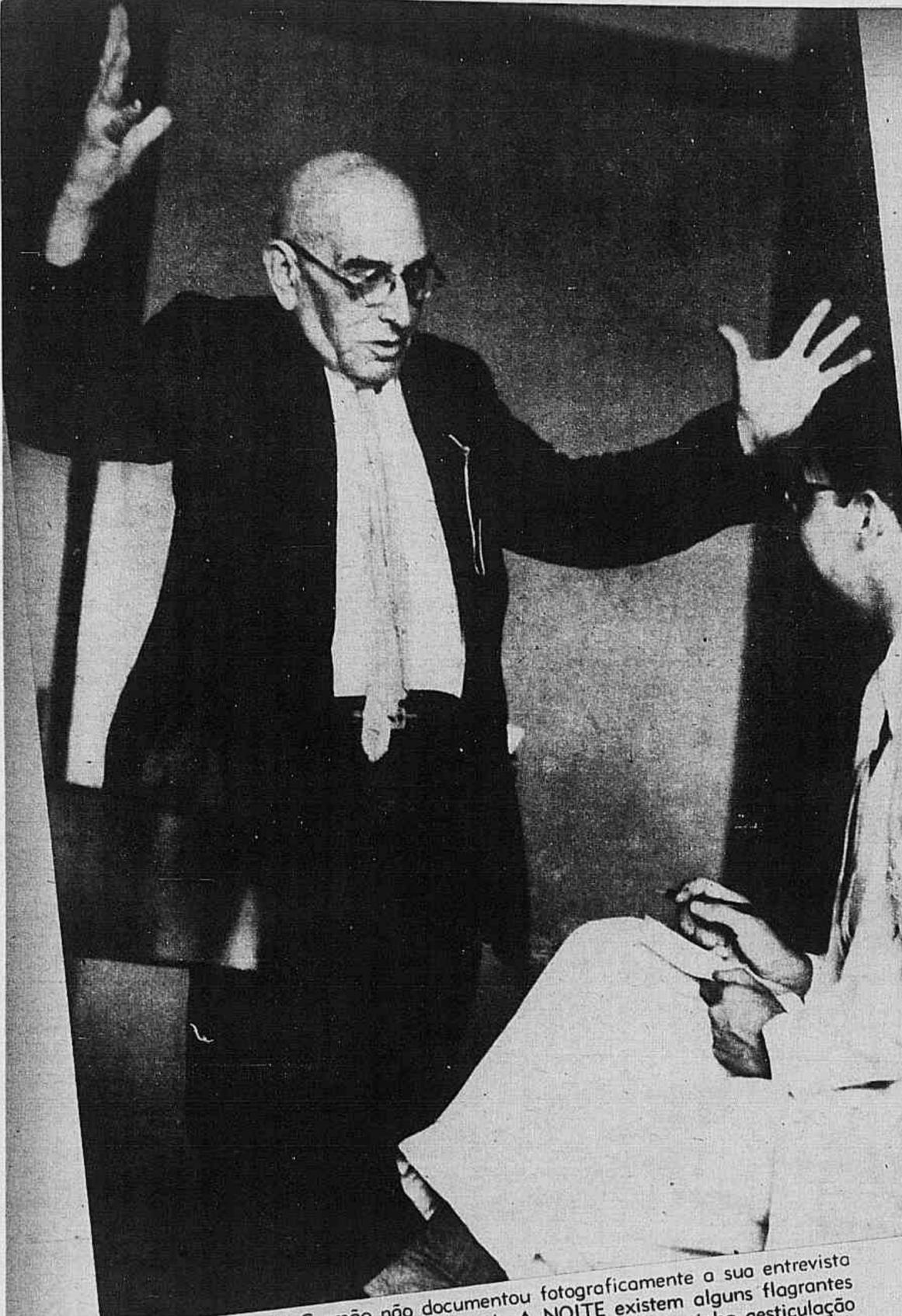
Distrito Federal, 17 de maio de 1946. --
58.º da República.

Hildebrando de Araújo Góis

As crianças da vizinhança se reúnem,
curiosas, em torno da placa recém-colocada
pela Prefeitura na rua Catulo Cearense.

ERA ali, naquele tranquilo recanto
suburbano — a humilde rua Fran-
cisca Meyer, no nono distrito da ci-
dade — que vivia Catulo da Paixão
Cearense, o grande poeta do "Sertão em
flor" e da "Mata Iluminada". Viveu numa
casa pobríssima, que era menos uma casa
do que um barracão, e depois mudou-se para
outra habitação, um pouco melhor, mas mes-
mo assim ainda tosca. E foi nessa casa que
se finou, a 9 de maio, o grande poeta cuja
poesia maravilhosa tocou fundamente a alma
do povo, ao mesmo tempo que despertava
os louvores dos mais altos espíritos brasilei-
ros do nosso tempo. O prefeito do Distrito
Federal, Dr. Hildebrando de Góis, resolveu
dar o nome de Catulo à rua Francisca Meyer
— e com isso ficaram contentes todos os mor-
adores que se habituaram a ver diariamen-
te o poeta e a se orgulharem da sua vizi-
nhança. Era Catulo quem fazia a rua se tor-
nar procurada e ilustre. De quando em quan-
do, paravam automóveis à porta do poeta e
dêles desembarcavam pintores, cantores, es-
critores, jornalistas de renome, que vinham
gozar o convívio de Catulo, entrevistar Ca-
tulo, ouvir versos de Catulo ou peças que o
poeta executava ao violão, com uma mestria
que os anos não prejudicaram. Aqui estão
alguns aspectos dessa rua, que é hoje a Rua
Catulo Cearense. As novas placas foram fei-
tas imediatamente, despertando a aposição
das mesmas o interesse da criançada, que vai
aprendendo desde cedo a admirar o poeta
através dos seus poemas magníficos, apre-
ndidos às vezes na escola e, outras vezes, no
próprio lar.

Trecho da atual rua Catulo Cearense,
No Meyer.



Clovis de Gusmão não documentou fotograficamente a sua entrevista com Catulo. Mas no arquivo de A NOITE existem alguns flagrantes do grande poeta, falando aos repórteres. Ninguém tinha gesticulação mais expressiva do que Catulo. É o que mostra este instantâneo de uma das suas entrevistas...

A vida de Catulo da Paixão Cearense foi objeto de numerosas reportagens literárias. Poucas, entretanto, teriam sido tão interessantes quanto o trabalho de Clovis de Gusmão, publicado no jornal "A Gazeta", de São Paulo, a 9 de fevereiro de 1941. É esse trabalho, página viva e brilhante de um repórter, que é, também, um escritor, que a seguir transcrevemos.

— Não; eu já não poderia escrever as minhas memórias, disse-me Catulo da Paixão Cearense num desses últimos domingos. O coração é o mesmo. Mas eu sinto que não teria mais forças para escrever tudo o que se passou comigo nesses setenta anos de vida. É uma pena. Não para mim que me vou

e sim para os que ficam. Comigo se perderá muito do meu tempo, do tempo das serenatas... Nós caminhávamos — lado a lado — por uma rua deserta de subúrbio e, então, enquanto ele se calava, eu comeci a pensar na profunda verdade de quanto ele me dissera. O Catulo que ali estava a menos de um passo de mim não era apenas um homem. Era o remanescente de uma época que se fôra. Sim, ali estava o passado vivo ainda. E aquele tempo sem dúvida dos mais belos ia morrer para as gerações que viessem. O último trovador não teria mais forças para escrever as suas memórias.

A GLÓRIA DE UM CASEBRE

Lembrei-me do pequeno casebre no meio do mato onde há anos me levaram. E vi em pensamento esse mesmo Catulo ainda moço, na rede armada entre duas árvores a tocar a cantar. Ah! o barracão de Catulo. No estrangeiro fala-se dele. Humberto de Campos immortalizou-o numa página preciosa: "Fôra do caminho, no meio de um roçado, a casa de Catulo passará à história. Feita outrora de um único compartimento, o poeta havia resolvido o problema da comodidade, dividindo-a por meio de lençóis. Com quatro pregos e alguns metros de pano de algodão di-



José do Patrocínio foi amigo de Catulo — o Catulo seresteiro do tempo da "Lira dos Salões". E Catulo alegrou os últimos momentos do grande escritor negro e campeão do abolicionismo, indo cantar ao pé do seu leito de enfermo...

vidira êle a cozinha da sala de jantar e a sala de visitas do quarto de dormir. E dentro desse palácio todo branco, uma mulata bem escura, transformada em dona de casa. As vezes, o poeta convidava um grupo de amigos para a feijoada. Chegava em casa e avisava:

— "Caboca", domingo vem gente.

E ordenava:

— Lava as paredes amanhã.

As paredes eram os lençóis.

E mais adiante, Humberto esclarece: "Foi aí nessa casa que Salvador Rueda, o grande poeta espanhol, tomou a maior carraçana da sua vida e que Julio Dantas, embaixador e ministro, apanhou a sua primeira indigestão". Eu mesmo pude apreciar com meus olhos o que era o barracão. Homens ilustres e cantadores humildes ombreavam-se, colocados no mesmo plano. E quem lá fosse, um daqueles domingos que se tornaram famosos na vizinhança, poderia ver o ministro Pedro Lessa, glória da nossa cultura jurídica, em amistosa palestra com Chico Sossêgo ou com Bernardo Bentevi... Ah! o barracão de Catulo. Lá, escreveu o grande poeta sertanejo "Promessa", "Terra calda" e algumas das obras primas do nosso idioma:

"Basta de Pan, de Netuno,
deixa a Grécia, deixa a Itália,
deixa a Fonte de Castalia,
que de há muito já secou,



Catulo, à porta da casa humilde, a que aludiu Humberto de Campos, em crônica recordada nesta reportagem de Clóvis de Gusmão.

A edição comemorativa do Centenário das Obras de Eça de Queiroz

As condições especiais desta valiosa publicação colocam esta verdadeira jóia ao alcance de todos.

NESTA CAPITAL: A. N. MARTINS & CIA.

Rua São José, 47

PARA O INTERIOR: LIVRARIA H. ANTUNES

Av. Marechal Floriano, 39 — RIO

O tempo das serenatas

As lembranças de Catulo da Paixão Cearense — “Perdão Emília...” — Violão, instrumento maldito — A velha Escola de Cadetes — Lira dos salões — Passos e a transformação do Rio — Anacleto, Quincas Laranjeira e Cipriano de Niterói — Herculano em vez de Camões... — Em casa de Melo Moraes Filho e Lucio de Mendonça — Desgraça e morte de José do Patrocínio

(Por CLOVIS GUSMÃO)

vem beber as águas frescas de uma cacimba que é tua e onde à noite a luz da lua seus versos brancos deixou”.

Aquele apêlo havia tido o seu eco. E homens de todas as posições lá iam aos domingos para beber as águas frescas da cacimba maravilhosa.

VIOLÃO, INSTRUMENTO MALDITO

Vi Catulo de violão em punho à beira do leito de José do Patrocínio cantando para que ele sofresse menos naquelas últimas horas de vida que lhe restavam... E então as suas paavras começaram a renovar-se por dentro de mim — “Eu já não poderia escrever as minhas memórias”... “Papai, que era sobretudo um emotivo, desde logo o adorou”, havia de contar anos mais tarde Patrocínio Filho.

— Não, nem sempre, o violão foi o que era no meu tempo, começou a contar-me. Eu o reabilitei e tornei o instrumento amaldiçoado pelos pais de família num instrumento que podia entrar em qualquer casa. Antes de mim, o violão era do capadócio; depois de mim, o violão passou a ser da poesia.

— E o seu primeiro contacto com a poesia?

— Foi o violão que me levou até a poesia. Eu formara minha sensibilidade ao contacto da natureza, amando o mar, em Ponta da Areia, ou seguindo com o coração aqueles cantadores anônimos que passavam por mim, em Meranguape, para onde se mudara meu pai depois da estada em São Luiz do Maranhão. Quando eles iam, meu pensamento ia com eles. E o ritmo da viola que eles deixavam não morria de todo em mim. Mas foi

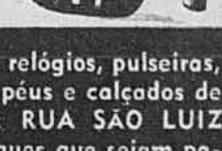
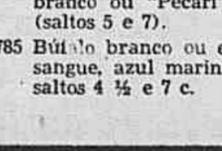
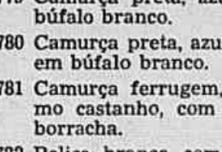
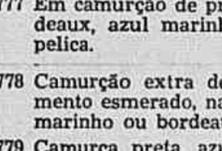
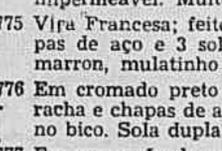
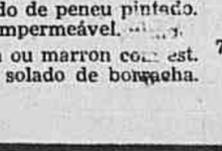
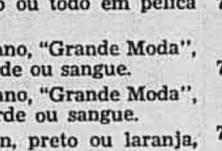
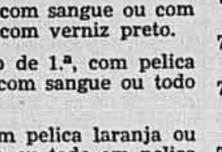
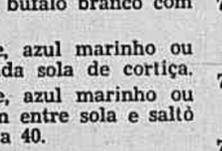
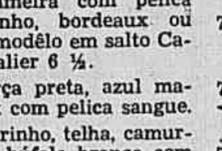
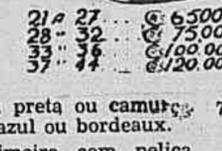
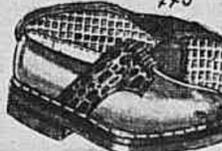
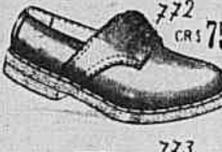
o violão que me levou até a poesia... Lembro-me de Ignacio da Catingueira, de Manoel do Riachão, de Jerônimo da Junqueira. Aos 17 anos, já no Rio, essa impressão do sertão inda não havia se apagado. Tornei-me boêmio, aprofundei-me no violão e na modinha. Havia, então, as Repúblicas de Estudantes. E havia, sobretudo, para mim a Escola de Cadetes da Praia Vermelha. Era fechar os olhos e pegar: pegava-se um poeta. Todas as noites eram noites de festa na

CONCLUE NA PAGINA 38)



Catulo, de perfil. Fisionomia vincada, rústica, expressiva, a do grande poeta do sertão. Afirmção de personalidade e, também, de talento.

PREFIRAM OS CALÇADOS E CHAPÉOS
SEMPRE NOVIDADES DAS PREÇOS DA FABRICA
FAÇA O SEU PEDIDO PELO CORREIO
AOS FREGUESES DO RIO TAMBEM ATENDEMOS A DOMICILIO
AS CASAS QUE CALÇAM MEIO MUNDO
CASAS ROULIEN
Edifícios Próprios NÍLO GEORG DE OLIVEIRA



- 761-A Todo em pelica preta ou camurça com pelica preta, azul ou bordeaux.
- 762 Camurção de primeira com pelica preta, azul marinho, bordeaux ou branco. O mesmo modelo em salto Carrioca 3 1/2 ou Cavalier 6 1/2.
- 763 Pelica com camurça preta, azul marinho ou bordeaux com pelica sangue.
- 764 Em pelica azul marinho, telha, camurça marron ou em búfalo branco com sola de borracha.
- 765 Em pelica sangue, azul marinho ou bordeaux com linda sola de cortiça.
- 766 Em pelica sangue, azul marinho ou búfalo branco com entre sola e salto de cortiça, ns. 32 a 40.
- 767 Em pelica pérola com sangue ou com azul ou camurça com verniz preto.
- 768 Em búfalo branco de 1.ª, com pelica azul marinho ou com sangue ou todo em pelica preta.
- 769 Búfalo branco com pelica laranja ou com azul marinho ou todo em pelica preta.
- 770 Em vidro Americano, “Grande Moda”, preto, branco, verde ou sangue.
- 771 Em vidro Americano, “Grande Moda”, preto, branco, verde ou sangue.
- 772 Em cromo marron, preto ou laranja, com especial solado de peneu pintado. Muito uravel — impermeável.
- 773 Em cromo laranja ou marron com est. crocodilo e lindo solado de borraça.
- 774 Em cromo marron, laranja ou preto com especial sola de peneu pintado impermeável. Muito resistente.
- 775 Vira Francesa; feito a mão, com chapas de aço e 3 solas, cromo laranja, marron, mulatinho ou búfalo branco.
- 776 Em cromado preto com salto de borracha e chapas de aço dos lados e uma no bico. Sola dupla.
- 777 Em camurção de primeira, preto, bordeaux, azul marinho ou branco com pelica.
- 778 Camurção extra de primeira, acabamento esmerado, nas cores preta, azul marinho ou bordeaux.
- 779 Camurça preta, azul marinho ou em búfalo branco.
- 780 Camurça preta, azul, sangue, verde ou em búfalo branco.
- 781 Camurça ferrugem, telha ou em cromo castanho, com resistente sola de borracha.
- 782 Pelica branca com azul marinho ou com sangue ou camurça com verniz preto, com linda sola de cortiça.
- 783 COLEGIAL — Vaqueta marron ou preta com chapas de aço e salto de borracha.
- 784 Camurça ou verniz preto, búfalo branco ou “Pecari”, havana ou azul (saltos 5 e 7).
- 785 Búfalo branco ou em camurça preta, sangue, azul marinho, verde ou lilás, saltos 4 1/2 e 7 c.

PEGAM O CATALOGO DO 1º SEMESTRE DE 1946 DOS ARTIGOS: CALÇADOS, CHAPÉUS, RELOGIOS, ANÊIS, MEDALHAS, ETC.

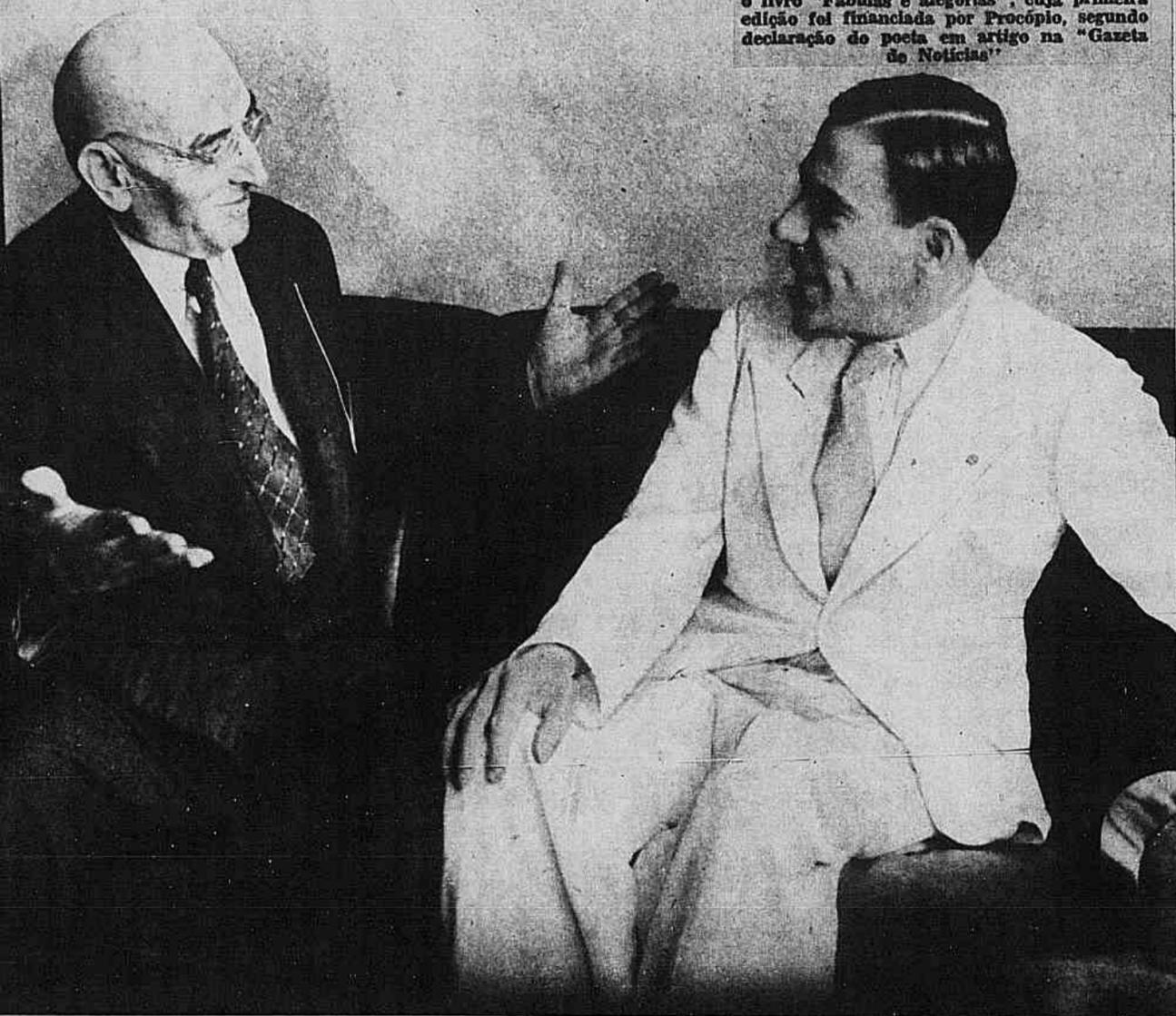
21 a 27... Cr\$ 6.500
28 a 32... Cr\$ 7.500
33 a 36... Cr\$ 10.000
37 a 44... Cr\$ 12.000

28 a 32... Cr\$ 70.00
33 a 36... Cr\$ 75.00
37 a 43... Cr\$ 90.00

Pedem catálogos coloridos grátis do 1.º semestre de 1946, também com secção de anéis, relógios, pulseiras, canetas, medalhas, etc. Acondicionamento em úteis caixas de madeira. — Porte de chapéus e calçados de homens: Cr\$ 4,00; de senhoras, Cr\$ 3,00. PEDIDOS AS CASAS ROULIEN, Expedição: RUA SÃO LUIZ GONZAGA, 52. Envie a importância registrada, com valor declarado pelo correio ou cheques que sejam pagáveis no Rio. MATRIZ: RUA SÃO LUIZ GONZAGA, 46 e 48 - S. CRISTOVÃO - FONE 48-4546 - RIO, Filial: Rua Carvalho de Souza, 310-312 — Madureira — Telefone 29-9058 — Rio de Janeiro. FABRICA PROPRIA: Rua São Luiz Gonzaga, 52 — São Cristovão — Fone 28-8072 — Rio

A Catulo da Paixão Cearense, o maior poeta sertanejo, a homenagem das CASAS ROULIEN, as casas que calçam meio mundo.

Catulo da Paixão Cearense e seu grande amigo, Procópio Ferreira, a quem dedicou o livro "Fábulas e alegorias", cuja primeira edição foi financiada por Procópio, segundo declaração do poeta em artigo na "Gazeta de Notícias".



Catulo E OS ARTISTAS

Grande amigo de Procópio e de Beatriz Costa, não desdenhava os palhaços humildes, como Benjamin de Oliveira, por êle qualificado de Truão de Deus e Palhaço dos Anjos

mente os seus melhores poemas, entre os quais "O Marroeiro". Quando Procópio estava no Rio, Catulo estava constantemente em sua companhia. E foi o ilustre ator um dos maiores entusiastas da "campanha do tostão", empreendida pela A NOITE, para a ereção do busto de Catulo no Passeio Público.

Procópio Ferreira conta muitos episódios curiosos a respeito do grande poeta. Um desses episódios se refere á estréia da comédia "Maria Cachucha", de Joracy Camargo, no Teatro Serrador. Conta Procópio:

— Estava eu me preparando no meu camarim quando entrou Catulo com um pequeno embrulho. Quería que eu o guardasse. E esclareceu: "Tenha muito cuidado. São ovos. Mas fique tranqullo, que eu não vou assistir á peça..."

Procópio refere também uma passagem das suas relações com Catulo, a respeito da estréia de sua filha, Bibi Ferreira, no teatro. Como é sabido, essa estréia se deu na peça de Carlo Goldoni, "La Locandiera", em que Bibi fazia o papel de Mirandolina. Mas deixemos que o próprio Procópio conte o episódio.

— Dias depois da estréia de Bibi no teatro, ele me apareceu. Temendo que eu o reprovasse por não tê-lo visto na noite da première começou a falar da porta como uma criança assustada que tem pressa em justificar uma falta.

"Você está danado comigo, já sei. Mas não me foi possível aparecer. Fiquei muito emocionado. Fiquei com medo que a menina falhasse. Não gosto de assistir coisas tristes. Mas agora estou satisfeito. Todos dizem bem da garota. Vou vê-la hoje. Diga-lhe que estou na platéia. No final Catulo entrou na caixa com os olhos marejados de lagrimas. "Ah! Procópio, pela primeira vez senti no meu coração uma picada".

Que foi? perguntei-lhe assustado. "Senti inveja. Inveja de não ser você. Que festa não vai nessa tua alma. A vida Procópio, é boa. Da-nos tantas compensações. Devemos ama-la, muito, muito".

Pedi-me o album de Bibi e escreveu uns versos lindos que, infelizmente não tenho de cór. Lembro-me que terminava com —aquele verso de uma das estrofes do Marroeiro — "o pinto já sai da casca com a pinta que o galo tem".

Entre as reminiscências de Procópio a respeito de Catulo há também um episódio a que estão associados esse grande ator e o autor teatral Joracy Camargo, que aparecem como autênticos reivindicadores da glória do grande poeta sertanejo. Procópio refere êsse caso interessante nas seguintes palavras:

— Uma noite, depois do espetáculo, eu, Joracy Camargo, Gastão Pereira da Silva e um outro amigo, poeta e romancista, cujo nome não interessa citar, dirigiam-nos para a casa da grande pintora Maria Margarida, onde passavamos grande parte de nossas noites em palestra com a notável artista, o mestre Ismailovitch e Morel. Falavamos de poesia. A certa altura como um tijolo que cai de subito na cabeça o tal amigo, sae-se com esta: "Não gosto de Catulo. Acho-o um poeta horrivel". Nosso choque foi tão grande que ficamos um tempo estatelados olhamos para ele. "Não me olhem assim", continuou o tal, "eu sei que vocês são amigos dele, mas em questão de arte, me parece que a amizade deve ceder ao bom senso". E desenrolou um novelo de conceitos sobre a arte em geral, e metodos de critica, derramando uma erudição velha cheia de frases feitas. Eu, Gas-

(CONCLUE NA PAGINA 34



Catulo mostra a amigos (entre eles o jornalista Barnabé de Campos e o palhaço Benjamin de Oliveira) sua magistral caricatura executada por Monteiro Filho

Artista boêmio, Catulo da Paixão Cearense tinha milhares de amigos, nos meios musicais, nas rodas teatrais, nos círculos literários do Brasil. Tendo se ligado a dezenas de compositores, que escreveram músicas para os seus versos, que pediram a sua colaboração consagrada e que, com êle, foram pioneiros da indústria do disco no Brasil, Catulo da Paixão Cearense escreveu duas operetas, "O Marroeiro" (com Ignacio Raposo), e "Flor de Santidade". Era sócio efetivo da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais e, sempre que deixava o seu tranqullo subúrbio, não deixava de ir aos nossos teatros e de visitar os seus amigos que fazem da ribalta a sua profissão.

Entre as amizades de Catulo, o grande comediante Procópio Ferreira foi uma das maiores. Procópio chegou a se fazer retratar, pelo pintor Ismailovitch, num quadro em que Catulo figura, juntamente com outros dos seus amigos. O volume "Fábulas e alegorias", de Catulo, dedicado a Procópio Ferreira, só veio á lume, na sua primeira edição, porque êsse festejado ator financiou a publicação do volume, hoje reeditado pela terceira vez. Procópio, nas suas festas artísticas, sempre prestigiou o grande poeta sertanejo, interpretando admiravel-

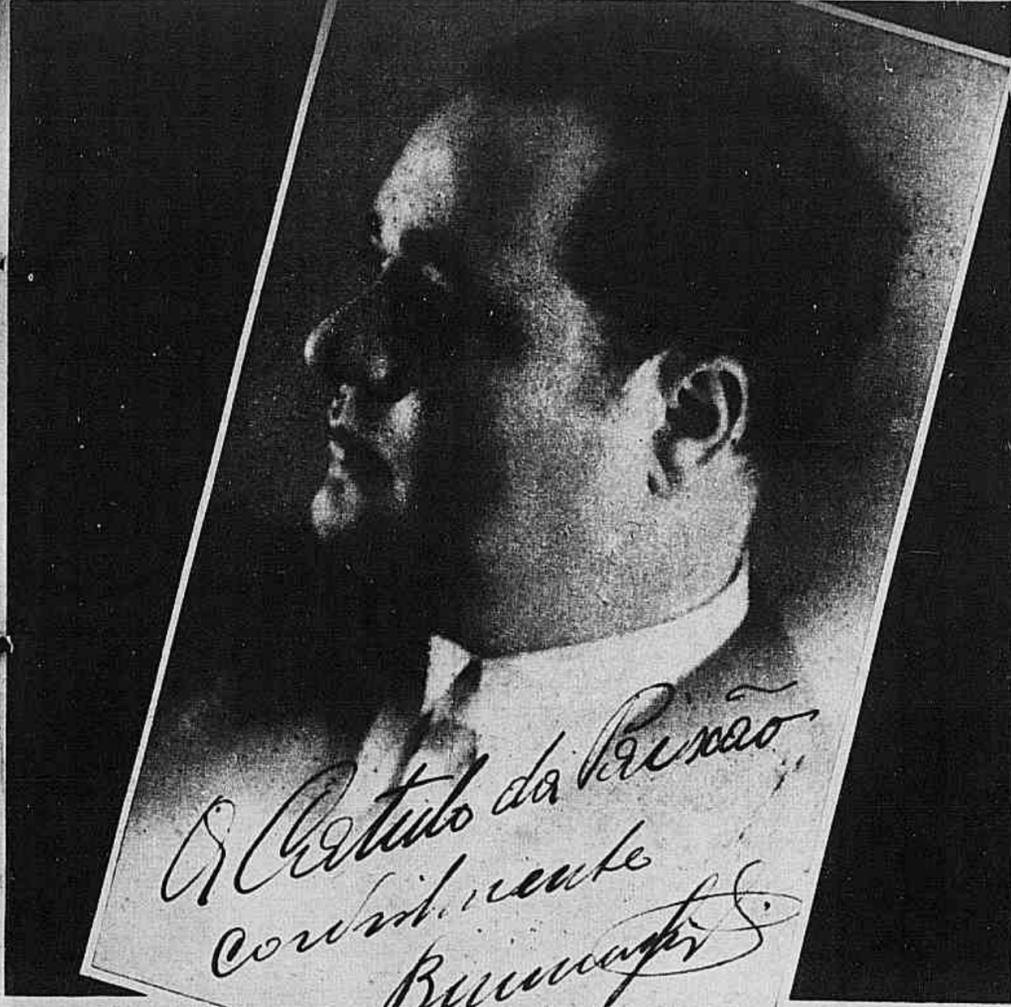
Farmácia São José

Completo e variado sortimento de produtos químicos e especialidades farmacêuticas dos melhores fabricantes nacionais e estrangeiros

ASTOLPHO LOPES SOARES

RUA BERGAMINI, 45-A

FONE: 29-2789 —RIO



Beniamino Gigli, o grande tenor italiano, era um admirador de Catulo da Paixão Cearense. (e Catulo também dele). Gigli deu ao autor de "Meu Sertão" esta foto autografada



Beatris Costa era uma das grandes admiradoras e das amigas de Catulo...

CATULLO DA PAIXÃO CEARENSE



GLORIOSA TRADIÇÃO DO BRASIL



QUANTO mais civilizado é um povo, mais respeito e orgulho tem à obra dos seus grandes Artistas, pois é a estes que se deve essa Civilização. Pouco se fez, até hoje, pelas nossas gloriosas tradições, que permanecem ainda no mais triste esquecimento. Faltava-nos, entretanto, uma oportunidade para despertar em nossos corações esse sentimento magnífico, transformando-nos em orgulhosos admiradores dos legítimos representantes da nossa Cultura. Se hoje não podemos ajuizar o que muitos brasileiros fizeram pelo nosso País, não nos cabe a culpa, mas compete-nos fazer com que nossos filhos possam sentir melhor por que o Brasil é digno de tanto amor e respeito.



A obra grandiosa de CATULLO DA PAIXÃO CEARENSE é, sem dúvida, uma das mais belas e ricas contribuições à música e à Poesia.

Para que possa ser sempre admirada, resolveu o brilhante vespertino carioca "A NOITE", em colaboração com "A NOITE Ilustrada", "Carioca", "Vamos Ler!" e a "Rádio Nacional", dar ao Brasil "A CASA DE CATULLO", adquirindo para esse fim, a casa em que viveu o Poeta, ao mesmo tempo que trata da construção do seu mausoléu. A esse movimento vem se juntar a "EDITORA BEDESCHI", que tem a honra de possuir, entre outras valiosas edições, quatro grandes livros do maravilhoso poeta, músico e cantor. Numa delas, "MATA ILUMINADA", encontrará o leitor a mais bela canção da alma americana. "Luar do Sertão"; e nas outras, "POEMAS BRAVIOS", com prefácio de Ruy Barbosa, "MEU SERTÃO", com prefácio de José do Patrocínio Filho, e "SERTÃO EM FLOR", com prefácio de Mario de



Alencar, os mais opulentos e geniais Poemas do "nosso Catulo", na expressão glorificadora de Ruy Barbosa.



Preço de cada exemplar CRS 10,00



Em tôdas as boas Livrarias

Pedidos pelo Serviço de Reembolso Postal à distribuidora exclusiva

LIVRARIA EDITORA
ZELIO VALVERDE S. A.
TRAVESSA DO OUVIDOR, 27 — CAIXA POSTAL 2.956
RIO DE JANEIRO BRASIL

OS MAIS BELOS POEMAS DE CATULO O MARRUEIRO



Este marroeiro (moço) vai contar o seu caso a outro marroeiro velho, centenário, celibatário e tocador de viola, como éle.

O "Velho Marroeiro", novo poema em resposta a éste, encontra-se no livro "Mata Iluminada".

Esta a razão por que o autor substituiu o vocativo — Sá dôna — por — Marroeiro.

E' a primeira vez que éste poema é publicado na íntegra, sob as vistas do autor.

A ALBERTO NUNES FILHO

MARRUEIRO, eu sou marruérol...

Nacendo, como tinguí,
fui ruim, como piranha,
mais pió que sucuri.

Pixuna daquelas banda,
véve a gente a campial...
Deus fez o hõme, marruérol,
prá vivê sêmpre a lutá.

Mêu pai foi bixo timive
e eu fui timive tãmbém!
O pinto já sêe do ovo
cum a pinta que o galo tem.

Se meu pai foi marruérol,
havéra de eu tá na tóca,
a rapá no caitetá
a massa da mandioca?!

Bebedô de madureba,
pissuindo carne e caroço,
eu nunca vi cabra macho
que me fizesse sobróçol

Nunca drumí uma noite
imbaxo de tejupál...
Nací prá vivê nas gróta,
prá vivê nos môcsá...
prá drumí longe dos rancho,
prá-riba duns gravatá...
vendo a lua pulas fôia
d'um férmoso iriribál!

Nos gaios da umarizêra,
o cantá do sanhassú:
na boca triste da noite,
o gimido da inhabá...

e as tuada da cabôca,
lavando n'água do rio,
e os canto, prá via dela,
nos samba... nos disafio...

nada disso, não, marruérol,
me dava sastifação,
como o mugido bravio
dos valente barbatãol

Nada fazia, marruérol,
o coração me pulá,
como uvi pulas varjôta,
os berro dos marruál!

Na paz de Deus eu vivia
nos brêdo dos matagá,
tocando a minha viola
só prá meu gado iscutá.

Lá, prá banda onde eu nací,
já se falava do amô:
todas as boca dizia
que era farso e matadô!

Mas porê, foi trazantonte,
no samba do Zé Benito.

que eu panhei uma chifrada
que me deu êsse marditol!

Nas marvadage do Amô
não hai cabra que não caia,
quando o diabo tira a roupa,
tira o chitre e tira o rabo
prá se vistí c'uma sáial!

Se adistoiando no samba,
cantando uma alouvação,
eu vi a frô dos cabôrge
das morena do sertãol!

Trazia dento dos óio
istrépe e mé, como a abêjal
Oíou-me como uma onçal...
E, ao despois, como uma ovêial!

Aqueles óio xingôso,
eu confesso a vasmincê,
ruía a gente prá dento
que nem dois caxinguêl!

Sem mardade, um bêjo dado
naquela boca orvaiada,
havéra de tê, marruérol,
o chêro das madrugada!

A fala dela, marruérol,
era o gemê do regato,
que vai bêjando as fôiaje,
que cá da boca dos matol!

As duas rôla morena,
prá baxo do cabeção,
trimia, como a água fresca,
quando o vento bêja as água
das lagôa do sertãol...

Pruqué os dois peito alembrava
dois maduro cajá-manga,
e a boca, tôda vremeia,
parecia uma pitanga.

Chêrava as mão da cabôca,
como os verde maturí...
Era taliquá, marruérol,
dois ninho de jurutí!

Os pezinho da curumba,
quando dançava o baião,
parecia dois pombinho,
a mariscá pulo chão!

Eu me alembrôl... A saia dela,
cô das pena da irêrê,
tinha a sôdade dos mato,
quando vai anoitecêl!
Aqueles braço de fogo,
(Deus não me castigue, não!)
quémava, como as fuguêra
das noite de São João!

Marruérol... Os cabelo dela
tinha o calô naturá
da pomba virge dos mato,
quando começa a aninhál...

Apois, os cabelo dela
tão preto pró chão caia,
que tôda a frô que butava
nos cabelo, a frô muchava,
pensando que anoitecial!

O suó que ela suava
no samba, chêrava tanto,
que inté a gente sentia
um chêro de ingreja nova,
um chêro de dia santol!

As anca, as cadêra dela,
surrupiano no côco,
tôda a se tamborilá,

a móde que parecia
o xaquiá de uma onda,
que vem jupiando, redonda,
na praia se derramá!

Japiaçôca dos brêjo,
no arrastado do rojão,
cantava cum tanta mágua,
cum tanto amô e paxão,
que ispaiava, no terrêro,
o ôrôma do coraçôl!

O coração das viola
aparava, de mansinho,
se os dois fiôte de rola,
quando ela táva sambando,
pulava fóra do ninhol...

Entonce, aqueles dois óio,
soreno, como o luá,
vinha prá riba da gente,
taliquá dois marruá.

Intrava dento da gente,
como duas zelação...
Mas porê, a gente via,
no fundo daqueles óio,
a hora da Ave-Maria,
gemendo nas corda fria
das viola do sertãol!

Prá móde daqueles óio,
dois marvado mucuim,
um violêro, afulémade,
partiu prá riba de mim!

Temperei minha viola,
intrei logo a puntíá,
e ambos os dois se pegueño,
n'um disafio, ao luál!

Premiti a Santo Antonio,
se eu vencesse o cantandô,
de infeitá o seu fiñho
cum um ramaiête de frôl!
Só despois que nestas corda
fiz pinto cessá xerê, vi
que o bichão se chamava:
— Manué Joaquim do Muquêml!

Manué Joaquim era um cabra
naturá de Piancól...
Quando gimia no pinho,
chorava, como um jaól!

Eu, marruérol, arrespundia
nestas corda de quandá,
e os acalanto se abria,
como as frô do imbiruçal!

Foi despois do disafio,
quando eu saí vencesdô,
que os canto e os gemê dos pinho
n'um turumbamba acabou!

Imquanto nós dois cantava,
sem ninguém tê dado fé,
tinha fugido a cabôca
cum o Pedro Cahitoré!!!

Tinha fugido a curumba
cum aquele bóde ronhêro,
um tocadô de pandêro
e runiadô de zabumbal!

Tinha fugido, marruérol,
aquela frô dos meus ai,
como uma istrela que foge,
sem se sabê prá onde vaill!

Na luz do Só, que acordava,
lá, no corô do Nacente,
a móde que Deus, contente,
cum a natureza sonhava!

O canto alegre dos galo
nos capeerão amiudava!...
Nos taquará das lagôa
as saracára cantava!...

Alegre, passava um bando
das verde maracaná!...
Férmosa, como a cabôca,
vinha rompendo a minhál!

O vento manso da serra
vinha acordando os caminhol
Vinha das mata chêrosa
um chêro de passarinhol!

Lá, no fundão d'uma gróta,
adonde um côrço gimia,
gargaiava as siriêma
cum o fresco nacê do dia!

Uma araponga, atépada
n'um braço de mato, im frô,
gritava, como si fosse
os grito da minha dôl!

E a sabiá, lá nos gajo
da tabibúia, serena,
trinava, como si fosse
uma viola de penal!
Um passarinho inxirido,
mardosamente iscundido
nas fôia de um tamburi,
sastifeito, mangofando,
de mim se ria, gritando
lá de longe: "bem te vi"!

Chegando na incruzada,
despois do dia rompê,
sipurtei o meu segredo
n'um véio tronco de ipêl!

Dênde essa hora, inté hoje,
eu conto as hora a penál...
Eu vórtô a sê marruérol...
Vou vivê cum os marruál!

Eu tinha o corpo fechado
prá tudo o que é marvadez!
Só de surúcucútinga
eu fui murdiço três vez!...

Tândo cum o corpo fechado,
prás feitiçage do Amô,
pensei que eu tava curadol!

Dos marruá mais bravio,
que nos grotão derribe,
munta chifrada penosa,
munta marrada eu leveil!

Prá riba de mim, Deus pôde
mandá o que éle quisê!

O mundo é grande, marruérol...
Grande é o amô!... Grande é a fêl...

Grande é o pudê de Maria,
ispôsa de São José!...

O Diabo, o Anjo mardito,
foi grandel... Como inda éll!

Mas porê, nada é mais grande,
mais grande que Deus inté,
que uma chifrada, marruérol,
dos óio d'uma muiêl!

VOCABULARIO

Marruá — touro.
Marrueiro — pastor do gado.
Tinguí — erva venenosa.
Piranha — peixe mordedor.
Sucuri — cobra.
Pixuna — rato selvagem.
Manduréba — cachaça.
Campiá — andar à busca de gado, pelos campos.
Sobróço — mêdo.
Tejupá — cobertura de palha.
Môcsá — caverna.
Barbatão — touro.
Alouvação — canto, louvando alguém.
Cabôrge — feitiço.
Istrépe — espinho.
Caxinguelê — animal roedor.
Baião — dança.
Irerê — ave palmípeda.
Japiaçoca — ave ribeirinha.
Rojão — toque de viola.
Zelação — estrela cadente.
Mucuim — parasito que se introduz na pele.
Afulémado — raivoso.
Puntíá — preludiar na viola.
Pinto cessá xerê — fazer bonito.
Jaó — ave de canto melancólico.
Maracanã — periquito.
Araponga — ave também chamada Ferreiro, de grito agudíssimo.
Corpo fechado — aquele que por meio de rezas e outras superstições, fica isento de mordeduras e feitiços.
Surúcucútinga — cobra venenosíssima.



OS MAIS BELOS POEMAS DE CATULO TERRA CAÍDA

AO INSIGNE MARIO JOSE' DE ALMEIDA

COMEÇA este poema na noite em que o grande violeiro — Chico Mindélio, de volta ao Ceará, depois de uma ausência de sete anos no trabalho dos seringais, no Amazonas, a pedido do povo do sertão, vai contar o que se passou consigo, por aquelas paragens.

Terra Caída são as terras que se desmoronam, à margem do rio, com fragor, levando grande extensão de frente e fundos.

TERRA CAÍDA

Ao insigne Mário-José de Almeida
Faz hoje sete janéiro,
que eu dêxel o Ciará,
e rumei lá pró Amazona,
a terra dos siringá.

N'aquelas mata bravia,
lá, nos centro arritirado,
as arve tem munto leite,
mas nós já tâmo cansado!

O inverno, n'aquela inferno,
é uma grande infernação!
No inverno não se trabalha,
que é o tempo da alagação.

Isperei. Veio o verão.

E' mais mió não falá!...
Tú qué sabê, meu amigo,
o que é os siringá?!

E' trabaiá... Trabaiá!
E' um hõme se individá!
E' vivê n'uma barraca,
n'um miserave casebre
e sê ferrado da febre,
que anda danada prá lá!

E' trabaiá, trabaiá,
dênde que rompe a minhã,
prá de dia sê chupado
pulo piúm, que é marvado,
e de noite sê sangrado
pulo tá carapaná!!

E' um hõme dá toço o sangue
pró mardito do piúm,
e vortá mais disgracado,
como eu — o Chico Mindélio,
duente, feio e amarelo,
como a frô do girimúm.

Ansim, lá dos siringá,
no fim de três, de três ano,
sem um vintem ajuntá,
ia vortá prá Manáu,
tândo fixe na tenção
de Manáu vim pró sertão
do meu quirido Ciará.

Apois!... siguinto os consêio
que me dava o coração,
arrêzôrvi não vortá!

N'um terrêno, im ribancêra,
na bêra mêmô do rio,
depois d'um ano gastado
de trabaio cum o machado,
prá aquelas árve gigante
na derrubada quêmá,
incoivarei um roçado
e cumecei a prantá:
feijão, mio, mandioca,
e fui filiz no lugá.

A terra era munto bõa
prá fazê um roçado:
ião bõa, que era percizo
vivê cum a inxada na mão!
Se um hõme mamparriasse,
a imbaúba, a gitirana,
o mata-pasto, a caíva,
o taxizêro danado,
o taquari... n'um instantinho,
tudo cubria o roçado.

"Cabôco Onça" era ansim
que eu ali era chamado.

Apois, no fim de dois ano,
cumpade, eu já pissuia
umas cabeça de gado!

Mas porêem, meu véio amigo,
tudo o que hoje o hõme faz,
n'outro dia Deus disfaz!

Ouve. Um dia, Zé Pacú,
indo a Igarapé-Assú,
onde tinha um ajuri,
levou cum êle uma fia,
que se chamava — Maibí.

O pagode, a festa, o samba,
era im casa d'um rocêro
de nome: — Antonio Truamba.

No pagode do Truamba,
chorei tanto na viola,
de noite intê de minhã,
que a fermosa cunhatã
teve uns caído prá mim!

Óia, a coisa foi ansim.

A cabôca fez promessa
de nunca mais me isquecê!

Que pena não sabê lê!

Ela disse tanta coisa,
tanta palavra bunita,
que eu, intê, nem sei dizê!

Nunca tive tanta pena
e tanta malincunia
de não sabê inscrevê!

Agora váncês me diga:
o que havêra eu de fazê?!

A festa tinha acabado!

Eu táva discambimbado!

Na hora que toda gente
já táva se adispidindo...
a muié táva chorando!
Vendo a muié saluçando...
fui assuntando... assuntando...
e... odespois, arresôrvi!
Pidi a mão de Maibí!

Nos óio dos cunvidado
correu uma ispantação!

A cara dos namorado
de Maibí, naquele instante,
ficou taliqá se visse
uma grande assombração!

Maibí ficou tão contente,
quando o pai, arrêzôrvido,
no meio de tôda gente,
satisfez o meu píido.

Eu não quiria!... E' vercåde!
Mas porêem, era mardade,
era mardade e perrice
não crê naquelas dengueice
duma muié adorada,
nem nas coisa que jurava
cum a sua palavra honrada!

Apois, ficou ajustado
que, depois de mais dois ano
de trabaio no roçado,
nós havêra de casá.

Depois da festa acabá,
a festa do seu Truamba,
uns prá aqui, outros prá lá,
cada um siguiu viage.

A barraca do Paçú,
do véio pai de Maibí,
ficava lá da outra marge,
da outra banda do rio,
num bunito massapéz.
Só de três mês im três mês,
eu fazia a travessia,

(duas hora de canôa...)
prá hí vê a curumim,
e só quatro mês fartava
prás coisa chegá no fim.

Zé Pacú dava um pagode
no dia oito, im dezembro,
que é o dia da Cunceição.

Cum rézão ou sem rézão,
João Capixaba, um caúchêro,
das banda de Sairé,
me contou que a cabôquinha,
numa festa, im Caeté,
no dia de S. João,
só cum caquêro dançou,
e prá via disso a festa
im tempo quente acabou!!!

Dei tempo ao tempo: isperei.

O dia oito chegou!!!
"Vamo vê", disse curnigo,
"se o cabra não me inganou."

*

Naquele braço da costa,
de todo lado se via,
atupetada de gente,
as canôa, as montaria.

Vinha decenço um Gaiola.

Pequei na minha viola,
e deci pulo barranco!

A lua, branca arupêma,
tôda redonda e cheinha,
penêrava lá de riba!
E o rio táva tão branco,
cumo um montão de farinha!

Remando naquela hora
prá barranca da outra marge,
um bando de montaria,
carregando os cunvidado,
foi siguinto de viage.

O Pacú era quirico
e cunhido de tudo!
Vinha gente intê de longe,
lá das banda do Serudo.

Nunca vi tanta canôa
atupetada de gente!
As agua mansa do rio
se ria intê de contente!

A noite táva bunita,
cum seus visticô de chita,
da cô da frô dos ipé!!
A noite infeitiça a gente,
pruquê a noite é uma miué!

Ansim, bunita e fermosa,
cum uma saia toda azú,

(Conclui na página 33)

UM DELEITE PARA O ESPÍRITO DO LEITOR



Os Livros da "Coleção Azul" (O LIVRO DE BOLSO DO BRASIL)

Entre as homenagens prestadas a CATULO DA PAIXÃO CEARENSE, destaca-se a que a A NOITE, em colaboração com "A NOITE Ilustrada", "Cariôca", "Vamos Ler!" e a "Rádio Nacional, iniciou com o fim de construir o seu mausoléu e adquirir a casa em que residiu o maravilhoso poeta, músico, cantor e compositor. A "EDITORA AURORA", que se orgulha de possuir entre as suas edições "O TESTAMENTO DA ARVORE", fruto de uma árvore secular, não poderia deixar passar esta oportunidade sem se associar aos que concorrem para o maior brilhantismo da mesma.

Visando facilitar a leitura do que há de melhor na literatura universal, a "EDITORA AURORA" empreendeu o lançamento da "Coleção Azul", em volumes de formato portátil. O valor e a variedade das obras escolhidas, a bem cuidada confecção, o preço acessível, são requisitos que fazem desta coleção um motivo de suave entretenimento, no aconchêgo do lar ou a caminho do trabalho.

VOLUMES PUBLICADOS

- 1 - "Amores do Diabo", de Jacques Cazzotte, trad. de Camilo Castelo Branco (Romance).
- 2 - "O Índio Afonso", de Bernardo Guimarães (Romance).
- 3 - "O Correio de Lyon", de Pierre Zaccone (Romance).
- 4 - "O último Dia de Um Condenado", de Victor Hugo (Romance).
- 5 - "Noites Brancas", de Dostoievski (Novela).
- 6 - "Acuso", de Emile Zola, trad. de Elias Davidovich (Documentário).
- 7 - "Luz Interior", de Honoré de Balzac (Romance biográfico).
- 8 - "O Corcunda de Notre Dame", de Victor Hugo (Romance).
- 9 - "O TESTAMENTO DA ARVORE", de CATULO DA PAIXÃO CEARENSE (Poesia). Contendo uma poliantêia de juízos-críticos sobre o Poeta, organizada e anotada por Guimarães Martins e várias caricaturas.
- 10 - "O Sonho", de Emile Zola (Romance).
- 11 - "Senhor e Servo", de Tolstoi (Novela).
- 12 - "Catarina, a Grande", de Otto Schneider (Biografia).
- 13 - "O Castelo de Eppstein", de Alexandre Dumas.
- 14 - "A Dama de Companhia", de J. Saud.
- 15 - "A Sepultura de Ferro", de H. Conscuse.

Cada volume da "Coleção Azul" custa, apenas, Cr\$ 6,00. Em tôdas as boas livrarias do Brasil, Pedidos pelo Serviço de Reembolso Postal à "EDITORA AURORA" RUA VINTE DE ABRIL, 16 Rio de Janeiro.



UMA PÁGINA QUE JOÃO RIBEIRO LOUVOU SEM RESTRIÇÕES

O ilustre poeta e crítico confessou haver sido superado nesse tema pelo grande Catulo da Paixão Cearense

Nenhum crítico brasileiro fez maiores reservas à poesia de Catulo da Paixão Cearense. Um artigo de João Ribeiro sobre "Meu Sertão" fez com que Catulo entrasse em azeda polémica com João Ribeiro. Este crítico, entre outras coisas, dizia d'ele: "Catulo Cearense é um poeta nacional, não tenho dúvida; mas tão artificioso como os outros poetas cultos e talvez, mais do que eles". A despeito dessa opinião, respeitável, mais isolada, João Ribeiro destacou, na sua crítica, o poema "O Lenhador", do qual disse:

"Não há mais literário que o formoso apólogo "O Lenhador", que se transforma em "Jardineiro"; a fabulação é bem feita; o homem que matava as árvores encontra numa delas a sua redenção e a vida comprometida. Não há na poesia popular, que eu conheça, um tema de tal ordem, mesmo entre os casos de totemismo vegetal que a etnologia registra. O poema é bem arquitetado. É a história de um lenhador que derriba ár-

vores, não por desfastio como Gladstone, mas por necessidade de carvoeiro e proprietário". Depois de citar trechos do poema, João Ribeiro escreveu: "Éis um belo poema cuja inspiração literária é evidente. De mim, se ousou falar, escrevi também uma poesia bárbara e imperfeita, — a "Vingança da Árvore", que sofre da injustiça cruel do esquecimento; e não creio

que entrasse nela nenhuma inspiração sertaneja. A de Catulo é muito melhor, mais perfeita, menos artificiosa e sem o pedantismo de fórmulas métricas exóticas; entretanto, é ainda uma criação erudita, disfarçada sob a fraseologia inculta de idiotismos, vocábulos e locuções sertanejas". Aquil vai transcrito o poema de Catulo, louvado por João Ribeiro:

O LENHADOR À MEMÓRIA DE PAULO SILVA ARAUJO

Um lenhadô derribava as árve, sem percizão, e sêmpê a vô li dizia! "Meu fió: tem dó das árve, que as árve tem coração!"

O lenhadô, n'um muchôcho, e rindo, como um sarvage, dizia que os seus consêlo não passava de bobage.

As vez, meu branco, o marvado, acordando munto cedo, pegava no seu machado, e levava o dia intêro, iscangalando o arvoredô.

E a vô, supricando im vão, sêmpê, sêmpê li dizia: "Meu fió: tem dó das árve, que as árve tem coração!"

N'uma minhã, o mardito, inda mais bruto que os bruto, sem fazê caso dos grito da sua vô, que já tinha mais de noventa janêro, botou no chão um ingazêro, carregadinho de fructo.

D'outra feita, o arrenegado fez pió, munto pió! Disgaiou a laranjêra da pobrezinha da vô, uma véia laranjêra, donde ela tirou as frô prá levá no seu vistido, quando, virge, si casou cum o véio, que tanto amou, cum o difunto... o falcido!!

E a vô, supricando im vão, sêmpê, sêmpê li dizia: "Meu fió: tem dó das árve, que as árve tem coração!"

Do lado do capinzá, adonde pastava o gado, táva um grande e véio ipê, que o avô tinha prantado.

Depois de levá na roça c'uma inxada a iscavacá, debaxo d'aquela sombra, nas hora quente do dia, vinha o véio discansa.

Se era noite de luá, ali, num banco de pedra, c'uma viola cunversando, o véio, já caducando, rasgava o peito a cantá.

Apois, meu branco, o tinhoso, o bruto, o máo, o tirano, a féra disanturada, um dia jogou no chão aquela árve sagrada, que tinha mais decem ano!

Mas porêem, quando o tinhoso isgaiava o grande ipê, viu uns burbuio de sangue do tronco véio iscorrê!

Sacudiu fóra o machado, e deu de perna a valê!

E foi correndo!... correndo!!

Cada tronco que ia vendô das árve que ele torou, era um braço alevantado d'um hóme, meo interrado, a gritá: "Vai-te, marvado!... Assassino!... Matadô! Foi Deus quem te castigou!"

E foi correndo!... correndo!!

Cada vez curria mais!

Mas porêem, quando, já longe, uma vez ôiou prá-traz, vendo ipê alevantado, como um hóme insanguentado, cum os braço todo torado... cada vez curria mais!

Na barranca do caminho, abandonado, um ranchinho, entre os mato entonce viu! Qué vê se isbarra e discansa e o ranchinho, prá vingança, im riba d'ele calu!

E foi correndo e gritando! E as árve, que ia tópando, e que má podia vê, como se fosse arrancada cum toda a raiz da terra, n'uma grande adisparada ia atraz d'ele a corrê!!

Na boca da incruzada vendô uma gruta fechada de verde capuangá, o hóme introu pulos mato, que logo que viu o ingrato, de mato manso e macio, ficou sendo um ispinhá!

E foi outra vez correndo, cansado, pulos caminho!...

Toda a pranta que incontrava, o capim que ele pizava táva crivado de ispinho!!!

Curria... e não aparava!!!

Ia correndo, sem tino, como o marvado, o assassino, que um inocente matou!

Mas porêem, na sua frente, o que ele viu, de repente, que, de repente, impacou?!

(CONCLUE NA PÁGINA 34)



A CASA DE CATULO

O maravilhoso Sabiá do Brasil vai ter a sua casa, graças à brilhante campanha iniciada pela A NOITE, em colaboração com "A NOITE Ilustrada", "Carioca", "Vamos Ler!" e a "Rádio Nacional". Visando adquirir a casa em que Catulo viveu e, também, construir o seu mausoléu, tem o grande vespertino carioca o apoio de todos os brasileiros, que aliam a Cultura à Arte de saber distinguir entre os Artistas os que mais dignos são da Admiração do País. A êsses brasileiros, a "LIVRARIA EDITORA ZELIO VALVERDE S. A." vem se juntar, o que faz com o justo orgulho de quem é responsável pela magnífica edição de "POEMAS ESCOLHIDOS", do imortal poeta, músico e

cantor. Esta formidável Seleção dos grandes Poemas de CATULO foi organizada e anotada por GUIMARAES MARTINS e revista pelo próprio autor. Contém juízos-críticos de diversos intelectuais, vários inéditos e caricaturas do Poeta, feitas pelos nossos melhores desenhistas. Foi tirada uma edição de 150 exemplares no formato 24 x 17, em papel especial, numerada e rubricada por CATULO. Custam os exemplares desta edição especial, os seguintes preços:

— Brochura, Cr\$ 100,00; encadernação comum, Cr\$ 150,00; e encadernação de luxo, Cr\$ 230,00.

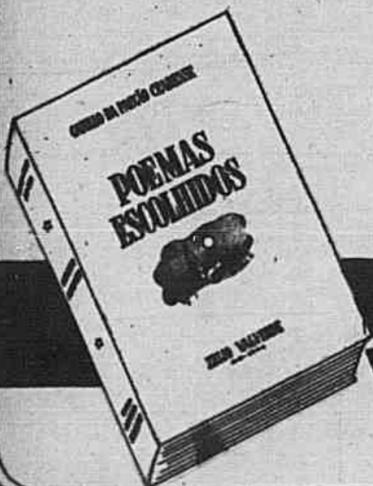
Acaba de sair a 2ª edição comum de "POEMAS ESCOLHIDOS", aumentada de novos poemas e caricaturas de Catulo, feitas por diferentes artistas

A venda em tôdas as boas livrarias. Pedidos pelo Serviço de Reembolso Postal à

LIVRARIA EDITORA
Zelio Valverde S. A.

TRAVESSA DO OUVIDOR, 27

Caixa Postal, 2956 — Rio de Janeiro



*Quem vive com a natureza,
é sábio, artista e cristão,
tem nella toda a ciência,
toda a beleza dos artes,
e toda religião.*

Catullo

Rio, 31, 1, 1946

A dor mandou que eu chorasse,
para alívio dos pezares,
mas já não tendo mais lágrimas,
estou chorando cantares.

Muita imagem lá na igreja
sorri, com um sorriso etéreo!
Mas quando saís lá da igreja,
a igreja fica tão triste
que parece um cemitério!

Não tenho mais uma lágrima
no cofre do peito meu!
Quantas pedras preciosas
o coração derreteu!

Quis contar a minha vida
das flores á mais formosa,
mas de pronto arrependi-me...
fiquei com pena da rosa.

O meu amor, que é de fogo,
não dá flores entre o gelo...
O coração das mulheres
é escasso para contê-lo.

Esses teus olhos formosos
de um azul límpido e leve,
são como dois beija-flores
num ninho feito de neve.

Tu remoças dia a dia,
e eu vivo mais alquebrado:
dá-me o beijo prometido,
para eu morrer descansado.

Quando passas pela estrada,
acendendo mil desejos,
atrás de ti vais deixando
um doce cheiro de beijos.

AS MAIS BELAS TROVAS DE CATULO MEU SERTÃO

Quando foges do meu lado,
minh'alma ansiosa te espera,
como a roseira, sem rosas,
a volta da Primavera.

Se vejo as tuas roseiras
por essas manhãs cheirosas,
tenho a ilusão de estar vendo
um grande incendio de rosas.

Meu coração é uma fera,
um leão esfomeado,
que, a rugir, vai devorando
o cadaver do Passado.

Do teu anel primoroso
a pedra viva, encarnada,
é um grande pingo de sangue
numa flor amorenada.

Pedi! Chamei por teu nome!
Tu te fizeste de mouca!
Dei-te um beijo, e então ficou-me
um mel de fogo na boca.

Uma Venus tão somente
existe nos céus serenos
e em teu rosto alvinhento
vejo sempre duas Venus.

Morto, eu peço-te esta esmola,
peço, em nome de Jesus,
que partindo esta viola,
faças d'ela a minha cruz.

Vive o homem doido e vário
por ter mais ouro na mão,
e eu seria um milionário,
se encontrasse um coração.

Quando suspiro a teu lado,
não julgues que é brincadeira,
pareço um mocho pousado
na rosa de uma roseira.

Se me volves do sobrado
um teu olhar divinal,
vejo um lírio debruçado
sobre um verde pantanal.

Nestas campinas, agora,
a relva, cheirando a flor,

tudo, tudo, tudo chora!...
Se alguém canta, é a minha dor!!
Um sabiá doce e ameno
nos selos da tarde fria,
rorejado de sereno,
descanta uma Ave-Maria.

As tuas mãos candorosas
e o teu rosto, ó feiticeira,
parecem mesmo tres rosas,
e tu — o hastil da roseira.

Trindade do coração,
em que minh'alma descansa,
é minha religião: —
amor, saudade e esperança.

Qualquer frase acerba e dura
que ela me atira, eu sorrio:
pois encerra tal doçura
que parece um elogio.

O cego implora, chorando,
um farrapo de ilusão,
e eu vivo a ti mendigando
um farrapo de ilusão.

Tão cruel é minha sina
que eu vivo esta vida austera,
como uma flor na campina,
de luto na primavera.

Do inverno adoro os rigores!...
Minh'alma, que nada espera,
nada tem que ver com as flores,
nada tem com a primavera.

Por que em lugar de um poeta
não me fez Deus um banqueiro?
Tu viverias repleta,
não de versos... de dinheiro.

"Quais são as côres do beijo?"
ela a mim me perguntou!
— Os teus — lhe disse — são
[verdes!
Maduros — os que eu te dou.

No meu livro de orações
guardo uma rosa sombria,
que das preces do meu livro
é a mais bela Ave-Maria.

*Os pesinhos da encimada,
quando dançava o beija-flor,
parcia dois promissos,
a mais bela pua do sertão.*

Catullo

Rio, 31, 1, 1946

Tu partes hoje, querida!...
Muito a noite já chorou!
Para te dar os adeuses,
até o sol madrugou.

No luar deste silêncio,
d'esta noite abençoada,
parece andar pelos ares
uma trova enfeitada.

Todo o azul do firmamento,
quando em meus olhos te miras,
corre doido em tuas veias,
como um bando de safiras.

Juntando os lábios á terra,
teu nome eu disse baixinho,
e quando o dia brotava,
brotou da terra um espinho.

No deserto do teu peito,
dia e noite perfumados,
se levantam, veludosos,
dois montes acabocados.

Quando me negas um beijo,
sacodes os meus pezares,
como o vento das procelas
na branca areia das praias,
sacode a espuma dos mares.

Tu queres crucificar-me?
Abre os braços! Forma a cruz!
Dá-me o féi que tens nos lábios!
Morrerei, como Jesus.

Quando passas pelas rosas,
soluçando os teus odores,
eu ouço os jardins rezando
um Padre-Nosso de flores.

Prefiro a Dor ao Prazer,
por esta razão sómente:
todo o Prazer vai-se embora,
toda a Dôr fica com a gente.

Não há nada neste mundo
que mais me possa inspirar
que um cemitério de noite,
sonhando á luz do luar.

Quando mais com uma ferida
tu me feres... eu não choro!
E' mais uma boca aberta,
para eu dizer que te adoro.

Tu és feia, mas contudo,
vejo em ti muita poesia:
se teu rosto é um lírio murcho,
tua alma é uma Ave-Maria.

(CONCLUE NA PAGINA 25)



Em que oitava V. ouve bem?

Sim! A surdez é um problema que pode e deve ser resolvido! Mas, para que V. possa resolvê-lo satisfatoriamente, deve obter antes a resposta exata para esta pergunta: Em que oitava V. ouve bem, quais as que deixa de ouvir? — Nisto estará a solução do seu caso de deficiência auditiva, pois só com este conhecimento básico será possível encontrar o aparelho otófono que o fará ouvir de novo! — O Centro Otófono do Brasil — a única organização em seu gênero no país — está aparelhado para lhe prestar este serviço. Representando uma grande quantidade de aparelhos otófonos, para todos os preços, indica cientificamente e fornece o aparelho que rigorosamente se adapta ao seu caso individual de surdez.

Comunique-se hoje mesmo, sem o menor compromisso de sua parte, com o Centro Otófono do Brasil, e receba explicações mais detalhadas, preenchendo o cupom abaixo:

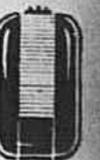
A O CENTRO OTÓFONO DO BRASIL

Rio de Janeiro - Av. Franklin Roosevelt, 84, s/202 - S. Paulo - Rua General Osório, 188 - 10º s/1002 - Esq. de Sta. Efigênia - Belo Horizonte - Rua Carijós, 561, s/308
Queiram remeter-me, sem nenhum compromisso, maiores detalhes a respeito de como poderei obter o aparelho otófono que melhor se adapta ao meu caso de surdez.

NOME
ENDEREÇO
CIDADE ESTADO

Super Telex 1550

pequeno,
com 4
válvulas,
95 gramas
de peso,
filtro de
som, iso-
lado contra ruidos.



Catulo da Paixão Cearense foi também prosador. Escreveu artigos, inclusive de polémica, tendo como contadores João Ribeiro, Agrippino Grieco, etc. E também escreveu contos, como "O Curandeiro", e "O olho d'água", que estampamos em nossas páginas nesta edição, como amostra dos dotes de prosador do grande poeta do sertão. Os contos regionais de Catulo, como muitos dos seus poemas, eram seguidos de glosários, para melhor facilitar aos leitores a exata compreensão do texto.

O curandeiro

Antonio Cobra era, por esse tempo, o mais reputado curandeiro do sertão. Ainda não se tinha dado um caso letal em sua clientela. Era, de fato, prodigioso. Às vezes, mesmo de longe, se lhe era impossível vir à casa da vítima, de longe mesmo, com os seus processos cabalísticos, efetuava a maravilha da cura. Antonio Cobra, em se tratando do tóxico segregado pelas suas homônimas, era um semi-deus daquelas paragens. Quem deixaria de o respeitar e admirar, se ele representava para aqueles homens rudes o eminente Pasteur, imortalizado pelos seus trabalhos sobre a profilaxia da raiva e de outras moléstias contagiosas? Ninguém; e por uma simplíssima razão: — as provas irrefutáveis que a todo momento via com seus olhos. Milagre, Magia, Feitiçaria? O caboclo, que já orçava pelos noventa, era digno de acurado estudo dos homens de ciência.

O coronel Chico Francisco de São Francisco era o proprietário de uma Fazenda de gado do sertão da minha terra natal. Homem rico, laborioso e fino cavalheiro, fazia-se estimado por todos os corações que auscultassem o de sua alma, sempre desejosa de fazer bem. Sua mulher, D. Chica Francisca de São Francisco, era o reflexo da individualidade moral de seu esposo. O coronel era homem de uns setenta invernos primaveris e D. Francisca, de pouco menos. Tinham apenas uma filha de 15 anos, D. Violeta, tão formosa e modesta, como a sua irmã floral e era, por sua vez, o reflexo de sua progenitora. D. Violeta era a estrela polar do coração daqueles dois velhos felizes.

A pouca distância da Fazenda do Coronel, havia outra, cujo dono, o Capitão Vieira Martins, seu amigo e compadre, não lhe era inferior na riqueza nem na bondade. Casado também e quase da mesma idade do seu velho amigo, tinha um filho já formado em medicina, o qual chegara há um mês do Rio de Janeiro. O Dr. Bento Luiz, o filho do Sr. Martins, vinha realizar um contrato feito entre os dois fazendeiros, no dia do seu natal. E qual fora esse contrato? O Dr. Bento faria os seus estudos de humanidades, completaria o seu curso acadêmico na Capital e voltaria ao sertão,

para que se efetuasse o ideal dos dois compadres e de suas esposas, comadres também. Quando o jovem futuro doutor saiu do sertão, já não levava o coração, que pertencia a sua futura consorte — D. Violeta, que o adorava também com toda a fomesura de sua alma.

Dentro de um mês, o casamento seria celebrado pelo capelão da Fazenda do coronel e, segundo era corrente, com extraordinários deslumbramentos, para que permanecesse na memória de todos os coévos, e, depois, na tradição, a majestade daquela festa nupcial. Neste comenos, deu-se uma catástrofe desoladora.

Um dia, pela manhã, D. Violeta borboleteava pelos matos, a colher flores silvestres, quando foi surpreendida pela presença de uma terribilíssima Salamanta, que, avistando-a primeiro, formou-lhe o bote e cravou-lhe os dentes na perna direita. D. Violeta esvaia-se em sangue, quando, por felicidade, passava pela estrada um boiadeiro, recolhendo ao curral um boi tresmalhado. É desnecessário descrever ao leitor a revolução nas duas Fazendas com a notícia daquela desgraça. Prefiro deixar à sua imaginação, que, por menos fértil que seja, bem pode com vantagem dispensar-se desse trabalho.

Que dizer da amargura do Coronel, da aflição de sua esposa, do profundo abalo do outro casal e do desespero do noivo, o Dr. Bento Luiz? Quem, mesmo sem ser pai nem noivo, não sofreria com aqueles pais e aquele noivo, e, finalmente, com todos os corações que estremavam D. Violeta, diante daquela perspectiva funérea? D. Violeta, a violeta de todas aquelas almas, estava com o pé no cairel do abismo da morte!!!

O jovem recém-formado, médico, e, por isso, conhecendo o perigo como ninguém e confiado na terapêutica prolecta do seu colega o Dr. Fortunato Bocayuva, o velho clínico daquelas cercanias, sem perder um segundo, montou no seu Faisca, o cavalo mais corredor de todas as duas Fazendas, e rumou para a casa do antigo esculápio.

Os episódios desta narrativa devem ser rápidos como os de uma representação na

tela mágica do cinematógrafo. Poupeemos a suscetibilidade do coração do leitor. Deixemos os pormenores e, assim, fitemos a estrada real e veremos dois cavalos vertiginosamente, e mais e mais esporeando o seu Pégaso, esquecia-se, talvez, de que o seu velho colega, setuagenário como era, já não podia perpetrar aquelas bravuras. Mas o amor é violento nas ocasiões supremas da desesperação.

(CONCLUE NA PAGINA 36)



EUCLIDES L. SANTOS

Meu nome?! — Sem Nome.

Vassuncê não vá jurgar que eu tô apulando. E' assim que eu sou chamado lá prá aquelas banda da minha terra.

Saberá Vossa Senhoria que me casei na prêmêra sóca do roçado do João Mucum, depois da morte do Imperadô nas Orópa, cum a Maricota Mucum, que é hoje — a Maricota Sem Nome.

João Mucum há três ano tinha perdido o ferro, mas porê, graças a Deos, tinha salvado a semente. A roça do páe de minha muié não tinha parêia pulaqueles brêdo. Tôda a prantação que ali fosse sameada, vinha logo saindo, verdinha, daquela terra. Era só o trabalho do cacumbú. O véio gostava da minha pessoinha, como preguiça das fôia da gagaíba.

O João vivia contente, que seu doutô nem magina! Lá pul'um ano não se cuiê tudo cumo sempre havêra de sê, o véio não se quêxava, cumo os outro fazia. A sua muié, a Maracanã, quando táva cum a macacôa, era uma merunhanha; mas porê, não tándo cum a estalida, era mais doce que um cajú castelo.

Prá não tá cum mais mapiage, eu digo a Vossa Senhoria, seu doutô, que nós tudo vivia ali dento daquele mucambo, coberto de capim de côco da praia, munto mais miô que o seu Perzidente, no seu Palaço, aqui na Côrte.

Faz cinco dia que chegêmo nêsta Vinida da sua Capitã e eu já tô ardendo prá cai na madêra!

Se o João Mucum, que véio aqui prá móde d'uns negoço, não quisê dizôvá desta porquêra intê o fim deste mês, que é o mês da mutuca, eu lhe faio cum léardade que abro os pano, sozinho.

O seu Macum tá lambendo os beijo, cumo onça, quando, arada de fome, vê uma anta, se remexendo dento d'um capôão! E sabe vassuncê praquê o páe da Maricota tá se danando de satisfação? Eu vou dizê prá seu doutô.

Eu já disse a vassuncê que o roçado do seu João era uma fermuzura de terra prá se prantã. No dia que a muié deu na quarta e nasceu a Maricota, o seu Mucum fechou o trato cum o seu Capitão Pacova, o dono daquelas terra. Apois a minha Maricotinha tá cum 25 ano, que pulas conta justa do ajustado, que dizê que faz 25 ano que êle é dono daquelas beleza. O cabôco já tinha prá vivê. Mas porê o Tinhoso de vez em quando gosta de mardã cum a gente!

Sem se sabê praquê, (pois isto foi no mês das água...) um dia secou as duas cacimba daquele terreno, donde se tirava prá bebê e fazê a regação. O hôme ficou cumo Corre Campo, quando perde o veneno! Creia vassuncê que êle era bom e tinha um coração de fogo-pagou!!

Cum setenta dezembro em riba das costela, ainda tinha os cabelo preto, cumo pena de anum. Mas porê, depois da seca das cacimba, os cabelo do hôme ficou mais branco do que prua!... Tahquã!! Eu fiquei penaroso de vê o pái de minha muié naquele avexame.

Êle, que tinha uma cara cô de ovo de gema de guiné, andava chupado, cumo pinto chôco!

Seu doutô: faz um ano e quatro mês que se passou êste cauço que eu tô contando prá avassuncê.

O véio andava tonto pulas suas terra, adonde a prantação e a miunça já começava a senti a farta d'água, apois não chovia dende a segunda sóca daquele ano. A água prá se bebê, a gente ia buscã na cacimba do Sihnózinho, que era um estirão de viage, intê lá! A mãe de minha Maricotinha táva na imbirã, cumo cachorro que come longe. Era uma malincunia que nem posso dizê prá seu doutô! O véio e a véia não comia, quage não bebia e, cum perdão da palavra, nem havia anda prá discumê!

Faz amãnhã um ano e quatro mês que eu rôbei o ôio d'água do Antonio Carrapato e quatro mês que o seu João Cucum viu aquele briante d'água no seu roçado, lá embaxo da coitêzêra, adonde eu interrei o coitê. E'



OLHO D'AGUA

prá via disso que eu disse a vassuncê que êle tá se coçando de contente.

Vassuncê me escute. Há munto tempo que o Carrapato, um bebedô de dismancha-samba, vivia rexando cumigo. Saberá Vossa Senhoria que eu nunca pude istruviã cum a rézão daquela implicança do cabra. Nunca fiz má prá ninguém. Minha vô dizia a tôda hora que eu samiasse o bem, sem oia prá quem.

Eu não ia preguntã a rézão daquela réxa, prá via de eu não querê que o mardito mardasse que eu tinha sobrôço dele!

Agora é que foi o piô. Vassuncê tá me escutando? Apois bem. O diabo do ingaçô não mandou a sua muié me intrigã cum a Maricota, dizendo que eu andava tirando linha cum a neta do Tio Chanca?

E não é que a Maricotinha creditou naquela mixida do fecha-bodega?! Foi um bafafã, que eu nem lhe conto! Saberá Vossa Senhoria que Sá Maria Maracanã me quis intê prá c'um quirim que o Pedro Gavião me no dia que eu e a sua fia se casêmo!

Vassuncê sabe o que é a casa da gente, quando entra a izordre!

Mas porê eu sempre uvi dos mais véio — que mais vale quem Deos ajuda do quem cedo madruga.

O Antonio Carrapato era um cabra cafungoso cumo quê. E vêje agora, meu sinhô! Um gororôba daquele era dono d'um chavascã, que nem babuge tinha!! Agora, pul'uma coisa que as terra pissuia, não tinha pul'aquelas parage terreno que valesse mais que as terra daquele meganha.

E sabe vassuncê onde táva a riqueza? N'um ôio d'água, que dáva mais água que a cacimba do Totônho Barriga de Sapo! Vassuncê se quisê vê que eu não tô mentindo, cape práqueles mato de Deos, e pergunte àqueles monte e àqueles mataria virge, se não é verdade o que eu lhe tô contando! Alouvado êje Nosso Sinhô Jesú Cristo, que eu nunca fui marombêro.

Apois, seu doutô, um dia eu me vinguei daquele punça, sem fazê estrupição, sem pernambucana, sem bacamarte, sem garruncha...

sem nada. Foi, cumo já falei prá vassuncê, na véspra de S. João.

A casa do mixiriquêro, ficava um tantinho longe. Mas porê, prá que é que eu pissuia o Pincê? Amuntei no pé de passarinho e abri prôs lado do amardiçoado. Um dia intêro não botei uma migáia de inhame nesta boca. Cheguei à boca da noite. Marrei o cavalo n'uma tabatinga, me mofumbei na mataria intê chegã a hora di fazê o trabáio. Fiquei ali sem respiro! Vassuncê não se esqueça que era véspra de São João. Naquele ano não quis sabê de festança. Minha festa era a vingança.

Quando um galo tambiscou uma rizada, sarrvando o santo milagroso, quebrei prô remanso da nacente. Eu levava um coitê que tirei d'uma coitêzêra, e que já táva preparado prô serviço, que eu vou ixpricã prá vassuncê.

A gente fura um buraco em riba da cuia do coitê, péga n'um pauzinho, arremexe, arremexe intê tirã tôda a carne que tá dento, intê ficã ôco, cum perdão da palavra. Ao

depois de bem limpo, a gente enche d'água da nascente que quê róbã.

O coitê pôde sê prantado, ou miô, interrado no lugã que a gente iscuê, à vontade.

Um ano depois, à meia noite, vassuncê vai vê. A nacente tá pipocando! A água tá madura, que o seu doutô diz que a bacia do ôio d'água tá vazia! Depois vassuncê vai vê a outra, que foi rãbada. Tá seca, cumo fuggão que não leva fogo a munto tempo!! Apois foi assim que rôbei o briante do Carrapato, à meia noite, na véspra do santo e interrei o coitê debaxo da coitêzêra, no terreno do marido da mãe da minha cara ametade, cum premissão de Vossa Senhoria. Dende o dia que se interro o coitê, ninguém mais deve andã pul'aquelles lado. E' assim que se faz.

Agora, seu doutô, faça uma hipóte, e mági-ne que já se passou um ano, depois do roubo, e que hoje é véspra do santo mais festejado aqui neste mundo. E' meia noite. A festa lá dentro, lá no terrêro, já tá roncando. Venha oumigo intê lá prá banda daquelas capôera. Vassuncê tá vendo ali?!

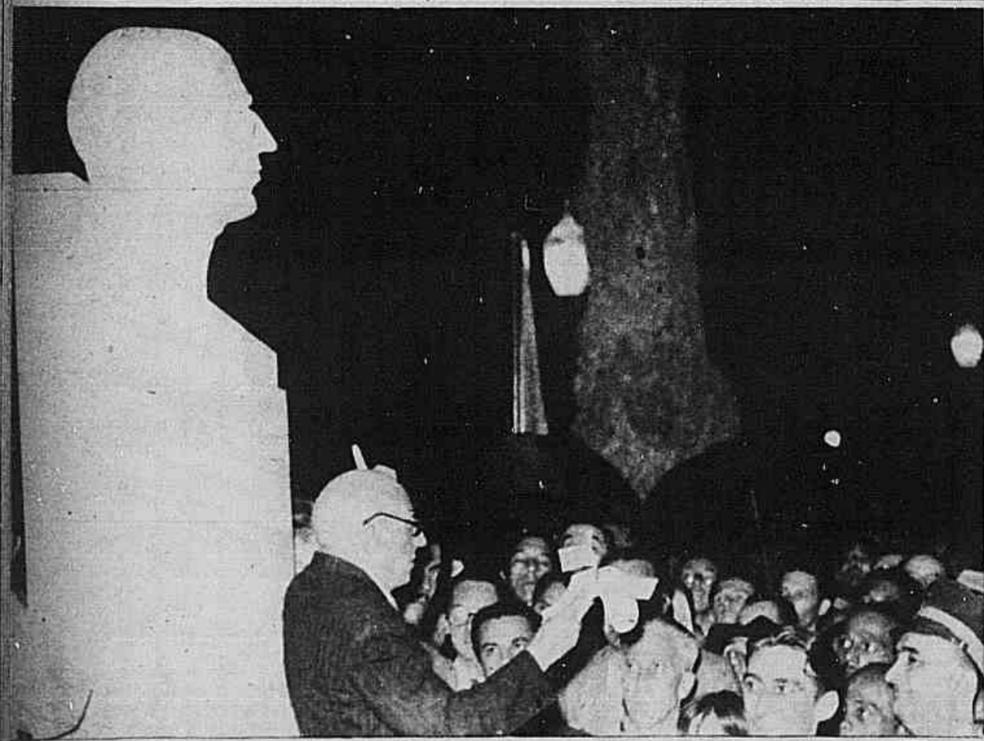
— E' o ôio d'água, crãro, cumo as noite de luã da minha terra! Apois, quando o João Mucum viu o bichinho correndo pulos mato, na baxada do varjadão, entonce é que foi uma alegria que fazia o véio se distrôcê, que nem cabrito macho, quando a mãe não quê mais dá de mamã! O diabo do hôme não creditva no que táva vendo! Fui pécizo chamã Sá Maria Maracanã e a minha costela, pró seu João crê naquela maravial!

Ah!... seu doutô!! Que festa! Nunca ninguém festejou uma véspra de São João cum tanta fuggêra e tamanha sastifação! A visinhança de 2, 3, 4 e 10 légua, táva ali, prá comê os cabeça-bãxa, as batata assada, a ca-

Quando falava, na inauguração da herma de Catulo, o pintor Jordão de Oliveira.



Catulo, nos braços do povo, no dia da grande festa do jardim do Monroe.



Catulo agradecendo a homenagem que lhe prestada por iniciativa de A NOITE.

A HERMA DE CATULO E A "CAMPANHA DO TOSTÃO"

EM fins de 1939, A NOITE iniciou um movimento popular, no Rio de Janeiro, com o fim de erguer, em um dos nossos logradouros públicos, um monumento da admiração dos cariocas a Catulo da Paixão Cearense. Ficou estabelecido, desde logo, para dar um cunho realmente popular ao movimento, que as contribuições seriam apenas de um tostão. Caixas para receber donativos foram colocadas no saguão de A NOITE e pequenas barracas na Galeria Cruzeiro. Ali, homens, senhoras e crianças, de todas as condições sociais, iam depositando os seus níqueis, a fim de colaborar na homenagem ao grande poeta. Logo, a "campanha do tostão" se tornou o caso do dia, o assunto de todas as conversas, a preocupação de toda gente. Pessoas ilustres e homens humildes davam a mesma contribuição, que mais valia pelo testemunho de apreço ao poeta do que mesmo pelo seu alcance mate-

rial. O escultor Honório Peçanha modelou o busto de Catulo, magistralmente, e esse trabalho foi passado para o granito pelos mestres canteiros Ramalhão e Augusto de Almeida. E o prefeito de então, Sr. Henrique Dods-worth, despachando um requerimento de A NOITE, designou o Jardim do Monroe como o local em que devia ser plantada a herma de Catulo. No dia 11 de janeiro de 1940, foi inaugurado o monumento ao grande cantor. Bandas de músicas tocaram no jardim do Monroe o "Luar do Sertão", sendo calorosamente aplaudidas pela multidão que ali se comprimia. A Rádio Nacional fez a tocante cerimônia repercutir através de todo o Brasil e foi Castelar de Carvalho, o notável repórter da cidade, quem primeiro falou, exaltando a significação da homenagem e da "campanha do tostão". Disse, então, o nosso saudosos companheiro:

"Dezenas de milhares de pessoas, entre humildes e ilustres, concorreram para que, neste granito, se modelasse a imagem do cantor excelso, mestre da música popular, da rima e da eloquência, cujos poemas refletem a paisagem do país e ressoam as mais ricas harmonias de sua natureza. Ele representa, portanto, uma conjugação simbólica de louvores: — nele se manifesta, pelo primor de uma intenção de arte, a alma brasileira. O ato, que no momento se realiza, com tão expressivas presenças, assinala o termo de um movimento nacional pela glorificação do poeta que dobrou os anos cantando, para graça e honra da pátria."

Terminou Castelar de Carvalho oferecendo o monumento à cidade, em nome de A NOITE. Outros oradores se fizeram ouvir: Herbert Moses, em nome da A.B.I.; Jordão de Oliveira, em nome dos pintores; o Sr. Godofredo Viana, em nome do governo do Maranhão; o poeta Murilo Araújo; o poeta Arnaldo Damasceno Vieira; o Sr. Melo e Silva, em nome do Estado de Pernambuco; o Sr. Thomaz Alvim, pelos portugueses admiradores de Catulo; o Sr. Salvador Caruso, em nome dos auxiliares da imprensa; o estudante Francisco Mendes Xavier, e ainda, Raulo Medeiros dos Reis, servente da portaria da Alfândega, dando uma nota eminentemente popular à homenagem. Catulo, com a voz embargada pela emoção, fez um tocante discurso de agradecimento. E a cada frase verdadeiras ovações se fizeram ouvir, mostrando ao poeta o alto conceito em que o povo o tinha.



Um menino contribuindo com o seu tostão para o monumento a Catulo.



O escultor Honório Peçanha trabalhando no busto do poeta.

A memória de Catulo da Paixão Cearense foi reverenciada de maneira altamente expressiva pela Assembléia Constituinte Nacional, que fez uma pausa nos trabalhos da elaboração da nova Carta, para exprimir o seu profundo pesar pelo desaparecimento do grande poeta sertanejo. Aqui transcrevemos do "Diário da Assembléia" a parte da sessão de 10 de maio de 1946, dedicada a Catulo:

O SR. PEREIRA DA SILVA — Pela ordem) — (Lê o seguinte discurso) — Sr. Presidente:

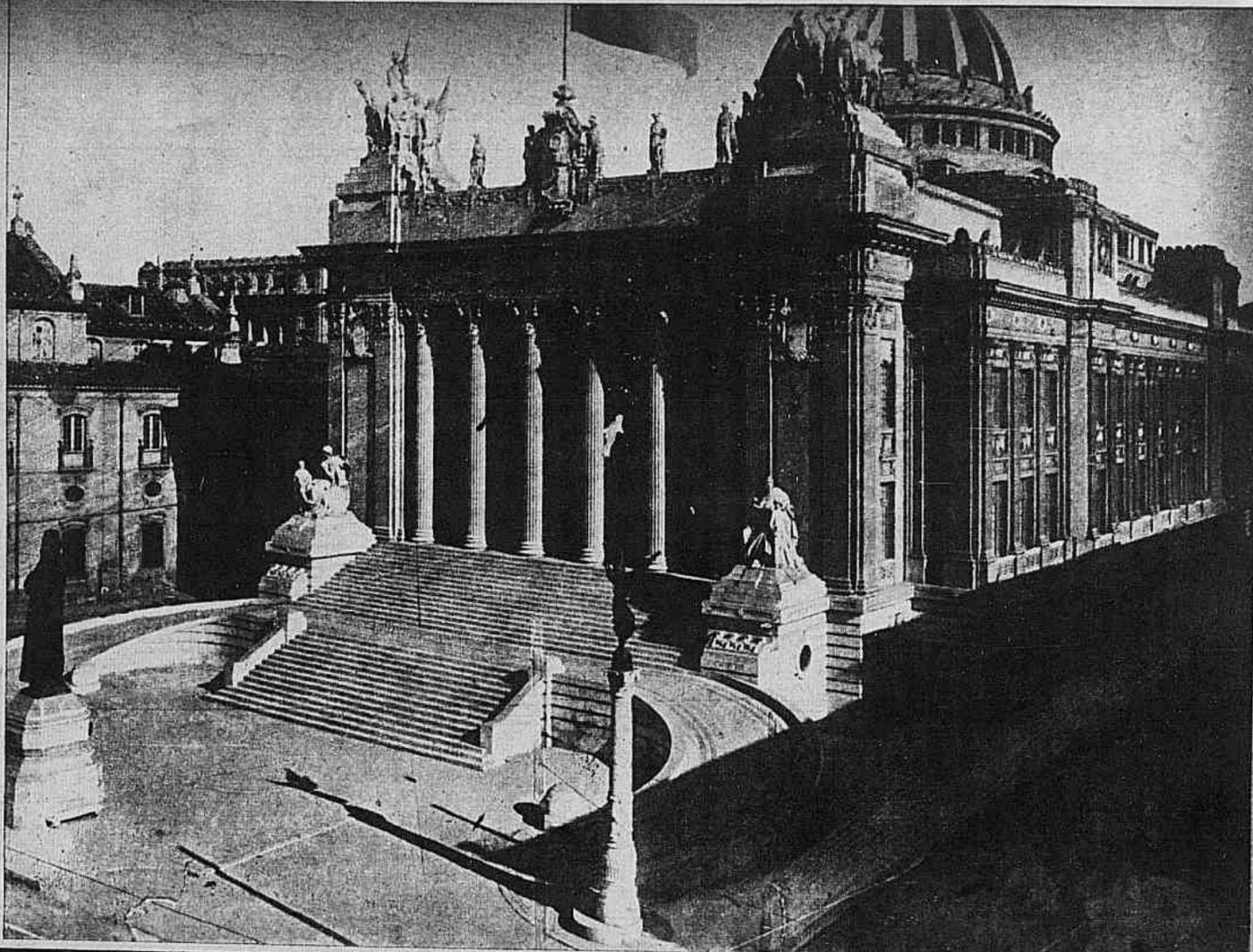
Morreu Catulo da Paixão Cearense! Desapareceu o maior cantor da alma do Sertão! E exatamente na antemã de um dia de maio, o mês de Nossa Senhora, o mês das flores, o mês das promessas, na sua musa cheia de brasilidade, ingênua e encantadora, como o sorriso das cabrochinhas brasileiras que foram sempre o motivo de seus poemas inimitáveis e eternos!

Esta Assembléia Nacional Constituinte é um cenáculo de homens austeros, votados ao estudo de assuntos políticos os mais importantes para os nossos destinos nesta hora! Mas os homens que aqui estão, sentem nas veias e no pulsar do coração esse Brasil brasileiro que Catulo cantou e glorificou na sua musa brejeira como nos seus poemas de exaltação, à bravura da raça!

Não acredito que a morte do autor do "Luar do Sertão", a canção imortal da beleza de nossas noites românticas não tenha soado como uma tristeza em cada coração, entre os homens que compõem esta conspícua Assembléia!

Realmente, o Brasil sentimental, o Brasil sonhador, está de joelhos em frente ao seu túmulo!

Sr. Presidente: Eu sou nesta hora comovida, neste recinto, a voz do Gigantesco Amazonas; o pranto imenso das águas turbilhentas do Rio Negro, derramado à beira do túmulo do maior poeta brasileiro destes cinquenta anos. Sinto, neste momento, toda a imensidade da tristeza que não é minha, apenas, mas de todos os homens de pensamento do Brasil e também de todos os poe-



A ASSEMBLÉIA CONSTITUINTE RENDE HOMENAGEM À MEMÓRIA DE CATULO

COMO FALARAM, NA SESSÃO DE 10 DE MAIO, OS DEPUTADOS FERREIRA DA SILVA, BENJAMIM FARAH, OTÁVIO MANGABEIRA, LINO MACHADO E ODILON SOARES — PROFUNDO PESAR DO LEGISLATIVO PELO DESAPARECIMENTO DO MAIOR CANTOR DAS BELEZAS DA NOSSA TERRA

tas e violeiros sonhadores desse nordeste encantador que Catulo immortalizou, entre os acordes de seu violão plangente!

Peço, portanto, a V. Ex. se digne mandar submeter à aprovação da Casa, o voto de pesar que, em nome do meu Estado e do Partido Social Democrático, requeri e enviei à Mesa, como a expressão da saudade do Parlamento Nacional pela morte do grande cantor boêmio, que a estas horas, como irmãos dos Deuses, está em caminho do Céu, na tão ansiada conquista das bem-aventuranças divinas!

Era o que tinha a dizer. (Muito bem: muito bem; palmas.)

O SR. PRESIDENTE — Sobre o assunto há outros requerimentos que iria submeter à deliberação da Casa, mais tarde, sendo o primeiro deles de autoria dos Srs. Representantes Lino Machado, Adelmãr Rocha, Domingos Velasco e outros. O nobre Representante Sr. Pereira da Silva antecipou, assim, a discussão do assunto. Dou a palavra ao Sr. Representante Lino Machado, que assinou em primeiro lugar o requerimento que antecedeu aos demais.

O SR. LINO MACHADO (Pela ordem) —

Sr. Presidente, depois dos momentos de agitação por que passou esta Assembléia, na sessão de hoje, quero pedir um instante de serenidade, de tranquilidade, para evocar a memória de um conterrâneo que, há mais de meio século, aportou a esta terra trazendo apenas aquela sua lira magnífica e, debaixo do braço, um violão.

Evoco a memória daquele que tombou na estrada da vida, na madrugada de hoje, após ter conseguido, na época contemporânea, ser o maior poeta popular do Brasil.

É claro que me feriu, Sr. Presidente, a Catulo da Paixão Cearense, ainda há pouco homenageado...

O Sr. Adelmãr Rocha — Rui Barbosa o considerava o maior poeta brasileiro.

O SR. LINO MACHADO — ...pela palavra de um digno Representante do Amazonas.

Por certo, deveria S. Ex. ter precedência, nesta tribuna, para lembrar o poeta, e eu me congratulo por assim ter acontecido, porque, pela voz do poeta que é o Sr. Pereira da Silva, falavam aquelas florestas intermináveis, aqueles rios sem fim, aquelas paisagens

inigualáveis, tantas vezes cantadas por Catulo Cearense.

Sr. Presidente, cumpria-me, entretanto, o dever de aqui comparecer, porque Catulo nasceu naquela terra privilegiada da poesia. Era ainda dentre os vivos, um daqueles representantes que deram a São Luís do Maranhão e ao meu Estado toda aquela tradição tão acentuada nas letras brasileiras, e da qual tanto nos orgulhamos, a tal ponto que fomos, durante longo período de tempo, e ainda hoje, cognominados os filhos da Atenas Brasileira.

Sr. Presidente, o poeta tombou octogenário, mas ainda em plena mocidade de espí-

rito. O poeta, que passou toda a vida de boêmio, de notívago, desaparecendo hoje, levou para o túmulo, o último representante da poesia do século passado, poeta boêmio que ele foi.

E morreu, Sr. Presidente, com as suas musas, com a sua poesia e com as suas mais brilhantes evocações. Ainda há pouco, vi referida, no "O Globo", notícia a respeito de uma entrevista de Catulo, feita há dois ou três anos, na qual o poeta assinalava: "Vivo entre estas quatro paredes, no meu tugúrio, a recordar, hoje, quatro amantes prediletas,

(CONCLUE NA PÁGINA 25)



Catulo da Paixão Cearense, ao lado do então ministro da Aeronáutica, Sr. Salgado Filho, ao batizar o avião civil de treinamento que recebeu o nome de "Canção Brasileira", na campanha dos "Diários Associados".

FARMACIA CENTENARIO LTDA.

De Antônio José de Almeida

RUA BERGAMINI, 345

FONE: 29-3153

Engenho de Dentro — Rio de Janeiro

FARMACIA FREI GALVAO LTDA.

De Antonio José de Almeida

RUA BERGAMINI, 364

FONE 296722

Engenho de Dentro — Rio de Janeiro

CASA MESQUITA

Cordões de flores naturais e artificiais — Velas de cera — Caixões fúnebres para todas as classes — Armam-se Eças, Altares e Câmaras Ardentes

Alfredo da Silva Mesquita

RUA BERGAMINI, 73 — TEL.: 29-3239 — ENGENHO DE DENTRO — RIO DE JANEIRO

CATULO E A CARICATURA

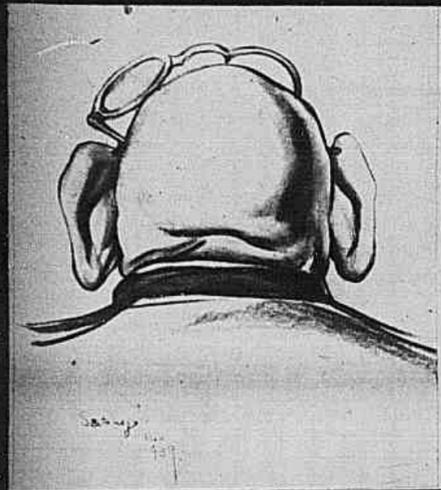
Catulo da Paixão Cearense sempre forneceu precioso assunto para os caricaturistas. Com sua fisionomia expressiva, seu nariz adunco, seu crânio polido e cuidadosamente raspado a navalha — às vezes com uma série de pequenos cortes, a que o sangue afluía — Catulo da Paixão Cearense foi fixado por dezenas de artistas do lapis. Para publicar tôdas essas caricaturas, seria necessaria uma edição especial, dedicada apenas à contribuição dos artistas do lapis. Na impossibilidade de publicar tão grande número de trabalhos, reunimos nestas páginas uma seleção que não representa, entretanto, mais que uma pequena amostra dessa contribuição da caricatura brasileira para a glória de Catulo.



FLORIANO



PACHECO



SERTANEJO



RARVEL



ALAOR



HELIOR



HUERGO



HO



RAMOS



TACATIS



DACOS



ARMANDO

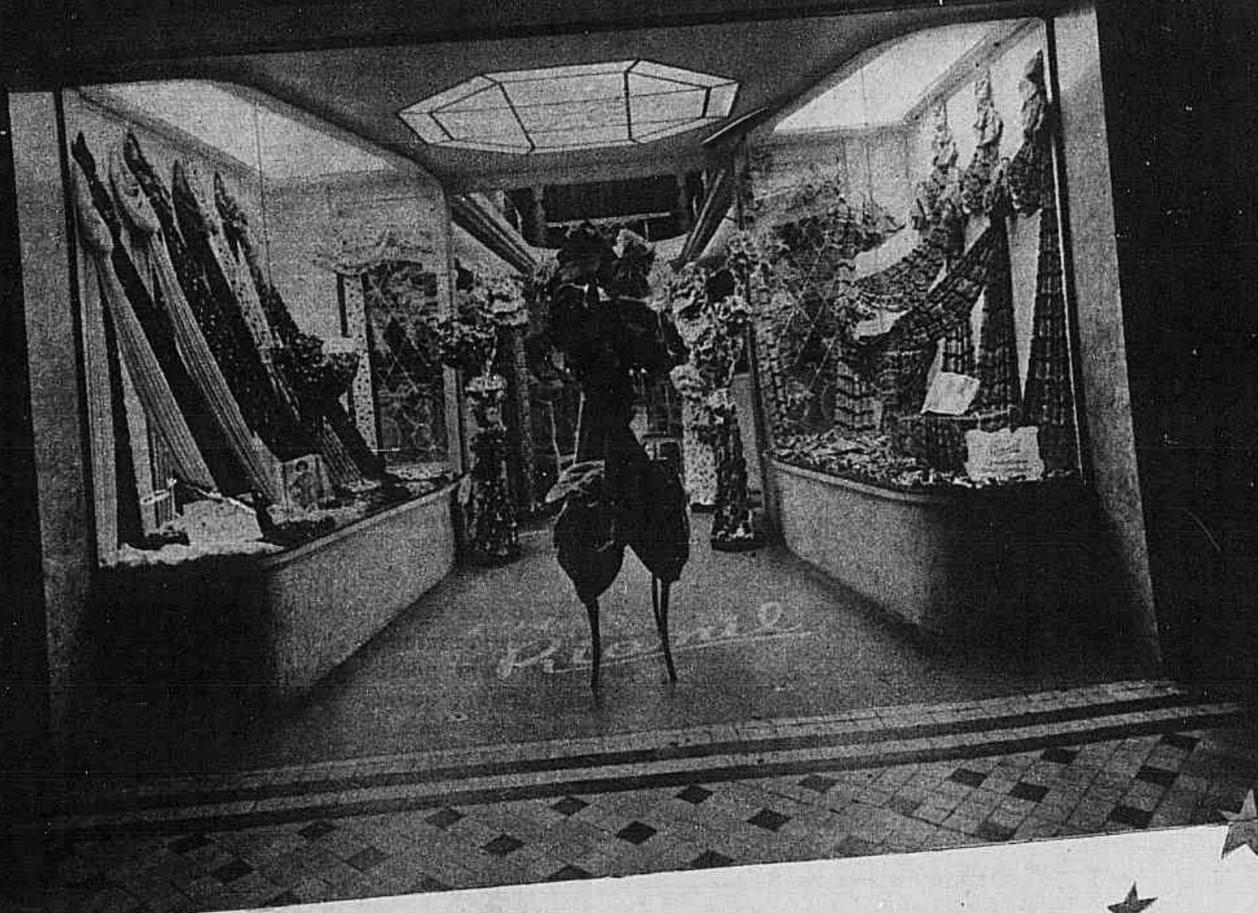


ACQUA



MENDEZ

LOJAS
Rianil



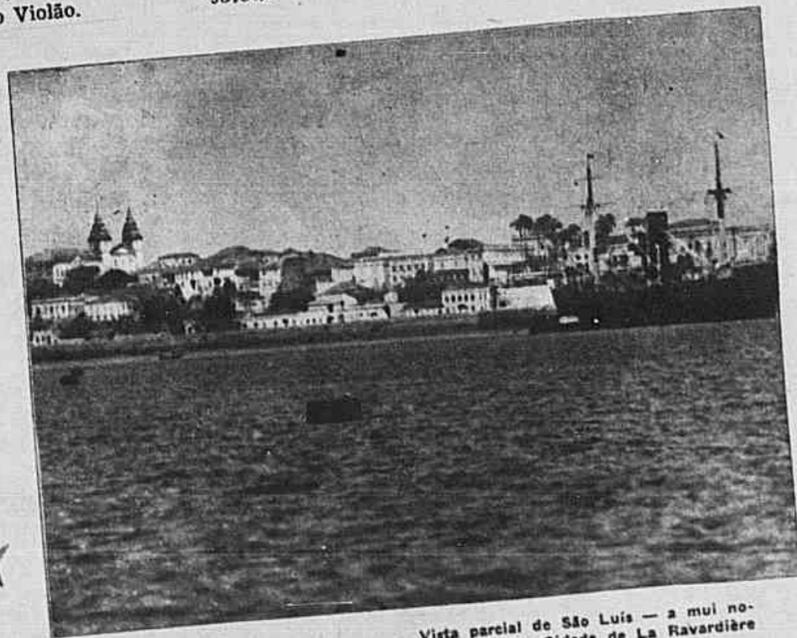
ALMAS MARANHENSES A SERVIÇO DA SENSIBILIDADE CARIOCA



CATULLO DA PAIXÃO CEARENSE
Nasceu em São Luís, em 8 de outubro de 1863 e faleceu nesta Capital, a 10 de maio, do corrente ano. Teve uma existência toda dedicada à música e à poesia.

Em 1880, procedente dos agrestes sertões cearenses, chegava à Metrópole Catullo da Paixão Cearense. Não era, ainda, o grande violonista e, sim, o exímio flautista. Aqui, então apaixonou-se pelo violão, instrumento que era considerado bárbaro. Muito moço, nessa época — Catullo contava, apenas, 17 anos — teve que lutar bastante, principiando em casa, por seu pai, que vários violões partiu na cabeça do filho querido. Mas não esperava Amâncio-José da Paixão Cearense que o resultado fôsse, justamente, o menos desejado, impregnando de melodias, cada vez mais, a cabeça do Cantor; que, a 5 de junho de 1908, no antigo Instituto Nacional de Música, seria definitivamente consagrado pela sociedade carioca, como o Reformador da Modinha e o Civilizador do Violão.

As LOJAS RIANIL também nasceram em São Luís, berço do imortal Poeta, Músico e Cantor. Possuem, hoje, 19 filiais nas principais cidades e capitais do Brasil, estando a serviço da fina sensibilidade feminina desta Capital em sua luxuosa loja à rua do Ouvidor, 161. Com justificado orgulho, as LOJAS RIANIL, representadas pela filial carioca, associam-se ao justo movimento iniciado e patrocinado pelo grande vespertino A NOITE, "A NOITE Ilustrada", "Carioca", "A Manhã", "Vamos Ler!" e a "Rádio Nacional", para aquisição da casa em que residiu Catullo e para a construção do seu mausoléu.



Vista parcial de São Luís — a mui nobre e heróica Cidade de La Ravardière

LOJAS RIANIL
RUA DO OUVIDOR, 161
Fones: 22-7458 e 22-4392
Rio de Janeiro

A MOCIDADE DE CATULO DA PAIXÃO CEARENSE



MARIO José de Almeida foi um dos grandes amigos de Catulo da Paixão Cearense. Foi um dos amigos dos velhos tempos e não um desses que se acercaram do poeta já alquebrado pelos anos, no período crepuscular de sua vida. Conheceu o Catulo do passado, o Catulo boêmio, o Catulo seresteiro, o tocador de violão e autor de letras de canções populares, antes da publicação dos seus primeiros livros de poemas. E, em conversa, Mario José de Almeida nos mostra que Catulo não era apenas um boêmio, mas igualmente, um homem de trabalho, sincero, honesto, cumpridor dos seus deveres. E um homem que, mesmo naquela época, já se distinguia como um cultor das letras clássicas. Escrivão criminal, Mario José de Almeida é, também, um antigo jornalista e escritor vigoroso, cujo primeiro livro, "Rodapés", mereceu a honra de ser prefaciado pelo mais feroz dos nossos críticos literários, o terrível Sr. Osório Duque Estrada. Outro dos seus livros, "Jornal de Sherlock Holmes", contendo apontamentos interessantíssimos sobre os crimes e criminosos da cidade, foi prefaciado por José do Patrocínio Filho. O livro permanece inédito, menos por má vontade dos editores do que por modéstia do autor, mas o prefácio magnífico de José do Patrocínio Filho se tornou conhecido do público, como uma das páginas vibrantes de "O Homem Que Passa...". Fundador com Amadeu Amaral, Alves Barbosa, Claudino Victor, Franklin Palmeira e outros, do Círculo de Imprensa, que depois se fundiu com a A. B. I., Mario José de Almeida não é apenas um homem de imprensa de real merecimento, mas também um amigo dos seus colegas, um homem dotado de um grande espírito de cooperação e de uma grande vontade de ajudar. Dotado de uma memória privilegiada, pode-se apelar para ele em qualquer momento difícil — e Mario José de Almeida, geralmente, tem sempre alguma coisa de interessante a dizer sobre a vida dos escritores e artistas boêmios de outrora — Líria Barreto, José do Patrocínio Filho, Raymundo Magalhães, Paulo Barreto (João do Rio) e muitos mais.

Mario José de Almeida, a quem Catulo dedicou "Terra Caida", um dos seus maiores poemas, evoca em Catulo o professor e o cultor das letras clássicas

Especial para "A NOITE Ilustrada" —

Por R. Magalhães Junior.

Catulo, quando menino, fotografado com seu pai, o relojoeiro Amâncio, e um irmão. Catulo é o de branco.

Autógrafo nas costas da fotografia acima, oferecida pelo poeta a Vasco Lima, a quem chama de "meu padrinho".

Sabendo da sua amizade e das suas antigas relações com Catulo, ainda há pouco lembradas numa entrevista de Procópio Ferrelra, procuramos entrevistar Mario José de Almeida e só temos motivos para nos felicitar por essa idéia. Evidentemente, Mario José de Almeida, com o grande respeito que tem pela memória do amigo, não quer dizer nada que possa ser mal interpretado pelo público, e assim não entra em detalhes sobre o caso de uma punhalada, que o poeta levou de um desordeiro, chamado Zé do Carmo. Catulo era um homem de bravura pessoal, um boêmio, mas não um capadócio. O que ele era, na verdade, era um homem excepcionalmente humilde e muitas vezes atravessou a rua do Ouvidor, na sua mocidade, de tamancos, com uma marmitta de comida nas mãos. Por que? Mario José de Almeida explica: era a época dos chamados "trabalhadores de casaca", do Cais do Pôrto. Rapazes de famílias ricas, afilhados de políticos de prestígio, e até mesmo alguns jornalistas, entravam nas folhas de pagamento dos trabalhadores do porto, mas só para receberem dinheiro, sem nunca irem lá, sem fazerem trabalho algum. Catulo teve o oferecimento de um desses empregos. Foi colocado como "trabalhador de casaca", num período difícil da sua vida. Mas, homem honesto e sincero, compareceu ao Cais do Pôrto, a fim de executar a tarefa que lhe fôsse distribuída. Seu único orgulho era o orgulho literário. E trabalhou, irmanado aos outros operários, carregando fardos pesadíssimos às costas! Foi ao deixar esse emprego que Catulo foi fundar o seu pequeno colégio, na rua Martins Costa, no prédio que hoje tem o número 31, em Piedade.



O pequeno colégio de Catulo, na Piedade (n. 31 da rua Martins Costa).

Mario José de Almeida faz questão, antes de mais nada, de desmentir a baleia de que Catulo da Paixão Cearense era um poeta puramente intuitivo, que escrevia em linguagem sertaneja por não ter meios mais adequados de expressão. Faz questão de salientar que o autor de "Poemas Bravos" era um artista consciente e, não só isso, mas ainda um cultor das letras clássicas.

— Catulo — diz-nos o autor de "Asas no azul" (Mario José de Almeida é também um fino poeta) — tinha uma bem organizada cultura literária e foi aluno notável do Colégio Teles de Menezes, onde tirava notas que lhe conferiam o direito de sentar-se no "banco de honra". Dedicou-se, principalmente, ao estudo clássico dos idiomas de Camões e de Racine. Cito de preferência dois poetas porque a leitura predileta de Catulo era a poesia. Essas duas matérias, portuguesas e francêses, ele viria a lecionar eximilmente, no seu pequeno colégio da Piedade.

(CONTINUA NA PÁGINA 36)

*Meu grande amigo
(meu padrinho) Vasco
Lima*

*Nesta trindade dilecta,
o irmão e o pai do poeta,
que os abraça com carinho,
para uma quadra completa,
só falta a cara bonita,
falta a imagem favorita
do meu querido padrinho.*

Rs, 10, 12, 1240

Catulo Cearense



Mario José de Almeida, quando fala va sobre Catulo. (Foi a êle que Catulo dedicou o poema "Terra Caida")



A velha casa da rua de São Clemente, onde morou a família de Catulo. Reprodução de um velho jornal.

CATULO DA PAIXÃO CEARENSE

CATULO, não foi apenas o grande e tão humano poeta do povo brasileiro. Ele foi o maior poeta do Brasil.

Seus poemas, de um lirismo tão puro, de uma beleza e simplicidade comovedoras, despertando a alma e os corações de quantos o escutavam, ganharam uma tão alta notoriedade que haveriam de o credenciar à admiração de todos.

Os luars dos seus versos são os mais belos do mundo.

Ninguém, no Brasil, o sobrepujou como poeta do povo.

Da alma simples dos nossos sertanejos, do homem do povo.

Foi um cantor admirável de nossas belezas panorâmicas, do nosso folclore, dos sentimentos bons de nossa gente.



Acompanhando com simpatia êsse movimento, O DRAGÃO se associa à homenagem que "A NOITE Ilustrada" tributa à sua memória imperecível.

O DRAGÃO

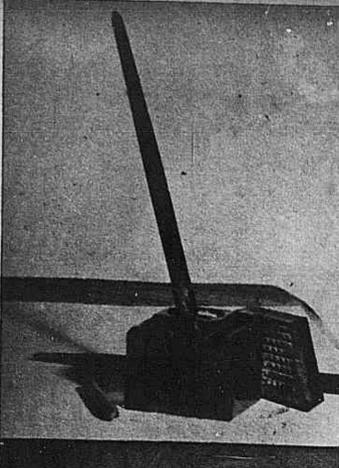
REI DOS BARATEIROS

RUA LARGA NS. 191-193
(em frente à Ligth)
NÃO TEM FILIAIS



Aquí viveu "o mais brasileiro dos nossos poetas"

A casa de Catulo, testemunha da existência modesta do grande cantor do sertão - Os objetos de uso do glorioso poeta representam autênticas peças de um museu sentimental



O rinteiro e a pena de Catulo, verdadeiras e preciosas peças de museu, que ajudaram a fixar no papel tantas e tão maravilhosas obras poéticas.



A pequena caneca, sem asas, em que, há muitos anos, Catulo tomava o café da manhã.



Esta folhinha ficou parada, na quinta-feira, 30 de abril, por decisão do poeta, que queria, desse modo, deixar assinalada a visita que lhe fizera o grande cantor mexicano Ortiz Tirado.



A cadeira em que Catulo estava sentado quando teve o colapso fatal.

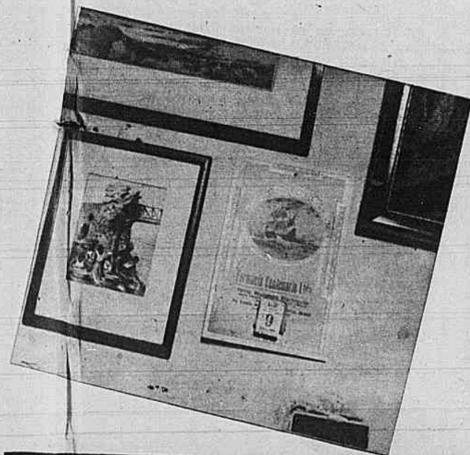


"AQUI viveu o mais brasileiro dos nossos poetas" eis a legenda que poderia ser colocada à frente da casa em que, no último período de sua vida, morou Catulo da Paixão Cearense. O conceito que situa naquela posição eminente o grande cantor do sertão é de Afrânio Peixoto, mestre da crítica e admoção de uma existência modesta, quase franciscana, de um homem simples e bom, afável e acolhedor, que só mas em tudo o mais de uma excessiva humildade — é um verdadeiro museu sentimental, devendo ser preservada tal como era quando o seu glorioso morador desapareceu. Os objetos de uso pessoal de Catulo da Paixão Cearense documentam a sua simplicidade, o seu quase ascetismo. A esta casa suburbana, vieram ter muitas figuras ilustres do mundo artístico, literário e científico, que não podiam fugir ao desejo insopitável, mas naturalíssimo, de conhecer a figura dominante da poesia regionalista brasileira. Aqui vieram cantores de retulo recebia com deferência e apreço, mas com a mesma efusão recebia também os seus velhos camaradas. Amando o subúrbio, não querendo, jamais, trocá-lo pela cidade, Catulo da Paixão Cearense deu prestígio e evidência à pequena rua que hoje tem o seu nome e na qual estão localizadas duas casas em que viveu — a primeira, mais um barracão do que uma casa, por ele próprio denominada pitorescamente "Palácio Choupanal", e a segunda, aquela em que fechou os olhos para sempre, e cujos interiores estão reproduzidos nestas páginas.

Um dos papagaios de Catulo. O autor do "Evangelho das Aves" adorava os seus louros.



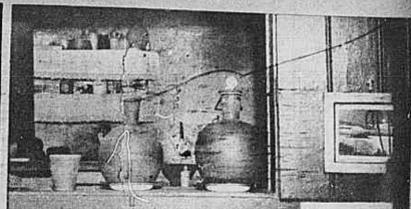
Detalhe da casa de Catulo, vendo-se o seu rádio, os seus quadros preferidos e um busto do poeta.



Deitado ainda na cama, ao amanhecer, Catulo arrancava, todos os dias, a página da folhinha. No dia 10 de maio, o seu braço não mais se ergueu e a folhinha ficou parada, marcando o último dia de sua existência.

Detalhe do modesto interior da residência de Catulo. Na parede, um quadro com a imagem de São Jorge.

As maringas rústicas e o copo de barro em que Catulo costumava desalterar a sua sede.



A cama de Catulo e parte da sua biblioteca.



CATULO VISTO POR JULIO DANTAS



Júlio Dantas, o poeta e dramaturgo de "A Severa" e "A Cela dos Cardeais"

O poeta e dramaturgo de "A Severa" não perdia ensejo para louvar a poesia de Catulo da Paixão Cearense, a quem, num rasgo de entusiasmo, chamou de Virgílio caboclo. Isso, o escritor português o fez numa deliciosa crônica, incluída no seu livro "Galos de Apolo". Noutra oportunidade, em entrevista ao "Correio da Manhã", ao chegar ao Brasil em 1923, para fazer uma série de conferências, o ilustre poeta e dramaturgo, ainda a bordo do "Almanzora", ao

se manifestar sobre a intelectualidade brasileira, citou depois dos nomes de Machado de Assis, Bilac, Afrânio Peixoto, Coelho Neto, Alberto de Oliveira e Oliveira Lima o nome de Catulo da Paixão Cearense, acentuando a impressão que os poemas do grande bardo sertanejo haviam produzido em sua sensibilidade, nos seguintes termos: — "E deixe-me agora que eu lhe fale, — continuou Júlio Dantas, — de um poeta, cuja sensibilidade tanto me comove. Deixe-me que eu lhe fale de Catulo. Ah, você não imagina o "frisson" delicioso com que eu penetrei um dia, no sertão bárbaro desse

extraordinário poeta. O aroma selvagem da terra e da mulher, embriagou-me. E foi com saudade que lhe deixei o convívio rústico, para mergulhar de novo na civilização. Catulo da Paixão Cearense reviveu, ao sol da América, a musa radiante de Tagore. Ele realizou em arte o milagre do rapsodo indú. Irmanou no mesmo ritmo cheio de juventude a paisagem e a mulher. Haverá um mais puro ideal estético? Eu, ce mim para mim, ousa dizer que não."

Sob o título singelo de "Catulo Cearense", escreveu Júlio Dantas a crônica cintilante que figura em "Os Galos de Apolo" e que foi, antes, publicada em jornais de Portugal e do Brasil. É esta a interessante página em que o autor de "A Cela dos Cardeais" compara a poesia de Catulo com a dos maiores troveiros portugueses:

"Três poetas podem considerar-se hoje os mestres da redondilha na língua portuguesa: Antônio Correia de Oliveira, Augusto Gil e Catulo da Paixão Cearense.

Antônio Correia de Oliveira, reminiscência lírica de Crisfal dá-nos, como ninguém, a quadra popular dos campos:

Sino, coração da aldeia,
Coração, sino da gente;
Um a sentir quando bate,
Outro a bater quando sente...

Augusto Gil, em cuja poesia tão sutilmente original se adivinha o sorriso amargo de Heine, é inextinguível na quadra popular da cidade:

Maria da Graça é uma
Cachopa de olhos em brasa;
Vive sozinha, não fuma,
E tem cizaieiros em casa.

Catulo Cearense, Virgílio caboclo que canta a floresta em eclogas ressumantes, sabrosas, doiradas e selvagens como os frutos do mato, representa hoje, na literatura brasileira, o máximo fulgor da poesia popular do sertão:

Os pezinhos da cabôca
quando dançava o baião,

parcia dois pombinho
a mariscá pulo chôo!

Sá dona! Os cabelo dela
tinha o chéro naturá
da pomba virge dos mata
quando começa a ninhá!

A poesia do primeiro, a despeito do seu feito popular, é essencialmente filosófica; a do segundo, caracterizadamente irônica; a do terceiro, francamente amorosa e sensual. Relendo os dois livros de Catulo — Meu Sertão e Sertão em Flor — impressionaram-me as analogias existentes, na delicadeza da emoção e na predileção dos motivos, entre as suas admiráveis composições e os ídolos da velha literatura indiana. Para Catulo, como para o rei Súdrika, para Calidasa, para Bhavabhuti, para os poetas hindus do século III ao VII, a poesia limita-se, quase exclusivamente, à adoração da paisagem e da mulher. As opulências da natureza e as emoções do amor enchem a obra de Catulo, como enchem esses doces poemas escritos em sânscrito e em prácrito. Ce cuja sutil volutuosidade o poeta hindu contemporâneo Rabindranath Tagore parece ter herdado o segredo, e onde, na luz cor de rosa dos céus de Indra, príncipes glabros como mulheres enlanguescem de paixão acorados sobre troncos de ouro maciço. Quando pela primeira vez li o "Meu Sertão", as figuras cêlicas de mulher criadas pela imaginação de Catulo Cearense, sobretudo a Maiby — encantadora Salomé cabocla! —, a Viruca, a Lindinha, a Tudinha, a Lionô, fizeram-me lembrar a graça volutuosas e dormente das amorosas da literatura indiana — a Sacountalá, a Vasantasena do "Carrinho de Barro", a Ourvasi ciumenta que se transforma em árvore da floresta, ou as ligeiras Priamvadá e Anousoyá, pequeninas deusas de bronze, ce olhos semi-cerrados, resplandecentes de peitorais argênteos e coroadas de lótus azuis. Numas e noutras, a sensualidade mais ardente reveste formas duma adorável candura infantil; umas e outras exercem sobre

CONCLUDE NA PAGINA 37

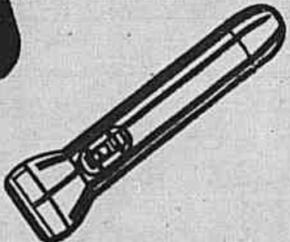


Catulo da Paixão Cearense, o poeta sertanejo que Júlio Dantas chamou de Virgílio caboclo e comparou a Tagore, um Tagore revelado ao sol da América...

FERROS ELÉTRICOS DA MELHOR QUALIDADE
MATERIAL DE ILUMINAÇÃO

PELOS MENORES PREÇOS

Lanternas a gasolina COLEMAN
Camisas incandescentes e peças
Lanternas FLASHLIGHT e pilhas
Material e artigos elétricos.

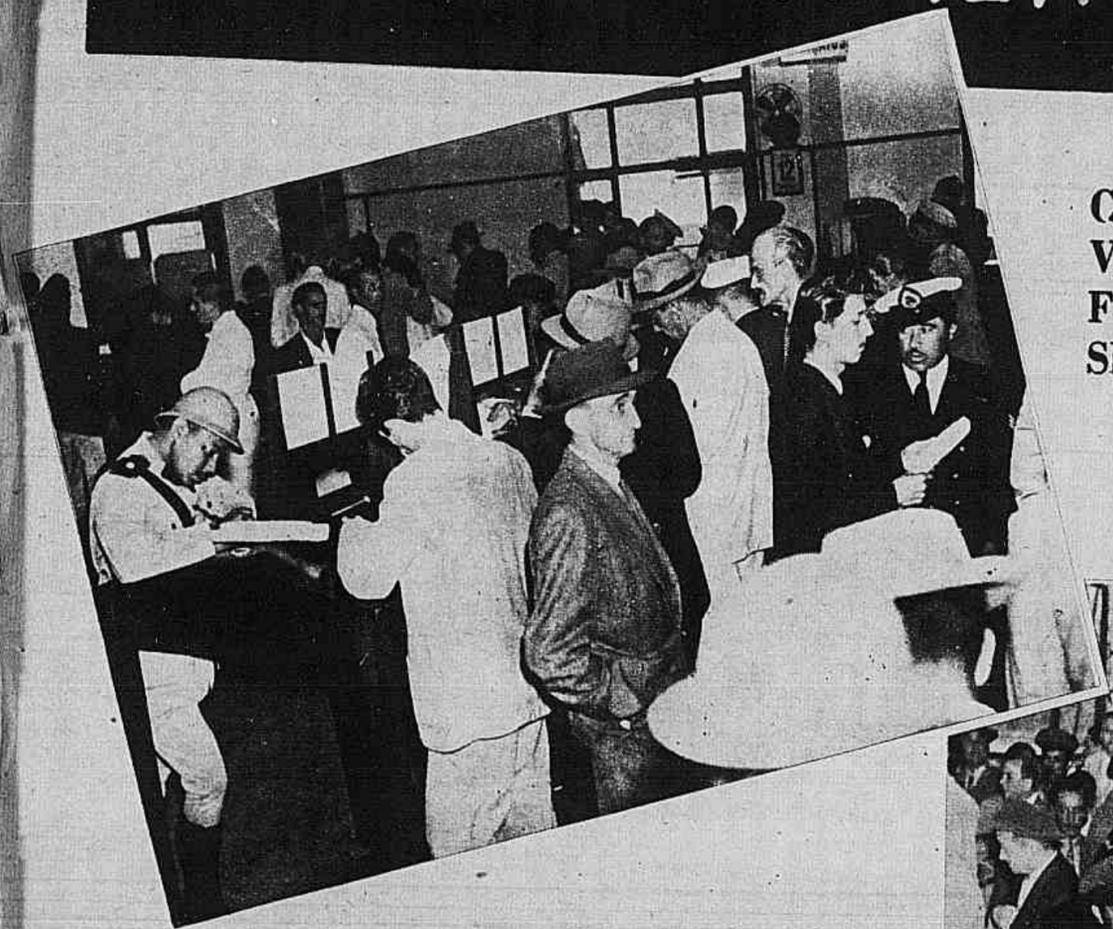




CASA TITUS

Avenida Marechal Floriano, 148 — (Do lado da Light)
Loja - 23-1065 e 43-7885 — Escritório - 43-7148 e 23-6220 — 800

SINO

UM INSTITUTO DE CREDITO VERDADEIRAMENTE POPULAR



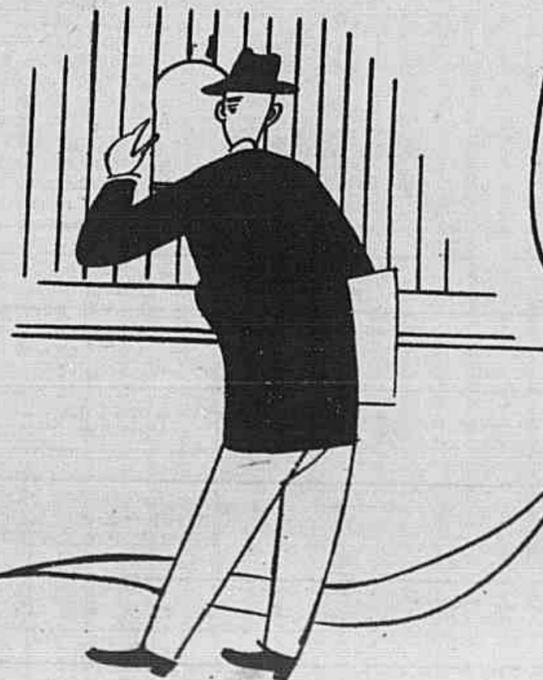
Na Caixa Econômica Federal do Rio de Janeiro tôdas as atividades vêm alcançando uma progressão que é realmente um indício do quanto pode a nação crescer com os seus próprios elementos e recursos. A fotografia acima dá-nos uma impressão do movimento da Agência Carioca, que é o principal departamento das operações de depósitos da grande instituição de economia popular.

CADA VEZ MAIS VULTOSAS AS ATIVIDADES DA CAIXA ECONÔMICA FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, CONSIDERADA, COM JUSTIÇA, COMO SENDO O "BANCO DO POVO"



Esta foto reproduz um aspecto do Serviço de Saúde da Caixa Econômica Federal do Rio de Janeiro, a cuja inspeção são submetidos os pretendentes a empréstimos na Carteira de Consignações.

A Carteira de Consignações da Caixa Econômica Federal do Rio de Janeiro é o departamento que presta assistência ao funcionalismo público, concedendo-lhe empréstimos de acôrdo com a Tabela Price. Na gravura acima temos um aspecto da atividade nessa Carteira.



CATULO E A ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

O GRANDE POETA NÃO QUIS SER ACADÊMICO — UMA
CARTA DE CATULO — AS HOMENAGENS AO INCOMPA-
RÁVEL CANTOR SERTANEJO NO "PETIT TRIANON"



Não houve até hoje poeta que, no Brasil, tivesse tido a popularidade de Catulo, proclamou, no "Petit Trianon", o acadêmico Viriato Corrêa.

Catulo da Paixão Cearense poderia, pelo seu alto merecimento como poeta, ter sido um dos membros da Academia Brasileira de Letras. A NOITE, que tornou vitoriosa a candidatura de Santos Dumont, liderando um movimento em favor da "imortalidade" do "Pai da Aviação", quis também patrocinar a candidatura de Catulo. Mas o grande poeta não quis aceitar o lançamento de sua candidatura, apenas para não se colocar na situação de pedinte. E, nessa ocasião, Catulo trabalhava no Cinema Central, — fato que provocou, aliás, a crônica de Rosalina Coelho Lisboa n' A NOITE e a de Monteiro Lobato n' "A Manhã", publicadas em outro local. Catulo escreveu, nessa ocasião, a seguinte carta à A NOITE:

"A ilustrada redação de A NOITE — Profundamente comovido, agradeço à A NOITE a honra de lembrar à Academia de Letras a aceitação da minha candidatura, na suposição de que um dia me candidatasse. Essa honra muito me exalta, porque procede de um dos mais conceituados periódicos da nossa imprensa e pela espontaneidade do gesto, que tanto me dignifica. Essa homenagem, que só o coração do generoso órgão poderia prestar-me, tem um valor inestimável para mim.

Quantas suntuosas não faria um homem rico e poderoso para merecer de A NOITE a glória e a vitória que ontem mereci. Mas não nos iludamos. Deixemos em paz a Academia, que nada tem que ver com os trovadores e poetas populares, como os poetas do sertão nada têm que ver com as Academias. Continuarei a escrever os meus humildes trabalhos, enquanto Deus me der energias para empunhar um violão, abrir a garganta num desafio com João Pernambuco, num teatro ou num cinema, como o Central, cuja platéia tão delicada e bondosa se mostra para mim, aplaudindo-me tôdas as noites com as risadas e as suas palmas animadoras. Benditas as barbas de bode com que me exibo no palco do Cinema Central, pois, por elas e com elas, já mereci da eminentíssima poetisa D. Rosalina Coelho Lisboa a crônica que foi publicada pela A NOITE, que é para mim um tesouro maior que todos os tesouros de tôdas as Academias do mundo. A divina poetisa, esquecendo-se, talvez, da alta responsabilidade que tem no mundo das nossas letras, exagerou. Mas que importa? Uma simples frase da sua pena já me fôra uma consagração. Mas não nos iludamos, repito. Nem a Academia pensa em mim, nem eu nela. Tudo poderei fazer neste vale de lágrimas, menos uma coisa: apresentar-me candidato à Academia Brasileira de Letras. Nunca os meus lábios se abririam para pedir um voto! Essa indignidade moral ultrajaria a riqueza das minhas exi-

bições nos cinemas, onde se pode ganhar sem pedir, e onde ganho, recebendo os votos de aplausos, que são as palmas ardorosas que temos recebido, eu, o Porco Espinho, e o meu companheiro, o Maracajá.

Ganhar alguns cobres num cinema, cantando ou dizendo coisas brasileiras, que sempre entusiasma as nossas platéias, é nobre. Miséria é bajular um imortal, de joelhos, com as mãos postas, e os olhos cheios de lágrimas, esmolando-lhe um voto!

O que eu espero de A NOITE é que o seu coração esteja sempre aberto ao Catulo trovador, ao Catulo boêmio, ao Catulo poeta, e, principalmente, ao Catulo mendigo, se Deus assim o quizer, pois dar-me-ei por feliz se continuar a escrever as minhas obras cantando e recitando nos palcos dos cinemas, esquecido da imortalidade acadêmica desde que a A NOITE e a imprensa brasileira não se esqueçam do velho "Marroeiro", que tanto já lhe deve. — Catulo Cearense".

Coelho Netto, Humberto de Campos e Luiz Carlos, quiseram também induzir Catulo a se candidatar à Academia de Letras, mas em vão. O seu único orgulho, — o orgulho intelectual, — o impedia de pedir votos.

HOMENAGENS DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS A CATULO

Na primeira quinta-feira, depois da morte de Catulo, a Academia Brasileira de Letras, em sua reunião semanal, prestou uma homenagem de excepcional relevo ao grande poeta, de quem se ocuparam alguns dos mais notáveis acadêmicos. Inicialmente, falou o ilustre dramaturgo Viriato Corrêa, que proferiu as seguintes palavras:

"Sr. Presidente: na madrugada da última sexta-feira, o poeta Catulo Cearense fechou para sempre os olhos. E fechou-os aos 83 anos de idade, em plena pujança da sua surpreendente inspiração poética. Não há, nesta casa, quem desconheça o valor do grande morto. Não foi ele uma figura de grupinho, um fruto de coterie, uma invenção de panelinhas literárias, foi um legítimo poeta, a mais exuberante floração do nosso lirismo sertanejo, a verdadeira expressão cósmica da poesia popular. Catulo foi o mais incorrigível dos boêmios que já houve no Brasil. Com a imensa carga de oitenta e poucos janeiros sobre os ombros, na idade em que todos os homens se recolhem à vida pacata que a velhice exige, tinha ele ainda um amor irreprimível pela vida solta de rapaz. Doente, alquebrado, gostava ainda de ir para a rua, para as noitadas ao luar, entre moços, cantando modinhas ao repinico de violões. Foi o mais incorrigível dos bardos brasileiros. Poeta da ponta dos pés à ponta dos cabelos, nunca foi outra coisa, não quis nunca ser outra coisa sinão poeta.

Acreditou na poesia a vida inteira e acreditou tanto que já octagenário e no fim dos seus dias, tinha por ela o mesmo enlévo e o mesmo entusiasmo dos tempos da adolescência. Nunca se incomodou com as galas do mundo, mas fez sempre questão fechada de ser poeta. Nunca quis saber de riquezas, mas não admitia que o deixassem de considerar um nababo da inspiração. Nunca entrou num banco para depositar ou para retirar dinheiro, mas teve sempre conta corrente com as Musas e delas sacava verdadeiras fortunas poéticas.

Não houve até hoje no Brasil poeta que tivesse tido a sua popularidade. Ele era, de fato, o poeta do povo. Sentiu, como ninguém, o povo, e o povo o sentiu, amando-o até à ternura, até ao feticchismo. Catulo era na verdade uma figura excepcional. Era ele, sempre ele, não se parecendo com qualquer outro poeta ou mesmo com qualquer outro homem. Em Catulo tudo era singularidade.

Singularidade nas maneiras, singularidade no vestir-se, singularidade na condução de sua vida, na concepção dos seus poemas, na maneira de versar, na vestimenta bizarra de suas imagens. Singular até na modalidade poética, que escolheu para celebrar-se a modalidade sertaneja. Singular porque ele não era um sertanejo. Nasceu numa das ruas mais centrais de São Luiz, no Maranhão, cidade plantada à beira mar. Na sua

CONCLUE NA PAGINA 37



A Academia Brasileira de Letras, onde foi prestada grande homenagem a Catulo

Carta do grande poeta Manuel Bandeira ao grande poeta sertanejo, a quem dá o nome de "Catulo da Paixão Brasileira"

Rio, 13 de novembro de 44

Meu caro Catulo da
Paixão Brasileira!

Muito obrigado pelo volume
Plan dos Poemas Escolhidos,
remetido por intermédio do
Senhor Sr. Martins. Reli com
encanto o que já conhecia e
é delicioso em momentos
O maior de todos tem
razão quanto diria: "O Catulo
é o maior criador de uma
pen da poesia brasileira".
Por isso te chamarei "grande"
nos livros de História das
Literaturas, o que causou
depois a muitos "cabeleiros".

Vou anexas um exemplar
deas das Obras Completas da
Linha Brasileira para ti
suces.

aceita os meus parabéns
os meus votos de
saúde e poesia.

Um grande abraço

Manuel Bandeira

av. Beira Mar 210 -
ap. 406

A Assembléia Constituinte rende homenagem a memoria de Catulo

(Conclusão da página 15)

únicas que tenho a esta altura da vida: a manhã, a tarde, a noite e a saudade".

Foi assim que morreu Catulo, recordando sua vida de boêmio e da poeta, a cantar as saudades, saudades evocadas tantas vezes por outros representantes daquele berço privilegiado que é o Maranhão.

Nesta hora em que nos reunimos aqui, quero pedir um instante, um minuto de saudade para o último dos poetas, dos verdadeiros poetas populares, que tombou na madrugada de hoje, e um voto de pesar da Assembléia Constituinte de 46. (Muito bem; muito bem, Palmas.)

O SR. BENJAMIM FARAH — Senhor Presidente, peço a palavra, pela ordem.

O SR. PRESIDENTE — Tem a palavra o nobre Representante.

O SR. BENJAMIM FARAH — (Pela ordem) — Sr. Presidente, peço permissão para falar da bancada.

Subscrevi o requerimento de um voto de pesar ao cantor peregrino que veio do longínquo Maranhão, daquelas mesmas terras de onde saiu um dia o cantor de "Y-Juca Pirama", o cantor dos Tamoiós, onde nasceu Coelho Neto e de onde saiu o inolvidável Humberto de Campos.

A bancada trabalhista está solidária com esse voto de pesar em homenagem ao autor de Meu Sertão, Sertão em Flor, Mata Iluminada, Poemas Bravios (prefácio de Rui Barbosa), Meu Brasil, Fábulas e Alegorias, Alma do Sertão, Evangelho das Aves, O Testamento da Árvore, Um Boêmio no Céu, O Milagre de São João, Poemas Escolhidos, Um Caboclo Brasileiro, Os Pescadores, Oração à Bandeira, Um Boêmio na Terra (episódios de sua vida) e Contos Verdídicos do Sertão.

De fato, foi um grande trabalhador, a quem, Rui, o genial Rui, fez as melhores referências, inclusive em prefácio de um seu livro no qual consagrara esta expressão imorredoura — Poeta maravilhoso, cuja musa enfeitica e parece recriar.

Na verdade, o cantor do "Luar do Sertão" é o cantor de todos os brasileiros. Suas canções bem poderiam figurar entre as mais empolgantes de todos os países.

Evocamos o grande Catulo da Paixão Cearense, porque soube auscultar a alma brasileira e traduzir seus sentimentos através de canções. Devemos, realmente, evocá-lo nesta hora que tanto carecemos de brasileiros que saibam amar as tradições de nossa terra, nesta hora em que a brasilidade precisá de ser retemperada.

(Conclusão da página 11)

A Primavera é tão bôa, prêza tanto as nossas dores, que até mesmo o cemiterio enfeitica todo de flores.

Tu bem sabes toda a historia deste amor, hoje desfeito: nasceu dentro de minh'alma e sepultou-se em teu peito.

Quem dormir sobre teu peito uma noite bem dormida, há de acordar no outro dia com a illusão apodrecida.

Meu idéal era ver-te, formosa, como tu és, amando a todos os homens e eles todos a teus pés.

Tens tanta flor na janela, que mais um jardim parece; no entanto, só quando chegas, é que a janela floresce.

"Que flor tu querias ser", se um dia me perguntasses, — um mal-me-quer — eu diria, para que me desfolhasses

Para mim, a maior gloria, mais sublime e ambicionada, era eu ser a sepultura onde fosses enterrada.

Sou como a flor. E os brilhantes que trazes, de alto valor, não são pingos de sereno, que mata a sede da flor!

Por isso, Sr. Presidente, a Bancada Trabalhista declara que Catulo da Paixão Cearense não morreu — continuará cantando ao coração dos brasileiros, desde a choupana até o palácio; continuará a cantar, para glória de seu povo, para glória de sua terra! (Muito bem.)

O SR. OTAVIO MANGABEIRA — Sr. Presidente, peço a palavra, pela ordem.

O SR. PRESIDENTE — Tem a palavra o nobre Representante.

O SR. OTAVIO MANGABEIRA — (Pela ordem) — Sr. Presidente, no meio de tanta aridez em que vivemos cercados, é simpático que a Assembléia Constituinte se curve respeitosamente diante do túmulo de Catulo da Paixão Cearense, esse pobre homem do povo que honrou a poesia brasileira e compôs tão lindas trovas que toda a nação repete.

Não costumo frequentar a tribuna em matéria de votos de pesar. Abro, hoje, uma exceção, associando meu voto pessoal e o da União Democrática Nacional às homenagens que a Assembléia Constituinte presta ao homem que melhor cantou as coisas de nossa terra, sobretudo o nosso luar.

Era o que tinha a dizer. (Muito bem.)

O SR. ODILON SOARES — Senhor Presidente, peço a palavra, pela ordem.

O SR. PRESIDENTE — Tem a palavra o nobre Representante.

O SR. ODILON SOARES — (Pela ordem) — Sr. Presidente, no nosso meio indiferente, ou, pelo menos, pouco interessado pelas coisas do espírito, a obra de Catulo da Paixão Cearense constitui um exemplo de grandeza moral, de persistência invencível, de idealismo puro e de acendrado amor à nossa Terra. O Maranhão deve-lhe uma grande dívida de gratidão pelo muito que fez Catulo engrandecendo aquela terra, e no momento era ele o seu máximo representante no cenário literário! Desde o ano transato, a mocidade do Maranhão vem desenvolvendo uma campanha, que cada vez mais se avoluma pelo número das adesões, em favor de um monumento que lhe perpetue o nome.

Mas pergunto, Sr. Presidente, a própria obra de Catulo não será mais perene do que o bronze — aeres perennis, como diria Ovídio.

Tenho para mim que a obra ainda não foi avaliada no devido aprêço. E esta convicção nos consola do pouco que lhe fez o Estado do Maranhão, durante a sua vida, entrecortada por tantas vicissitudes!

Agora, porém, Sr. Presidente, que já é morto esse espírito, verdadeiramente ateniense, e não pulsa mais esse coração magnânimo, resta-nos chorarmos sobre o seu cadáver, e aqui estamos, não só, em nome da nossa bancada, mas de todo o Maranhão, a pedir um voto de pesar pelo seu falecimento. (Muito bem.)

O SR. PRESIDENTE — Vou submeter a votos os requerimentos:

Requeremos um voto de pesar pelo falecimento do poeta Catulo da Paixão Cearense. Sala das Sessões, em 10 de maio de 1946. — Lino Machado, — Ademar Rocha, — Domingos Velasco, — Plínio Pompeu, — Stênio Gomes, — Aureliano Leite, — Alarico Pacheco, — Fernandes Távora, — Jorge Amado, — Antenor Bogêa, — Benjamin Farah, — Hugo Carneiro, — Guaracy Silveira, — Ruy Almeida, — Barreto Pinto, — A imprimir.

Nós, abaixo assinados, membros da Banca da Maranhense, requeremos à Egrégia Mesa da Assembléia Constituinte seja lançado na Ata dos nossos trabalhos de hoje um voto de pesar pelo falecimento do grande poeta maranhense Catulo da Paixão Cearense, ocorrido na madrugada de hoje.

Sala das Sessões, 10 de maio de 1946. — Odilon Soares, — Pereira Júnior, — José Neiva, — Crepory Franco, — Luis Carvalho, — A imprimir.

Tendo ocorrido, na madrugada de hoje, o falecimento do grande poeta brasileiro Catulo da Paixão Cearense, requeiro a inserção na ata de nossos trabalhos de hoje, um voto de profundo pesar, pela perda que sofre a poesia brasileira com o desaparecimento do maior cantor das belezas de nossa terra e dos sentimentos puríssimos da gente sertaneja.

Sala das Sessões da Assembléia Nacional Constituinte aos 10 de maio de 1946. — Francisco Pereira da Silva.

O SR. PRESIDENTE — Os Senhores que os aprovam, queiram levantar-se. (Pausa.) Estão aprovados.

O Progresso marcha!

E a MALZBIER PROGRESSO continua na vanguarda das cervejas maltadas

MALZBIER PROGRESSO

Um produto da **ANTARCTICA**

Episódios pitorescos e anedóticos na vida de Catulo da Paixão Cearense

Por GUIMARÃES MARTINS
Especial para A NOITE ILUSTRADA



Catulo, numa "charge" de V. I.

O ENCONTRO DOS "CARDIAIS"

Encontravam-se certa vez, nas imediações do Meier, três bambas nacionais da poesia regional:

— Catulo da Paixão Cearense, Agripino Grieco e Juvenal Fontec.

Ao que parece, todos três discutiam o respectivo grau de popularidade, cada qual dizendo-se o "enfant gaté" do público. A certa altura, porém, como não chegassem a um entendimento Grieco propôs que o caso fosse submetido a uma espécie de plebiscito "sui-generis". E tocaram-se eles rumo ao primeiro "café", nas proximidades da residência do reformador da crítica literária no Brasil.

Em lá chegando, perguntou Grieco ao proprietário do "café", um luziada amável:

— O Sr. me conhece, a mim, meu caríssimo amigo?

O interrogado respondeu prontamente:

— Conheço. V. Excia. passa por aqui todas as manhãs, com esse seu bengalão.

Grieco antegozava as delícias da popularidade, e, envaidecido pela certeza da vitória, voltou para o luzitano:

— E qual o meu nome?

— O nome não sei, Sr. doutor.

Coube a vez ao Juvenal, a quem o interlocutor negou peremptoriamente conhecer.



Catulo, ao lado de Agripino Grieco e de Guimarães Martins, que recolheu o seu ane dotário

Faltava ainda um candidato, Catulo, que teve a mesma sorte do Juvenal. Catulo não se conteve e disse:

— Vamos embora que este é burro...

A cena repetiu-se noutro "café" situado pouco distante, mais perto ainda da casa de Grieco. Houve as mesmas perguntas aos dois primeiros. Mas, quando chegou a vez de Catulo, este inquiriu:

— Você me conhece:

O "garçon" respondeu:

— Conheço, sim senhor.

— E sabe o meu nome?

O "garçon" pousando as duas cafeteiras sobre a mesa, fez um largo gesto de entusiasmo e admiração e declarou com ênfase:

— Eu seria um brasileiro indigno se

não conhecesse o maior poeta de minha pátria: Catulo da Paixão Cearense!

O imortal autor do "Luar do Sertão" subiu até as nuvens, tornou a descer, consertou os óculos e agradeceu deste modo:

— Agripino, este sim, é inteligente...

Oh! rapaz traz uma garrafa do melhor vinho que tiver na casa.

Ao despedir-se, Catulo bateu nas costas do Juvenal, dizendo-lhe:

— Juvenal, paga a conta, e dá uma boa gorjeta ao "garçon", que ele é "nosso" admirador...

UMA SERENATA... AS DUAS DA MANHÃ

Voltando do Teatro Lírico, onde tinham ouvido a "Boêmia", cantada por celebridades mundiais, o Sr. Julio Soares e a sua Exma. esposa, já recolhidos, ouviram, às duas da manhã, sons de instrumentos à distância.

Levantaram-se e abriram a janela. A noite estava alva como a espuma do mar. Era Catulo, o imenso Catulo, que vinha cantando uma serenata, acompanhado pelos músicos Anacleto, Irineu, Luiz de Souza, Chico Borges, Olímpio, Lica e Gonzaga.

Catulo tinha na voz uma doçura de óleo santo. Todas as janelas da vizinhança se abriram.

Os músicos pararam à porta do Sr. Soares tocando. Tocaram, tocaram e Catulo, gemendo uma valsa, foi caminhando com os seus companheiros de boêmia.

Relembrando o episódio, o Sr. Soares afirmou:

— Que me perdoem os que me ouvirem. Mas, diante do espetáculo daquela serenata, ao clarão da lua, com o céu alfinetado de estrelas, eu me esqueci dos cantores do Lírico e, orgulhoso de ser brasileiro, beijei a fronte de minha mulher.

Catulo, quando cantou na casa do general Pinheiro Machado causou-lhe tal impressão pela beleza do verso e pela correção de sua dição encantadora, que o grande chefe político exclamou, entusiasmado:

— Como é belo o nosso idioma!

DACTILOGRAFO SEM MAQUINA...

Em 1922, o Dr. Pires do Rio, ministro da Viação nessa época, conversando com o poeta Luiz Carlos, soube que o autor do "Marroeiro" vivia apenas do produto da venda dos seus livros.

(CONTINUA NA PAGINA 32)



Genha o mundo a seus pés...

Uma cabeça bem cuidada com cabelos são e juvenis completa a elegância. E o mundo a notará como pessoa de bom gosto e de apuro. Brylcreem dá brilho, torna os cabelos sedosos e brilhantes. De perfume suave, fixa naturalmente o penteado, sem emplastar. Evita a raspagem e tonifica a raiz do cabelo. Experimente após o permanente! Nos cabelereiros de 1.º ou nas suas 5 embalagens diferentes, Brylcreem está ao alcance de todos.

Mais de 27 milhões de unidades vendidas anualmente no mundo inteiro!

BRYLCREEM

O MAIS PERFEITO TÔNICO FIXADOR DO CABELO

Como triunfar na vida?



Todos lutamos a procura do êxito. Todos desejamos triunfar na vida. A maioria dos homens, entretanto, esbarra no meio de sua carreira profissional, sem conhecer os motivos de seu insucesso, simplesmente porque desconhecem os métodos modernos que conduzem ao caminho do êxito. Caro Lector! Quereis conhecer um original método de comércio e industria? Adquiria então um exemplar deste livro.

O COMERCIO MODERNO E INDUSTRIAS

Ele dirá o que fazer para aproveitar lucrativamente as suas horas vagas, com negócios inteiramente seus. Toda a pessoa que tiver ambição de ganhar dinheiro e melhorar sua situação, deve adquirir este livro sem mais demora.

PRIMEIRA PARTE: Método pratico de vendas por correspondencia, podendo V. S. trabalhar nas horas vagas, sem necessidade de empregar grandes capitais. Métodos praticos de vendas por anuncios e cartas circulares especializadas. Um anúncio num jornal, uma carta circular e alguns prospectos eis o inicio de uma casa de vendas por correspondencia. Métodos de comércio que ensinam a aproveitar lucrativamente suas horas vagas.

SEGUNDA PARTE: Mais de 600 fórmulas industriais para fabricação de milhares de produtos de grande consumo. Uma oportunidade para V. S. iniciar uma pequena e lucrativa industria. Fabricando produtos de largo consumo, como: Anil, baratecidas, lustro para calçados, gomas liquidas, cremes para a pele, cera para soalho, pó fermento, tintas de escrever e de carimbos, sabão e sabonetes, perfumes, brilhantinas, loções, pó de arroz, pastas dentifricas, óleo para o cabelo, rouge, esmalte para unhas, tinturas para cabelos, alcool sem cheiro para perfumes, depilatorios, vinhos, bombons, licores, pasta para soldar, pedra de isqueiro, velas, vernizes, etc. etc. Preço Cr\$ 20.00. Remessa de valores em carta registrada com valor declarado, vale postal ou peça pelo rapido serviço postal de Reembolso. Pedidos a Mario Torrens - Caixa Postal, 148 - Blumenau - Santa Catarina.

PREENCHA ESTE COUPON

e receberá pelo serviço postal de Reembolso um exemplar do livro: "O Comercio Moderno e Industrias".

Nome _____
Rua _____ No. _____
Cidade _____ Estado _____

CONFETARIA ÚNICA

Pão quente a tôda hora

Aceitam-se encomendas para batizados e casamentos

AVENIDA AMARO CAVALCANTI, 1923 — TELEFONE: 29-3099
ENGENHO DE DENTRO — RIO DE JANEIRO

BAPTISTA & DURÃO

CATULO SE ENGANOU!

— CATULO

“Quereis conquistar a mulher? Enchei-lhe a cabeça de ilusões! O conquistador precisa mentir desbragadamente. Elogiai-lhe a beleza! Os olhos, os cabelos, a bôca, o corpo, o vestido... tudo o que ela não possuir. Nunca lhe deveis confessar a verdade”.

— GRANFINO — Não, meu caro Catulo, você que compreendeu tão bem e soube traduzir em versos magistrais a alma e as belezas do sertão, não conhece a mulher.

Para conquistá-la, precisamos dizer-lhe a verdade, elogiar a sua beleza, seus olhos, seus cabelos, sua bôca, seu corpo e aconselhar, para que conserve êsses dons divinos, o uso do perfume Narciso Azul de Gally.

Sim, Narciso Azul de Gally enriquece ainda mais a beleza e a juventude da mulher.



Água de Colônia, Brilhantina, Extrato, Loção, Óleo perfumado, Pó de Arroz, Sabonete e Talco.





UMA GRAN ENTRÉ

CATULO E ORTIZ TIRADO, O GRAN
— RECORDAÇÕES DESSA AMIZADE



Ortiz Tirado canta canções mexicanas para Catulo ouvir. E o poeta se mostra extasiado.

CATULO da Paixão Cearense e o grande cantor mexicano Ortiz Tirado fizeram uma grande amizade, amizade quase de irmãos, embora tivessem se conhecido há pouco tempo. Quando vinha ao Brasil, encantar o nosso público com sua arte admirável, Ortiz Tirado logo procurava Catulo, de cujas canções se fizera intérprete, em suas excursões através de todo o continente. Poucos dias antes da morte de Catulo, a 30 de abril, o grande cantor mexicano passara o dia com o grande poeta sertanejo. Catulo reunira em sua casa alguns amigos e oferecera uma feijoada ao ilustre visitante. E não se cansava, depois disso, de exaltar a simplicidade de Ortiz Tirado, a falta de luxos do cantor mexicano, que não fizera cerimônia alguma e o tratara como se fossem pertencentes à mesma família.

— Que homem simples! Que delicadeza de sentimentos! Que modéstia encantadora — repetia Catulo aos seus amigos.

Uma das folhinhas da modesta casa do poeta ficou parada no dia 30 de abril. Catulo determinara que não fosse desfolhada, porque ficaria sendo um marco comemorativo do dia que Ortiz Tirado passara em sua casa. Apaixonado pela música mexicana, gostando particularmente das canções de Agustín Lara, Catulo se deliciou com as interpretações de Ortiz Tirado. E também dedilhou o violão, ora acompanhando o artista mexicano, ora cantando para ele suas próprias canções. Quis o destino que Ortiz Tirado estivesse, ainda, no Brasil, quando Catulo cerrou os olhos para sempre. E o grande cantor do México não só velou o corpo do amigo morto, como cantou, no cemitério de Catumbi, o "Luar do Sertão", ao pé do túmulo de Catulo. Ortiz Tirado rendeu, ainda, um tributo da sua admiração a Catulo, participando da grande festa que A NOITE realizou no Teatro Municipal, como o passo inicial da grande campanha popular em prol da ereção da herma do poeta e da aquisição da casa em que ele viveu e morreu.



Casa das
LONAS

Lonas listadas, lisas e impermeáveis. Toldos e encerados. Arreios e artigos de montaria em geral. Malas, pastas e artigos de viagem.

CASA DAS LONAS

Rua S. José, 8 e 10
Tel.: 42-3625 — Rio de Janeiro

Emp. Propaganda SINO

DE AMIZADE ARTISTAS

DE CANTOR MEXICANO, ERAM ALMAS IRMÃS
— UMA EXTRAORDINÁRIA COINCIDÊNCIA ★

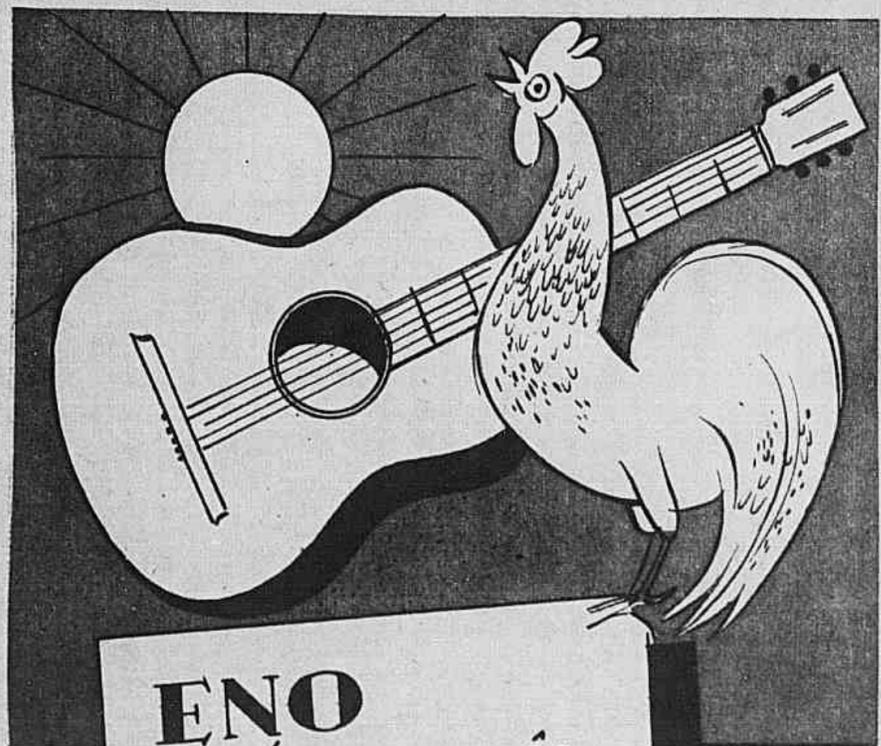


Catulo apresenta o seu papagaio de estimação a Ortiz Tirado.

Depois da morte de Catulo, Ortiz Tirado, em companhia de Guimarães Martins, Barnabé de Campos e Vasco Lima, contempla a cadeira predileta do grande cantor do sertão, em que foi ele surpreendido pelo ataque que o matou.



Flagrante expressivo de Ortiz Tirado e Catulo, autografado pelo artista mexicano e por ele ofertado a Alberto Nunes Filho.



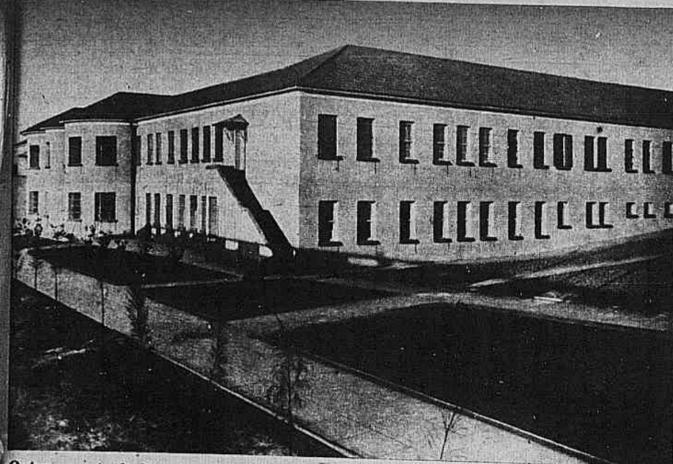
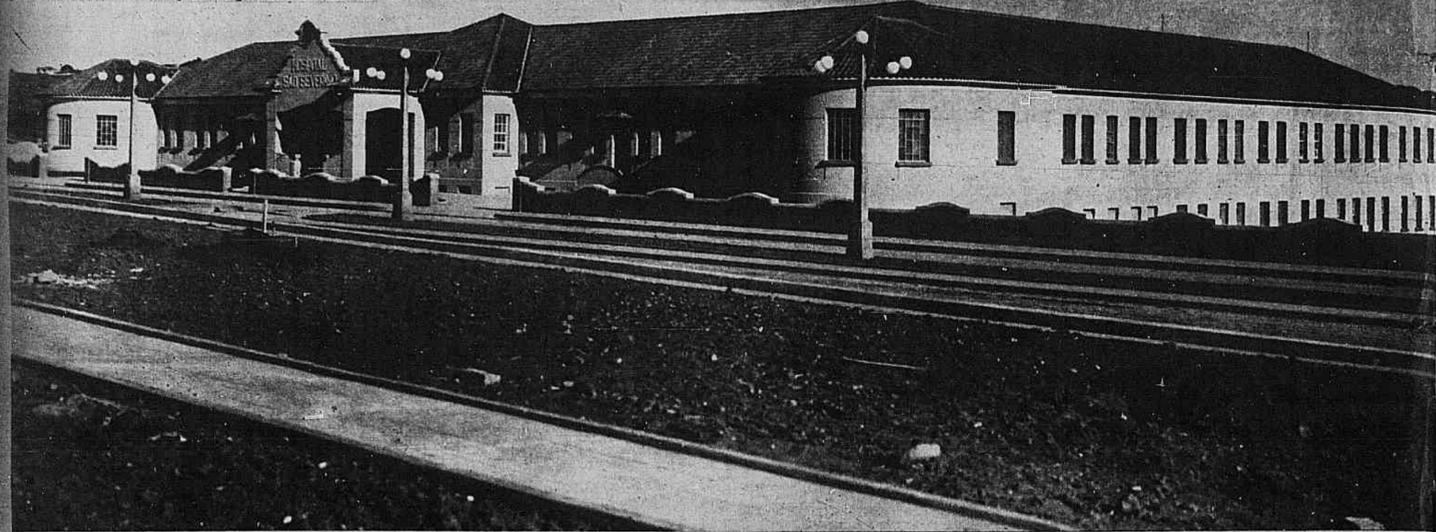
ENO *homenageia* CATULO

Ao extraordinário e tão humano poeta sertanista Catulo da Paixão Cearense, cantor cheio de emoções de tôdas as nossas coisas, a sincera homenagem do Sal de Fruta ENO — o produto que o Brasil prefere.

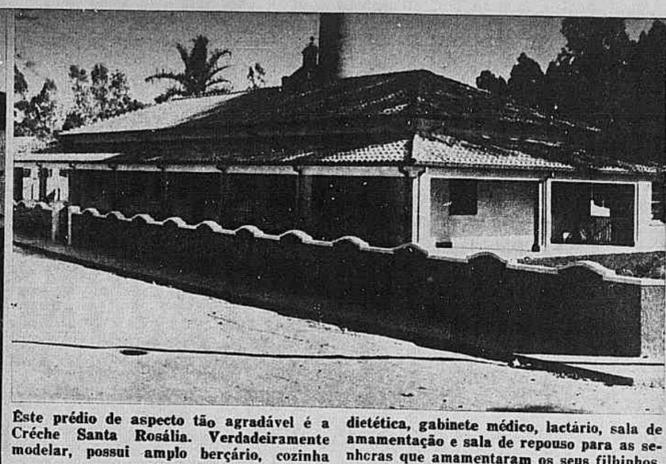


Vista parcial do Hospital São Severino, construído pela Companhia Nacional de Estamparia, para atender aos operários das Fábricas Santo Antônio, Santa Rosália e São Paulo. Dotado de modernos aparelhos, com médicos especialistas e clínicos, é a moderna instituição hospitalar dotada de

serviços de clínica geral, ginecologia, obstétrica, cirurgia, traumatologia, oftalmologia, otorrinolaringologia, pediatria, pré-natal, pré-natal e maternidade, laboratório de análises médicas e serviço fisioterápico.



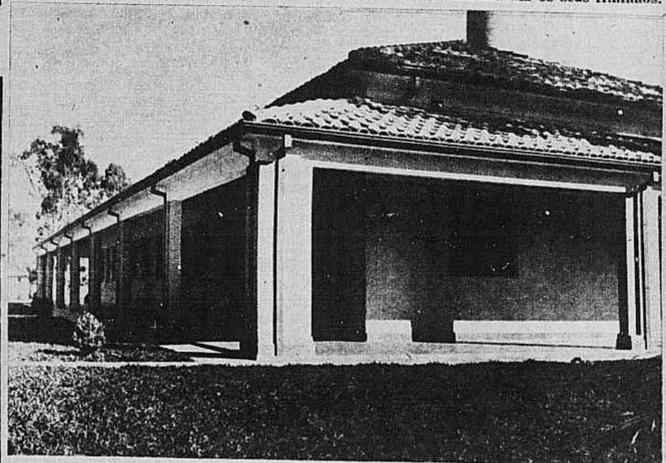
Outro aspecto do Hospital São Severino, de magníficas linhas arquitetônicas. Ao lado do Hospital há um isolamento destinado aos doentes portadores de moléstias infecto-contagiosas, capela e residência das irmãs de caridade.



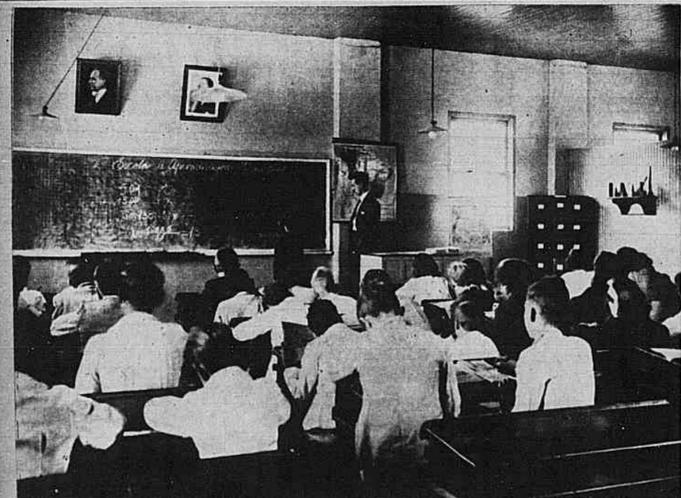
Este prédio de aspecto tão agradável é a Crèche Santa Rosália. Verdaderamente dietética, gabinete médico, lactário, sala de amamentação e sala de repouso para as senhoras que amamentaram os seus filhinhos.

O ALTO ESPIRITO DA ADMINISTRAÇÃO DA COMPANHIA NACIONAL DE ESTAMPARIA

As Fábricas Santo Antônio, Santa Rosália e São Paulo, orgulhos da indústria paulista — Sorocaba, cidade trepidante, ninho de chaminés fumegantes — A obra social do Sr. Severino Pereira da Silva à frente da Cia. Nacional de Estamparia — Documentário fotográfico do que ali vem sendo realizado para a defesa da saúde do operário e da sua família — Onde os conflitos sociais são imagináveis



Outro aspecto da Crèche da Fábrica Santa Rosália.



Mantida pela Companhia e fiscalizada pelo SENAI, a Escola de Aprendizagem Industrial, com a matrícula de mais de 200 alunos, prepara a juventude de Sorocaba para o trabalho do Brasil-industrial de amanhã.

SOROCABA é o maior centro industrial do interior paulista, além de ser, também, município de grandes possibilidades agro-pecuárias.

Cognominada a "Manchester Paulista", a próspera cidade é um verdadeiro ninho de chaminés fumegantes, centro de operários trabalhadores e ordeiros.

Poucas cidades brasileiras têm, como Sorocaba, tão perfeito aparelhamento de assistência social aos operários e suas famílias. Magníficos hospitais, de construção sólida e higiênica, com aparelhos de alto custo, e numeroso corpo clínico, prestam inestimáveis serviços aos trabalhadores. As crèches, as maternidades e outras iniciativas de amparo à infância são outros tantos documentos consoladores para os que muito justamente se preocupam com o Brasil de amanhã.

Sorocaba é, sobretudo, uma cidade trepidante. O rumor dos mancais insaciáveis por giro, os apitos das atreves das fábricas, o vaivém constante dos caminhões que transportam para a boca das grandes indústrias a matéria prima, e dessas para as estações ferroviárias e rodoviárias a matéria já manufaturada, a onda humana vestida de macacões que entra e sai para o trabalho enchem os olhos e os sentidos do visitante de justificado orgulho. Sorocaba é um símbolo do progresso paulista e da capacidade dos nossos operários e administradores.

AS FÁBRICAS SANTO ANTÔNIO, SANTA ROSÁLIA E SÃO PAULO

São elas pertencentes à Companhia Nacional de Estamparia, magnífica organização industrial que obedece ao comando do gerente industrial, Sr. Severino Pereira da Silva. Têm oito mil operários. Verdadeira colmeia de abelhas humanas que trabalham sem agitações estereis. Vivem satisfeitos com o que ganham, reconhecem o desvelo, o carinho com que a direção da Companhia Nacional de Estamparia cuida dos problemas da sua assistência, da assistência às suas esposas, aos seus filhos. Neste ligeiro comentário, faremos uma resenha do que é a assistência médica que as fábricas Santo Antônio, Santa Rosália e São Paulo proporcionam ao seu pessoal. As ilustrações são bem eloquentes. Mostram aspectos do Hospital S. Severino, verdadeira obra prima de arquitetura, onde os mínimos detalhes foram considerados para melhor aproveitamento ao fim a que se destina. É a harmonia da ciência do engenheiro com a ciência do médico a ditar o conforto humano, o conforto dos que buscam repouso, dos que necessitam de fazer cessar as suas dores. A moderna vila operária, com residências confortáveis, todas com instalações sanitárias e higiênicas; duas crèches; estádio para sports, cinema, maternidade, Grupo Escolar, Escola Senai, serviço médico de assistência domiciliar, serviço de visitadoras sociais e nutricionistas,

posto de gêneros alimentícios e outras pequenas coisas que seriam difíceis enumerar. Ele a síntese magnífica das maravilhas que o Sr. Severino Pereira da Silva criou para os seus obreiros, para a sua cidade, para o orgulho maior do Estado bandeirante e do Brasil. São obras assim, tão expressivamente reveladoras do sentido humano que as inspira, que consagram a vida de um administrador. Daí, também, é que se originam a alegria dos operários das fábricas Santo Antônio, Santa Rosália e São Paulo, a harmonia entre os pontos de vista entre o empregador e o empregado. Nestas organizações industriais, não há luta de classes. Capital e trabalho se juntam para melhor servir à grande Pátria que firma os seus alicerces de uma grande nação industrial.

das do Hospital São Severino 183 crianças; 188 passaram pelo serviço radiológico, 167 pelo serviço fisioterápico e 90 pelo laboratório.

Entregues aos cuidados de onze médicos, clínicos gerais e especialistas, foram internados no Hospital São Severino 742 empregados, tendo se verificado ainda 43.283 consultas, sendo aplicadas 47.644 injeções e feitos 58.561 curativos e 341 intervenções cirúrgicas. Na Maternidade foram internadas 83 gestantes, tendo-se registrado 67 partos normais e 13 intervenções obstétricas. Os serviços de radiologia prepararam 486 chapas radiográficas e 2.389 radioscopias. Fizeram-se 1.873 aplicações de raios infra-vermelho, ultra-violeta e de diatermia.

Orientados por três assistentes sociais funcionam grêmios literários e dramáticos, associações desportivas e cursos de educação doméstica que reúnem numerosos operários.

Isto é um pouco da vida das fábricas pertencentes à Companhia Nacional de Estamparia, onde o gênio administrativo de um homem não foi perturbado pelo seu coração estuante de bondade, de amor ao próximo.

Isto é a obra do Sr. Severino Pereira da Silva, o orgulho de Sorocaba, a "Manchester Paulista".

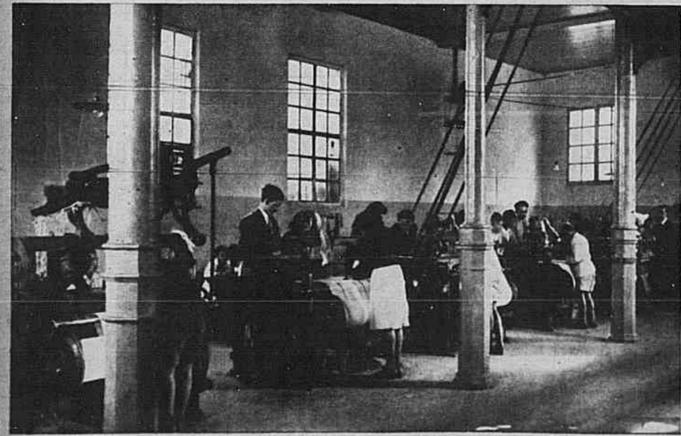
SÍNTESE DOS SERVIÇOS DE ASSISTÊNCIA SOCIAL

Para se ter uma idéia da extensão dos benefícios gratuitamente prestados, basta afirmar-se que, em 1945, foram matriculadas, nas crèches e Escola Maternal, 722 crianças que receberam cerca de 245.000 refeições. O serviço médico aplicou, nestas crianças, 4.580 injeções e 7.933 curativos, dando-lhes ainda 5.112 consultas.

Foram internadas nas clínicas especializa-



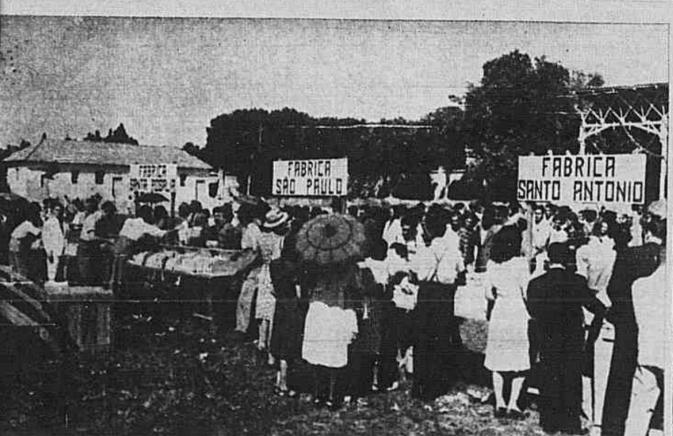
As assistentes sociais da Companhia Nacional de Estamparia, orientadas pelo serviço médico especializado do Hospital São Severino, organizaram um concurso de robustez infantil no Natal de 1945, entre as crianças matriculadas na Crèche Santa Rosália. O flagrante acima documenta eloquentemente os inestimáveis serviços que a Companhia presta com a sua assistência à infância.



A Escola do SENAI presta relevantes serviços para os jovens que serão os operários técnicos de amanhã. O flagrante é de uma aula no curso de tecelões.



Esta casa uma das seiscentas que a Cia. Nacional de Estamparia mandou construir para os seus operários. Têm jardim, quintal, piso de tacos, instalações sanitárias, água corrente, aparelhos para aquecimento d'água, etc. Parece incrível, mas são alugadas pela irrisória quantia de Cr\$ 40,00 mensais.



Os filhos dos operários das Fábricas Santo Antônio, Santa Rosália e São Paulo têm sempre Natais felizes. Em 1945, como nos anos anteriores, a petizada recebeu os presentes que a Companhia mandou distribuir.



Estes robustos e lindos garotos obtiveram os primeiros lugares no concurso de robustez infantil.

Repercuta, ainda, em tôdas as camadas sociais a morte de Catulo da Paixão Cearense, o grande bardo sertanejo. As manifestações de reverência à memória do cantor do "Luar do Sertão" continuam a se fazer sentir. Justo, portanto, que se rememore, em pinceladas largas, o fim do século XIX e o alvorecer do século dos nossos dias, quando Catulo, integrando a notável equipe de boêmios, de menestrelis que escreviam os seus poemas de angústia, de amor, de esperança e vida nas noites trepidantes de boêmia, sentia, como todos da roda alegre, as vestes e as fronte banhadas pelo orvalho da madrugada.

O Rio de Janeiro, então, com os seus cafés repletos, povoados de mocidade, com orquestras animadas, refletia perfeitamente a agitação de uma cidade que se fixava nos alicerces de um grande futuro. Os últimos dias do século dezanove e os primeiros do século XX estabeleceram o meridiano que separaria o Rio de Janeiro — cidade antiga, dos quiosques, das ruas estreitas e pouco ventiladas; para o Rio — cidade moderna, estuante de iluminação, de largas avenidas, enfim, o Rio — cidade maravilhosa. E foi nesse período de transição, quando as picaretas do progresso enchiam de poeira sufocante os gritos dos conservadores epicamente retrógrados, é que Emilio de Menezes, Olavo Bilac, Patrocínio, Pardal Mallet, Paula Ney, Coelho Neto, Catulo e outros cantavam os seus poemas maravilhosos, ostentando a pura divina da inteligência cintilante, sob as aclamações dos admiradores que os cercavam. E quase sempre a madrugada tranquila e sangrenta de luz os vinha surpreender nas mesas dos cafés transformados em berços da inspiração poética. Alguns deles mais vividos, outros ainda iniciados na longa carreira das letras e na fugaz aventura da boêmia, porém todos irmanados num só desejo: viver, viver boemidamente, construir algo de belo tomando como tema a própria vida que eles dissipavam ao sabor das noites alegres.

Enquanto o pequeno grupo traçava diretrizes para a literatura nacional, enchendo as prateleiras das livrarias, povoando de anedotas e trocadilhos magníficos a cidade, os centros do mundanismo, havia, desgraçadamente a se firmar no atraso, a modalidade de comércio.

A cidade era suja e monótona. As rodas das vitórias, dos "tilburys" e dos "troleys" riscavam as lages que constituíam o calçamento das ruas. O bondezinho puxado a burros era um convite ao sono. Nas sinuosas vielas, nas ladeiras imundas, os indolentes e alcoolatras inveterados estabeleciam as bancas do baralho onde tinham começo e fim o vício, a delinquência, a honra...

O comércio daquela época... Com raríssimas exceções, era profunda e paradoxalmente pouco comerciável. Atrás dos balcões indiferentes à higiene, rapazolas esqueléticas,

CATULO E A MODERNIZAÇÃO DO RIO DE JANEIRO

subalimentados, de mau humor permanente e doentio, corriam de um lado para outro sob o comando vigilante e inamistoso de patrões suarentos e bem nutridos que aconchegavam ao peito, com requintes maternais, o peso fraudulento, o amigo maior da sua prosperidade. Não havia horário certo para o funcionamento do comércio. Altas horas da noite, sob a luz bruxuleante de lampêdes fumarentas, o pobre caixeiro ainda se desdobrava em energias na arrumação das prateleiras, atendendo fregueses retardatários.

Naquela época não se admitia o trabalho feminino no comércio. Mormente no balcão. Devia dedicar-se, exclusivamente, aos mistérios do lar. Esgurindo as suas agulhas de "tricot" passava a carloca a espiar através das vidraças a agitação de uma cidade atrasada e onde o comércio era o seu melhor reflexo.

Afora as casas de modas das ruas do Ouvidor e Gonçalves Dias, nas confeitarias, cafés, livrarias ali também localizadas, tudo o mais era a verdadeira antítese do que hoje se compreende por comércio. Aquelas vias públicas e mais os largos de São Francisco e Carioca, eram os pontos preferidos para o

desfile da elegância feminina. Senhoras e senhoritas, de saias rodadas e leques pomposos, de gigantescos e complicados chapéus, faziam o "footing" durante a tarde, enchendo o ar daquelas ruas do aroma inebriante de essências raras. A porta das confeitarias, dos cafés, ao longo das calçadas os rapazes da época, e também os senhores de atitudes graves, de cabelos grisalhos e colarinhos "guilhotinescos", assistiam ao desfile mundano da alta sociedade.

Estava o Rio de Janeiro vivendo os últimos lances do século dezanove. O calendário desfolhava-se monotonamente, porém, com o al-

vorecer do século vinte vinham as esperanças do progresso, das conquistas da sabedoria humana. Resta uma pergunta. Quem sabe se não foram nas calçadas das ruas do Ouvidor e Gonçalves Dias que os reformadores se inspiraram, ou melhor, se imbuíram da necessidade de rasgar novas ruas, de decretar guerra aos lampeões, ao comércio imundo dos quiosques, etc.?

Nos salões de Botafogo, nas grandes mansões de São Cristovão e Laranjeiras o piano mantinha o seu prestígio. Dentro da noite calma os acordes do "minueto", da "polka" ecoavam. Já nesse período o violão, instrumento considerado violador dos princípios da boa ética familiar, tangido dos meios da alta sociedade, era dedilhado nos bailes públicos, nos bares, etc. Foi aí que surgiu Catulo da Paixão Cearense. Cantando modinhas, rimando com perfeição, trouxe até o Rio de Janeiro a poesia dos nossos irmãos sertanejos. Seu nome foi se tornando conhecido e pouco a pouco conseguiu penetrar, com o seu amigo violão, os umbrais das grandes casas residenciais.

O Rio de Janeiro vive essa época o momento decisivo da sua evolução. Água em abundância é colocada à disposição da população. Cientistas incompreendidos traçam os rumos da higiene da cidade. As picaretas começam a tarefa da demolição das casas anti-higiênicas e sombrias. Rasgam-se novas avenidas. Os trilhos dos bondes elétricos são assentados. O asfalto cobre de negro o calçamento de paralelepípedos. Os teatros anunciam grandes companhias. O "Lírico" recebe a visita dos mais famosos cantores do mundo. Claudia Muzio, Caruso, Tita Ruffo e outros arrancam aclamações frenéticas. As

campanhas políticas atingem ao auge do entusiasmo. Patrocínio eletriza multidões com a arrogância das suas palavras. Rui Barbosa enche de orgulho a nacionalidade com o fulgor da sua inteligência e com o fascínio da sua cultura.

Que é isso se não o Rio de Janeiro, centro irradiador da cultura nacional, de braços abertos para o progresso, para as maravilhas do conhecimento humano, berço de um país em marcha para as conquistas universais?

Hoje, o Rio de Janeiro é a cidade maravilhosa. Suas avenidas bem traçadas, a majestade arquitetônica dos seus prédios, o rendilhado das suas pralas, seus pontos pitorescos arrancam exclamações embevecidas dos visitantes.

Cultua-se a memória dos seus líderes do passado, dos construtores da nossa cultura, dos menestrelis boêmios que dissipavam a sua inteligência nas noites alegres.

Desapareceram os quiosques, os bondinhos de burros, os armazéns iluminados pelo candieiro fumegante onde os caixeiros esqueléticos sentiam a apavorante aproximação da tuberculose.

O Rio é, atualmente, uma grande cidade. Que diferente é o seu comércio de hoje daquele do tempo do "onça"! Tem organização de trabalho, atenção para com o público, honestidade nas transações. Quem não se embevece, por exemplo, com a ordem e a atenção das graciosas vendedoras das Lojas Americanas, que foram, praticamente, as pioneiras do trabalho feminino, entre nós, proporcionando à mulher vencer as barreiras dos preconceitos sociais e conquistar mesmo, em vários pontos, a preferência para certos cargos. Sempre amáveis, prontas a sugerir e a esclarecer as conveniências da compra da freguesia, são verdadeiras sentinelas em defesa da boa ordem, do conceito do nosso comércio. Assim como nas Lojas Americanas, outras casas também mantêm uma equipe de jovens alegres e graciosas para atender o público. Nas formosas e ricas vitrinas do centro da cidade o transeunte percebe o dedo mágico e feminino do bom gosto na arrumação, na apresentação da mercadoria exposta à venda.

Há exceções, sem dúvida, que são anomalias que o tempo há de corrigir.

Catulo, autor do "Marruelo", poema encantador de ternura cabocla; cantor do "Luar do Sertão", síntese maravilhosa das belezas da nossa terra, foi um grande amigo da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Aquele repousam os seus restos mortais. Por isso, pelo grande amor que devotou a esta cidade, é que seus filhos culturais através dos tempos a sua memória, a memória do grande bardo sertanejo.

(Continuação da página 26)

O cantor insigne já ia avançando na idade e naturalmente via suas energias decrescerem. Os dois amigos combinaram então ajudá-lo e de fato conseguiram a nomeação de Catulo da Paixão Cearense para o lugar de dactilógrafo daquele Ministério.

O autor da "Caboca de Caxangá" atravessou o governo Epitácio Pessoa, o do presidente Arthur Bernardes, e continuou conservado pelos demais. O Sr. Arthur Bernardes quis, porém, saber do próprio Catulo há quanto tempo era dactilógrafo, sendo de admirar que exercesse essa função um grande poeta, Catulo não teve dúvidas e informou:

— Sr. presidente, sou dactilógrafo, mas sem máquina!...

A MODÉSTIA DE CATULO

Convidado pelo presidente Epitácio Pessoa para cantar e recitar no Palácio Rio Negro, em Petrópolis, Catulo, encontrando o Palácio todo iluminado, não entrou, pensando haver alguma reunião solene.

Depois, foi informado de que o presidente, nessa noite, o esperava no salão principal, em companhia de amigos. O autor do "Talento e Formosura" calou das nuvens e no outro dia aparecia em Palácio de violão em punho.

O Dr. Epitácio riu-se muito da encantadora modéstia do aedo maranhense, pois havia mandado iluminar o Rio Negro especialmente para recebê-lo.

Catulo foi convidado para uma grande festa, mas às tantas da noite disseram-lhe que o dono da casa, um médico cujo nome silenciosamente, havia esbofetado a própria esposa.

Catulo improvisou um lundú alusivo ao caso e acabou partindo sumariamente o violão na cabeça do médico valentão. Catulo era mesmo valente e mestre na ca-poeira!...

Em plena revolução, o presidente Arthur Bernardes mandou convidar Catulo para recitar e cantar no Palácio do Catete.

O afamadíssimo e popularíssimo violonista, músico e cantor, tomando um automovel no largo da Lapa, com o seu inseparável violão na caixa, dirigiu-se ao Catete. Somente no largo da Glória é que o "chauffeur" notou a caixa do violão. O bom rapaz assustou-se deveras e suplicou a

Catulo que fugisse dali enquanto era tempo, pois senão seria preso com aquela bomba. O homem tremia e só se acalmou quando Catulo, abrindo a misteriosa caixa, mostrou o seu inocente e glorioso violão.

Catulo foi recebido em Palácio pelo presidente, pelos ministros, chefe de Polícia, presidentes da Câmara e do Senado e outras autoridades. Meia hora depois, com a sua arte prodigiosa, Catulo transformava aquele ambiente solene e convencional numa verdadeira festa do espírito, alegre, espontânea, íntima.

Terminada a tertúlia, o Dr. Bernardes disse ao ministro Francisco Sá:

— Nunca pensei que esse homem fosse tão modesto. Quanto à bebida, penso ser uma das cabeças umas fortes do mundo!

Um dos violinistas que durante alguns anos acompanharam ao violão o genial autor do "Luar do Sertão", organizou, certa vez, uma festa em seu benefício, em um cinema de Niterói, na qual seria figura principal o cantor da natureza do Brasil.

Erma 20 horas e o beneficiado saiu como louco à procura de Catulo. Foi encontrá-lo em casa de um amigo. Fez-lhe ver, aflito, que a casa estava cheia e não havia tempo a perder, pois o espetáculo começaria às 20 horas. Catulo bateu o pé e disse que não iria porque estava comprometido para uma serenata. Repetindo-lhe o recitalista que o poeta era a única figura de real interesse e o motivo único da grande enchente do cinema, Catulo deu-lhe esta resposta que define a sua incomparável vocação artística:

— Senhor, se a "Sua" casa está cheia, a "Minha" lua, esta noite, também está cheia... E entre a "Sua" casa cheia e a lua... eu prefiro a lua, que é a minha suprema inspiradora!

O beneficiado saiu pegando fogo! Às 22 horas, cansada de esperar, a platéia rompeu numa vaia estrondosa a ele enquanto Catulo cantava numa serenata, à rua da Capela, na Piedade, tecendo elogios à beleza da lua cheia!...

Boêmia? Sim! Mas boêmia que, às vezes, era um surto religioso da alma pura do grande trovador maranhense.

Querem a prova?

Na tarde de uma sexta-feira santa, ao passar a procissão do Senhor Morto, em Jacarepaguá, rumo à igreja da Pena, Catulo que estava cantando em casa do Dr. Hermenegildo de Moraes, na Porta d'Água, saiu à rua, empunhando o seu maravilhoso violão e, alma em prece, soltou a voz,

cantando a "Ave-Maria" de Tosti, por ele traduzida.

Algumas senhoras não compreenderam bem a intenção do autor de "Os olhos dela" mas, o Dr. Hermenegildo chorava de emoção. Catulo de joelhos, só se levantou quando a procissão já ia ao longe.

POETA, ETERNAMENTE!

Dactilógrafo, para escrever seu livro de "Memórias"!

"Catulo, genialmente, procura uma rima em "inger" pra "rimar" suas "Memórias" na sua máquina "Singer"!
(Do Folclore carioca).

O caso é verídico e aconteceu aí pelas alturas de 1930, depois que o Sr. Getúlio Vargas assumiu o governo da República.

Todos se lembram daquele período de transição entre os dois regimes, quando ainda não podiam estar bem definidas as tendências da revolução de outubro. Em todos os Ministérios notava-se uma atividade febril no estudo da situação de cada funcionário. Revendo a lista de dactilógrafos do seu departamento, o então ministro da Viação, José Américo, encontrou um nome que lhe despertou todo o interesse:

— Catulo da Paixão Cearense!
S. Excia. admirou-se e perguntou ao seu diretor geral:

— Este Catulo será o nosso grande Catulo, o nosso grande poeta nacional, o maravilhoso violonista e cantor?!

Ouvindo a resposta afirmativa, o ministro mandou chamar Catulo, que não se fez esperar.

— Então — indagou S. Excia. — o Sr. é mesmo dactilógrafo?

— Sim, Sr. ministro.

— Qual a máquina da sua preferência?

— Não tenho preferência.

— Mas, — insistiu o ministro, com bom humor, antegozando as dificuldades dactilográficas do imortal autor do "Luar do Sertão" — todo dactilógrafo tem preferência por tipo de máquina.

— Mas eu sou mestre em qualquer uma!

— Diga-me, então, o nome da máquina que eu concorreria a um campeonato dactilográfico, universal.

— Catulo pensou, cismou, rememorou todos os nomes de máquinas de tôdas as espécies, deste planeta e fora dele e, sereno e impávido, ajeitou os óculos, firmou o olhar penetrante e respondeu; pensando até em locomotivas:

— Bem, Sr. ministro! Eu concorreria com uma "Singer".

...O ministro, recuperando a calma, perguntou:

— Mas a "Singer" não é de costura?

E Catulo, rapidamente, senhor de si:

— Mas eu não disse a V. Excia. que não tenho preferência?!

O ministro Pedro Lessa considerava a "Terra caída" como um dos trabalhos mais belos saídos da inteligência humana. E disse, também, que a divina canção de Catulo, "Luar do Sertão", era o hino nacional do sentimento brasileiro. Quando no Supremo Tribunal Federal foi relator contra uma ação de terra caída disse terminando a leitura:

— "Se fosse a "Terra caída", de Catulo, eu dava o meu voto a favor".

Catulo cantando e recitando em casa do Dr. Silva Mello, médico notável, o qual promoveu uma festa em homenagem ao grande sábio francês Georges Dumas, recitando o seu poema "O sol e a lua", despertou desse ilustre intelectual esta frase:

— "Este poema é uma obra-prima e vai fazer com que eu leia toda a obra de Catulo".

Passando às duas horas da madrugada pelo largo de São Francisco, Catulo viu um homem na sua frente dar um enorme pontapé num cachorrinho que passava. O bêbedo, vendo Catulo, tirou o chapéu, dizendo-lhe:

— "Mestre, perdão".

Estando Catulo na Estação da Piedade, entre vários amigos, dentre os quais se destacavam o jornalista fluminense Mario José de Almeida, o tenente José Tiburcio Gonçalves Camaz e o Sr. José Bandeira Brandão, recebeu um portador do general Pinheiro Machado, que lhe disse:

— "Seu Catulo, o general mandou chamá-lo".

Catulo perguntou:

— Mas foi assim que ele me mandou chamar?

— Foi, sim, Sr., disse-lhe o portador.

Catulo retirando-se com seus amigos para uma "farrá" artística, respondeu-lhe:

— Diga ao general que não vou porque não sou soldado.

(Conclui na página seguinte)

(CONCLUSÃO DA PÁGINA ANTERIOR)

Pinheiro Machado, homem de espírito fino, compreendeu bem o alcance da resposta do poeta, músico e cantor e concordou:

— "Ele tem razão".

Após três dias, Catulo recebeu do general uma carta muito polida, convidando-o para uma festa em sua casa, prova de que se arrependera do modo seco do primeiro "convite".

Ao chegar Catulo à casa de Pinheiro Machado, repleta de convidados o general disse-lhe:

— "Sr. Catulo temos em casa todas as espécies de bebidas. Que deseja tomar?"

Catulo respondeu-lhe:

(Conclusão da página 9)

cheguei a pensá que a noite, a noite da Mãe de Cristo, tinha sido convidada prá festa do Zé Pacú!

Sartei no barco velêro, e a viola temperando, bejei as aguas do rio, e fui cantando e cantando:

"Nosso Sinhô, quando andava pulos cizerto, a rezá, gostava de uvi São Pedro na viola puntiá.

"São Pedro diz que a viola foi feita, num disafio, da canôa im que êle andava cum o Cristo a pescá no rio.

"Não foi feita da canôa, mas porém da sua cruz! A viola ainda sofre tudo o que sofreu Jesús!

"Quando Deus fez a viola e começou a cantá, seu coração ficou rôxo, cumo a frô do manacá!...

"Deus é o rei dos violêro, quando canta o seu amô, nas corda santa da lua, que é a viola do Sinhô!"

E fui remando... remando...

E há duas hora eu remava e um bom cigarro pitava de páa de tauari, quando abispei a barraca do vélo pai de Maibí.

Mais umas duas remada e, entonce, filiz, cheguei!

No porto, entre as canarana, a igarité amarrei!

Alli, na bêra do rio, manso, cumo uma lagôa, os convidado da festa vinha chegando e sartanço duma prução de canôa.

Nunca vi tanta canôa, atupetada de gente!

As agua mansa do rio, todo inrugado, increspado, se ria inté de contente!

A casa táva no arto!

Pulo um caminho insombrado, assubi pulo barranco!... Isvisguei pulo terrêro!... Quebrei do lado da mata, onde tinha um assacuzêro!...

A barraca do cabôco táva tôca inluminada e quage tôda afogada numa moita de abiêro!

Nas póрка e varsa e quadria, a dança táva animada! O som da frauta e a viola se misturava cum o chêro das fulô dum jasmínêro, que intrava pula jinela!

A Mãe de Cristo, tão bela, num óratôro enfeitada, táva no meio das véla, morena e tôda istrelada, rezando, cumo uma istrela, na boca da maçrugada!

De repente, im tôda a festa, nem um rumô mais se uvia! O nome dela — Maibí, — de boca im boca curria!

Um matêro ou um seringuêro, bateu parma no terrêro, e fez prá tudo um siná.

Era o samba e era ela, era Maibí quem prêmêro no samba vinha sambá.

Do lado da caiçára, na quinha da ribancêra, me iscundi atrás do tronco duma véia piranhêra.

Quando avistei a cabôca, quage chorei de verdade! Ai, meu Deus, cumo é bunita a morte duma sócade!!

— Sr. general, eu prefiro "Dom Carlos" essa cerveja "barbante".

O general, à meia-noite, mandou bater em tôdas as vendas procurando essa marca de cerveja que afinal foi encontrada. Catulo já havia bebido de tudo, mas isso não o impediu de usar a sua bebida predileta até o fim da festa. Saindo às quatro da madrugada da casa do general, este disse ao Dr. Manoel Bonfim:

— "Seu Bonfim, nunca ouvi um homem cantar tão bem e beber tanto, conservando o cérebro lucidissimo".

O CATULO ESTARA' DOIDO INDO TANTO A REPARTIÇÃO ?

O marechal Hermes da Fonseca nomeando Catulo fiscal geral da Imprensa Nacional ficou estupefacto quando soube que, durante sete meses, Catulo havia ido três vezes à repartição. E perguntou ao que lhe deu essa notícia:

— "Catulo estará doido, indo tanto à repartição ?!"

Há, entre as inúmeras modinhas de Catulo, uma que diz:

— "Tu fazes sem querer os anjos padecer..."

Ora, em certa residência, Catulo cantava a referida modinha na presença do notável filólogo maranhense Hemetério José dos Santos, seu conterrâneo. O professor Hemetério opinava que a frase devia ser assim construída:

— "Tu fazes sem querer os anjos padecerem".

Discutiram. E tais foram os argumentos apresentados por Catulo, profundo conhecedor dos clássicos, que o gramático insigne acabou concordando com a regência castiga empregada pelo autor da "Cabôca de Caxangá".

SEM AS INTERJEIÇÕES DAQUELE SENHOR

Dona Joana Leal, a autora de "Queixumes", tocava esta valsa ao piano, na chácara do conhecido leiloeiro Assis Carneiro, na Piedade. Catulo dizia, exclamando:

— Bravos, bravissimo!
O conselheiro Magalhães Castro, respeitável amigo do exilado imperador, pediu "bis", recomendando:

— "Sem as interjeições daquele senhor".
Catulo levantou-se, com a sua indignação artística tão conhecida dos presentes:

— "Mas, V. Excia. sabe o que significa a interjeição na evolução da alma humana? Diante das estrelas, em pleno Paraíso, os primeiros seres tiveram interjeições, porque interjeições representam uma expressão do idioma-universal, de todo e qualquer povo..."

E citou exemplos maravilhosos de erudição e de talento...

Alguém disse ao conselheiro:

— "Este é Catulo..."
— "O senhor é Catulo da Paixão Cearense? Oh! queira perdoar-me, eu não o conhecia pessoalmente..."

E com uma interjeição, o conselheiro foi abraçado pelo maravilhoso autor de "Ontem ao luar".

Com Capistrano de Abreu houve uma dis-

cussão medonha a propósito do verso da canção "Sertanejo enamorado":

— "Como eu sou rico se floresce o cafezal".

Capistrano de Abreu disse a Catulo: — "Na sua zona — o Maranhão — não pode haver cafezal".

— "Mas o meu personagem é do Brasil. E' nomade, é um repsódo andando pelo Brasil, e a canção fala das suas recordações", respondeu-lhe Catulo.

O velho historiador ajeitou o chapéu cinzento desabado e, negligentemente, ponderou:

— "Tem razão! O cantor é do Norte, mas quem nos diz em que ponto do território nacional levantou sua chôça, plantou seu cafezal e recordou o seu passado?"

O major Bernardo Mariano de Oliveira, irmão do príncipe dos poetas brasileiros, Alberto de Oliveira, foi chamado ao gabinete do ministro da Viação, Sr. José Américo de Almeida, a fim de verificar, com este, o nome na lista dos funcionários... E foi lendo o autor da "Bagaceira". A certa altura perguntou:

— "A não ser que seja o grande poeta nacional, que quer dizer este nome aqui — Catulo da Paixão Cearense?"

— "Mas é o grande poeta, é Catulo!"

— "...Então poderá o major dizer-lhe que enquanto eu for ministro, êle pode dispor da minha equidade. Tudo farei para prestigiá-lo, é uma glória do Brasil!"

E Catulo, admirador e amigo literário de José Américo, nunca solicitou nada, continuou a assinar o ponto, tal qual seu conterrâneo Arthur Azevedo, Machado de Assis, Agripino Grieco, seus colegas de turma burocrática.

Flanelas e Cobertores

de primeira Qualidade

SÓ nas Casas pernambucanas

CATULO E OS ARTISTAS

(CONCLUSÃO DA PÁGINA 6

tão e Joracy, continuávamos calados. Del-xavamos o homenzinho falar. Na casa de Maria Margarida, Joracy me chamou para um canto e disse-me: "Desconfio que este malandro não conhece nada de Catulo". Quando julgares oportuno recita o "Testamento da Arvore", mas não digas de quem é. Assim fiz. Depois do chá que nos ofereceu a pintora, anunciei versos de um poeta nosso. O tal amigo, tomou logo uma pólca catadrática de examinador. Recitei o Testamento da Arvore. Ao terminar, ele ansioso perguntou emocionado: "Quem é esse grande poeta! Que maravilha! Que imagens! Que espontaneidade!" Joracy respondeu-lhe que só no fim diríamos o nome. O homenzinho estava nervoso, irrequieto, mexia-se na cadeira, formigava de ansiedade pelo nome do vate. Continuei a declamação, como o "Sol e a Lus", "A lagóia", e algumas fabulas. Ao terminar, Joracy levantou-se e diz solenemente: "Meu caro amigo, nunca mais faça o que fez hoje. Não arrisque juízos sobre o que não conhece. Os versos que você acabou de ouvir, são de Ca-

tulo da Paixão Cearense". O imprudente amigo ficou arrasado. Titubeou para se justificar, alegando por fim que conhecia colisa esparsas, que lhe não davam bem a ideia da grandeza desse poeta admirável. Aliás, diga-se de passagem que esse cavalheiro, não possui a justa medida de suas atitudes. Um dia ofereceu-me um livro com uma dedicatória na qual confessava que devia a mim a realização daquela obra e, tempos depois, entrevistado por um jornal do Sul, metia-me a ronca a mais não poder...

Outra grande amizade de Catulo era a brilhante e popular artista portuguesa Beatriz Costa, há cerca de dez anos radicada no Brasil. Nos papeis de Catulo há a cópia de um bilhete por ele dirigido a Beatriz Costa, deplorando um desencontro havido entre ambos. Catulo havia combinado vê-la, no teatro, não a encontrando, porém, por se achar enferma a artista. Zangou-se e, daí, o bilhete. Com toda a zanga, mesmo ameaçando nunca mais procurar a amiga, Catulo não deixa, entretanto, de frisar mais uma vez a grande estima em que a tem. É este o interessante bilhete, datado de 1937:

Beatriz:

Fiz um enorme sacrifício para estar aí, às 2 horas, segundo foi combinado. Vi que, de fato, estava doente. Mas senti e senti muito e muito que não me tivesses telefonado, hoje, de manhã cedo, para o 22-6946, dizendo estar enferma, justificando a tua ausência, que seria, neste caso, muito natural. Não desejando mais importuná-la e melindrá-la com essa falta, que considero grave, pois confesso que sou de uma sensibilidade doentia, peço-te que não estranhes não procurar-te mais, o que não impede que te deseje todas as felicidades que um coração humano pode desejar a outro coração.

Catulo.

Rio, 3-VIII-37.

Esse bilhete é bem um retrato da alma de Catulo, da seriedade com que ele enca-

rava os seus compromissos e as suas amizades. O grande poeta do sertão não era, entretanto, amigo apenas dos artistas vitoriosos, prósperos, felizes, na sua profissão. Era amigo também dos humildes, dos modestos, dos obscuros. Benjamin de Oliveira, o velho palhaço negro, que foi uma figura popularíssima da vida circense brasileira, era um desses amigos que Catulo cultivava. Quando Benjamin de Oliveira completou meio século de atividade no picadeiro, Catulo da Paixão Cearense lamentou não poder comparecer, por motivo de saúde, à festa do velho palhaço, em que gostaria de tomar parte, com o seu violão. Mas, impedido, Catulo não deixou de se associar ao acontecimento, enviando a Benjamin de Oliveira esta vibrante saudação:

Benjamin:

Um imprevisto rouba-me a satisfação de está contigo na tua festa de jubileu, em que se vê como um artista popular pode tocar o coração dos intelectuais, que vão recordar nesta noite as noites que passaram na mocidade, aplaudindo as tuas pílherias, num picadeiro do circo, — o palco dos teus triunfos de outr'ora.

Hoje, que perfazes meio século de vida circense, recebendo tantas palmas de amigos e apreciadores, envio-te, espiritualmente, um abraço, abraço de saudades, pois que a tua juventude é irmã gêmea da minha juventude de boémio.

Es feliz, porque estou certo de que, quando terminares a tua última representação nos circos da terra, irás logo para o céu, onde levantarás um circo definitivo, para ficares sendo eternamente o Truão de Deus e o Palhaço dos Anjos!

E quando Deus te perguntar: — Benjamin, que fizeste de bom, de grande e nobre entre os teus compatriotas, tu lhe responderás, dançando uma chula e cantando uma toada brasileira.

2 de agosto de 1942.

Catulo Cearense

Era assim Catulo... Uma alma generosa. Um artista e um amigo dos artistas...

"UM BOÊMIO NO CÉU"

Por PROCÓPIO FERREIRA

A propósito de "Um boémio no céu", Procópio escreveu as seguintes linhas que, ao lado de outras impressões, figuram na introdução dessa obra de Catulo:

**TARRACHAS - MACHOS - ALARGADORES
DE TODOS OS TIPOS E TAMANHOS
CARDOSO & SOUZA
IMPORTADORES
FREZAS, MAQUINAS, ESMERILHADORES
CAMERINO N. 20 TEL. 43-0550**

FARMACIA ALMAIA

**DROGARIA —
PERFUMARIA**

Rua Bergamini, 104 - Tel. 29-3219

Engenho de Dentro — Rio de Janeiro

IRMÃOS SILVA & CIA. LTDA.

**FERRAGENS, TINTAS, LOUÇAS, MADEI-
RAS, MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO, PAPE-
LARIA E MIUDEZAS EM GERAL**

**RUA BERGAMINI, 352 — Fone : 29-4345
Engenho de Dentro — Rio de Janeiro**

O LENHADOR

(CONCLUSÃO DA PÁGINA 10

Era um rio que passava,
ali, n'aquele lugá!!
O rio tinha uma ponte,
que nós chamemo — pinguéla...

O hóme foi travessá!
Poz o pé... Ia passando...
E a pontê rangeu, quebrando...
e toca o bicho a nadá!!!

O bruto tava afogando,
mas porém, sêmpé gritando:
"Socorro, meu Deus, socorro!
"Socorro, que eu vou morré!!
"Eu juro a Deus, supricando,
"nunca mais na minha vida
"uma só árve ofendê!!!

Entonce, um verde ingazêro
que tava im riba das agua,
isticou um braço verde,
dando ao hóme a sarvação!

O hóme garrou no galo,
no galo cum os dente aferra,
fô assubindo... assubindo...
e quando firmou im terra,
chorava, cumo um jobão!

Bêjando o galo e chorando,
dizia: "Munto obrigado!
"Deus te faça, abençoado,
"todo o ano tê verdô!
"You rebentá meu machado!
"Quero isquecê meu passado!
"Não serei mais lenhadô!"

Despois d'esta jura santa,
prá tê de todas as pranta
a graça, o perdão întero
dos crime de hóme ruim,
foi se fazê jardinéro,
e não fazia outra coisa
sinão tratá do jardim.

A vó, que já carregava
mais de noventa janêro,
dizia que neste mundo
nunca viu um jardinéro,
que fosse tão bom anstm!

Drumia todas as noite,
dêxando a jnela aberta,
prá iscutá todo o rumô,

"Uma alma que pede entrada no céu", última criação do grande Catulo, é, a meu ver, uma notável peça teatral. Reconheço-lhe essa qualidade por possuir as virtudes máximas do teatro: — carpintaria e simplicidade de expressão. Além disso, o tema escolhido pelo poeta enquadra-se dentro do moderno espírito da dramaturgia, que é humanizar os deuses ou divinizar os homens. Nenhum assunto, mais importante do que sête, preocupa tanto o pensamento do mundo atual. Diante de tanta dor neste "vale de lágrimas", o homem espera ansioso a resposta que há de vir do infinito ou de dentro de si mesmo. Afinal, os olhos divinos ainda estão voltados para nós, ou os Santos já se esqueceram da terra? No encontro do homem com os Santos, Catulo mostranos claramente a diferença entre a terra e o céu, dando ao nosso semelhante a glória de ser tão grande quanto eles. O animal humano, evoluindo dentro do sofrimento, apresenta razões indesejáveis perante a divindade. Os Santos espantam-se a princípio; depois compreendem; e terminam por admirar esse mesquinho ser que anda cá por baixo, como um micróbio. Resta agora saber se os Santos se humanizarão. O homem, no poema, fala-lhes de maneira tão convincente que é de esperar este fenómeno. Eis a grande virtude da obra — o embaraço da divindade ante o raciocínio do homem. Esta é a ideia. Agora, a técnica. Catulo fez-la em verso. Porém soube fazer seus personagens falarem a sua própria linguagem. O humano usa a linguagem desalinhada, por vezes irreverente, do habitante do nosso planeta. Os Santos utilizaram a linguagem serena, bela, perfeita, como deve ser a linguagem do céu. Por vezes parece chocarem certas expressões do homem. Pensando, porém, na sua condição, concluímos pela lógica de tais vocábulos. Há ainda uma virtude a assinalar. O poeta nunca é desrespeitoso. Não há ideia de sátira no seu poema. Esta poderá nascer no espírito do espectador, conforme o ponto de vista em que ele se coloque. As reações de riso que o poema possa provocar, serão de inteira responsabilidade de quem o ouve. O poeta é sincero. O personagem o é também na sua argumentação. Os Santos são complacentes. Todos estão no seu lugar. E a humanidade, que anda desde o princípio do mundo a procura da verdade, dirá por fim se "a alma que pede entrada no céu" deverá ficar lá, ou se os deuses deverão descer à terra para, de hoje em diante, se sentirem melhor perante os homens".

e ás vez, inté artas hbra,
ficava, ali na jnela,
uvindo o sonho das frô!

De minhã, de minhã cedo,
lá ia sabê das rosa,
dos cravo das sêmpé-viva,
das manguinolla chérosa,
se tinha drumido bem!

Tinha cuidado cum as rosa
que munta vó carinhosa
cum os seus netinho não tem!

Dizia a uma frô: "Bom dia!
"Cumo tá hoje vremêla!..."
Dizia a outra: "Coitada!

"Perdeu seu mé!... Foi róbada!
"Já sei quem foi!... Foi a abêia!"

Despois, cum pena das rosa,
que parece que chorava,
batia leve no galo,
e as rosa disavexava
daqueles pingo de orvalo!

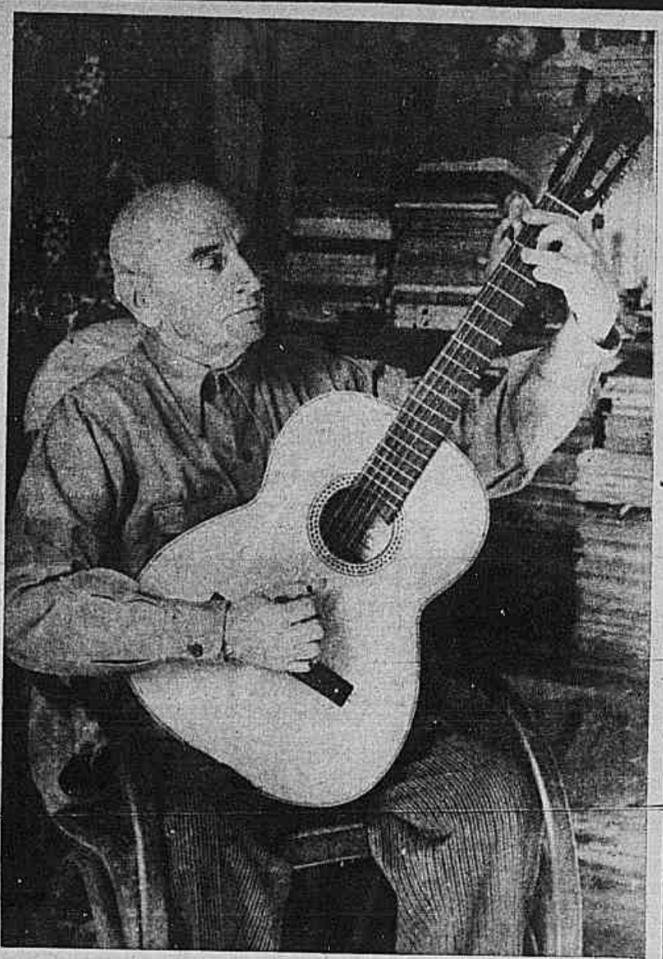
Ia apanhando do chão,
as frô que no chão caia!

Despois, cum as costa da mão,
alimpando os pingo d'agua
que vinha do coração,
batia im riba do peito,
cumo quem faz cunfissão.

Quando no sino da ingrêja
tocava as Ave-Maria,
nos cantêro, ajuelado,
pidia a Deus pulas arma
das frô, que naquele dia
no jardim tinha interrado!

E agora, quando passava
junto das árve, cantando,
cheio d'agua carregando
o seu véio regadô,
as árve, filliz, contente,
que o lenhadô perduava,
no jardinéro atirava
as suas parma de frô!

NOTA: — Deste mesmo poema existe uma outra versão, mais extensa e em linguagem erudita, versão essa que foi incluída no volume intitulado "Poemas bravios" e, posteriormente, em "Fábulas e alegorias".



Catulo e o seu violão... Um violão que o acompanhou no palco do cinema Central... Talvez não seja este. Mas era parecido.

CATULO NO PALCO

Cantando seus próprios versos ao violão, vestido de vaqueiro, no antigo Cinema Central — Comentários de Rosalina Coelho Lisboa e Monteiro Lobato

UM dos episódios mais curiosos da vida de Catulo foi a sua aparição, no palco, no antigo cinema Central, vestido de vaqueiro, declamando e cantando os seus próprios versos, três e quatro vezes ao dia, num programa de variedades que servia de complemento a um film. Catulo, que era pobre, precisava ganhar a vida. Foi-lhe oferecido um contrato, naquela casa de diversões, mas o empresário fazia questão de apresentá-lo vestido de couro, como um autêntico "cabra" do Nordeste. Catulo capitulou. E sua aparição como cantador, encourado e de barbas postiças, despertou muitos comentários, entre os quais os de Rosalina Coelho Lisboa, na "A Noite", e o de Monteiro Lobato, na "A Manhã", (incluído, mais tarde, no seu livro "Na Antevéspera").

Foi este o comentário de Rosalina Coelho Lisboa, então redatora da "Vida que passa...", na seção mundana de A NOITE:

Quando ele chegou à cidade orgulhosa, a cidade orgulhosa prostrou-se, rendida a seus pés, enamorada de sua arte, da voz estranha que lhe dizia de estranhos prodígios...

Se Euclides da Cunha trouxe o sertão até nós e nos fez sofrer a epopéia evocação de Canudos, esse cantor sertanejo nos levou em sonho, até o sertão, levou os brasileiros arrogantes da civilização e do progresso ao comovido orgulho dos brasileiros, filhos das selvas bravias, das regiões de esplendor fabuloso onde fremem, na glória da opulência e no tormento da seca, o valor da gleba e o valor das gentes.

Os poetas e escritores consagrados pela magia de arte abrolhando em renome, reuniram-se, entre euges e louvores, para exaltar seu irmão de ideal. E às mais longínquas cidades desta pátria imensa chegou seu nome, aos mais tímidos espíritos como aos espíritos mais valdosos falou a doçura dos seus versos e com ele chegava um pouco do encantamento sertanejo, e neles cantava, radiosamente, o milagre do Brasil desconhecido.

Catulo da Paixão Cearense... Vimo-lo ontem, de barbas postiças à face envelhecida, à meia-luz de um palco de cinema, cantando, cigarra extraordinária num triste mistér de formiga...

E pensamos na sorte dolorosa desse alto poeta.

De nossos grandes poetas nenhum cuja poesia reflita melhor o fausto dessa natureza deitando em prodígios do que um poema de seus primeiros livros.

Esse bardo simples é o mais representativo

dos bardos deste país habituado ao embaço de cantos esplêndidos.

Nós dizemos dos adornos da pátria magnífica, de seu pujante esplendor, do heroísmo de seus filhos, da valia de sua gleba fecunda... Ele quis mais. Desvendou-lhe os segredos do coração virgem e a pátria inteira estremeceu à salvagem magnificência, de vozes vitoriosas, libertadas por esse feiticeiro do verso e da imagem. Raros, dentre os capazes de sentir a harmonia e compreender a beleza, os que lhe não sabem, nesta terra esplêndida, versos de cor... Por que não lhe buscam defender a quase velhice da necessidade de trabalhar para viver?... O mais belo trabalho das cigarras é o canto... O lugar de Catulo Cearense, um dos poetas máximos do Brasil, é na Academia Brasileira de Letras e não num palco de cinema.

Esse comentário da poetisa de "Rito pagão" despertou vários outros. Diniz Junior,



Monteiro Lobato, contista de "Urupês": — "Catulo é o grande poeta nacional".

Rosalina Coelho Lisboa, a poetisa de "Rito Pagão": — "O lugar de Catulo é na Academia".

sob o pseudônimo de "João, apenas", se ocupou do caso no "Meu Bilhete", do extinto jornal "A Pátria". E Monteiro Lobato escreveu, na "A Manhã":

CATULO — VOZ DA TERRA

O Brasil existe e insiste. Tem uma alma caótica, isto é, em formação, caos não significa apenas desordem. Tem a carne sensível, apesar dum sistema nervoso rudimentar, como o das baleias. O Brasil é imenso. Desdobra-se por 8.525.000 quilômetros perfeitamente quadrados, e até já passa disso, em virtude do achatamento do morro do Castelo. Possui terras feracíssimas, como as roxas de S. Paulo, e carrascais piores que os desertos da Líbia. Zonas onde tudo são águas, pirarucus e jacarés trulentos, ao lado de zonas onde a seca periódica só poupa as caetáceas.

"Nesta terra se dá tudo", disse Vaz Caminha; "mas a formiga come tudo que se planta", acrescenta o Jeca, de cócoras na filosofia da sua velha experiência. Talvez seja por isso que na terra que dá tudo quem quer uma fruta adquira, a peso de ouro, nas joalherias, pêssegos da Califórnia, maçãs da Argentina, uvas de Alicante.

Mas que dá tudo, dá. Dá café, cacau, côco babaçu, mandioca, besouros enormes, coronéis ainda maiores; dá papo, maleita, revoltosos, legalistas, doutores, anofelinas, casebres de soapo e arranha-céus, academias de letras e reformas de ensino; dá impostos e carrapatos devoradores de impostos; dá o algodão com o curuquerê ao lado; dá sempre o pró rente ao contra, um pró magro e um gordo contra que o inutiliza.

Só não dá justiça. Desse, e o grande poeta nacional, esse Catulo que ninguém ouve sem sentir dentro de si o arrepio da raça, não estaria de barbas postiças, num teatro, a trocar o arrepio de seus versos pela magra subsistência.

Rosalina Coelho Lisboa, voz harmoniosa desse algo superior que paira sobre os homens, denunciou a profanação e apontou para o Trianon:

— É na Academia de Letras que ele deve estar.

Não sei. As Academias têm morgue e Catulo é o que há de mais livre e boêmio. Só mesmo onde deve estar estará bem: no coração dum povo.

Catulo é o grande poeta nacional.

(CONCLUE NA PÁGINA 38)



DR. AUGUSTO LINHARES
OUVIDOS — NARIZ
E GARGANTA
R. México, 98, 8.º —
Tel. 22-0515
RIO DE JANEIRO

Dr. Rizzo Assunção
TRATAMENTO MODERNO. SEM
OPERAÇÃO, DAS DOENÇAS DOS
OLHOS
POLICLÍNICA
R. Buenos Aires, 140,
3.º andar — Das 8 às 12
e das 14 às 18 horas

Músicas ? Cordas ?
★
CASA MOZART
7 Set. 65 (Em frente à Trav. Ouvidor)

AOS TRÊS BRAÇOS
Estabelecimento fundado em 1895
CASA DE ARTIGOS DE ILUMINAÇÃO
TRES BRAÇOS LTDA.
Sucessores de
GOMES NEVES & CIA.
GRANDE OFICINA para concêtos de
Fogareiros, Lamepões, Ferros de engomar
e aparelhos elétricos.
RUA SETE DE SETEMBRO, 161
TEL. 43-2680 — RIO DE JANEIRO

O Curandeiro

CONCLUSÃO DA PÁGINA 12

Passemos, eu e o leitor, um rapidíssimo volver de olhos na chegada dos dois galopadores, na ansiedade de todos do lugar, no rebolejo labirintico da casa, na amargura dos dois casais, na angústia do noivo, e no exame da enferma, feito pelo sapientíssimo Dr. Fortunato Bocayuva.

Concluído o exame e recitados os medicamentos para o veneno da mordidela ofídica, retirou-se o Dr. Fortunato Bocayuva, comunicando ao seu colega que o caso era sério, mas muito longe de ser desesperador. A ciência já era possuidora de armas possantes para destruir a virulência do tóxico das salamantas e outras que tais. Que ficasse, pois, descansado e que no outro dia voltaria, pois não julgava que sobreviesse algum acidente que obrigasse a um chamado, antes do dia seguinte.

Previno ao leitor, mais uma vez, que galopo nesta história, sem fazer caso da suas minudências, que, talvez, fosse o mais interessante. Além disso, insisto: — nunca poderia ser um "conteur", porque fujo de toda a descrição, em que o sofrimento é o protagonista. Continuemos, pois, a fazer vista grossa às particularidades que esta narrativa devia conter, se fosse traçada por pena de mestre.

Conquanto os medicamentos do Dr. Bocayuva lhe houvessem atenuado as dores, o estado geral da enferma agravou-se ao anoitecer. Novo chamado ao Dr. Fortunato; novo exame; novas prescrições, nova despedida, e, infelizmente, (o que é pior!) sem aquela frase: — "... longe de ser desesperador".

Quem fosse do sertão, já perceberia, àquela hora, que a Natureza tinha ânsias de amanhecer. Eram três e meia da madrugada. As prescrições do esculápio tinham sido observadas rigorosamente, e, mais, religiosamente observadas. Mas... nada de melhoras! Bem ao contrário!...

Novo chamado às 6 horas da manhã. Nova vinda. Novo exame. Novas cerimônias, novas torturas de saber o estado da enferma e... (maldição!) o desengano!

O Dr. Fortunato acabava de confessar,

pesarosamente, que a sua ciência tinha embotado as armas nas arestas impenetráveis do grande mal! Nada mais tinha a fazer! Dito isso, abraçou o seu jovem colega, montou na eguinha e com um — "Paciência, meu amigo" — volatizou-se na curva do caminho, aureolado por uma tremenda nuvem de poeira.

O Dr. Bento Luiz vagava pelo terreiro, como um alucinado, quando foi solicitado para dar uma palavra à tia Sant'Ana, uma preta centenária, que tinha sido a sua ama de leite, e que era chamada a "vovó" de todo aquele sertão. No auge do seu desvario, relutou; mas, assediado pelos rogos de seu pai, consentiu.

Tia Sant'Ana, que achava de vir do quarto da infeliz D. Violeta, varou a porteira e atirou-se súplice aos pés do moço, pedindo-lhe que mandasse chamar, sem perda de um minuto, o velho Totonho, a única pessoa que podia arrancar das garras da morte aquela adorada criatura.

A resposta foi um grito doloroso, que repercutiu pelas bocanais daquelas matrias enfiadas. A tia, porém, não desanimou. Atirou-se de novo aos pés do seu filho de leite, chorando como uma criança de três anos. Ouvindo todo aquele berreiro, acudiram todos, na previsão da morte da filha do Coronel.

Pedidos, rogos, súplicas, implorações dos pais, dos futuros sogros, do capelão e, finalmente, de todos, fizeram com que ele consentisse no pedido de Tia Sant'Ana, dizendo, porém, que, além daquilo ser uma comédia, e, no seu caso — um desrespeito à ciência, retirava-se da Fazenda, indo para longe, para não presenciar aquela patacoada e esperar o golpe da fatalidade sobre o seu coração de amante e desgraçado.

Meia hora depois da retirada do Dr. Bento Luiz para a outra Fazenda, chegava o portador do chamado ao Antonio Cobra, trazendo o paletó do curador, o qual, segundo as suas ordens infalíveis e imperiosas, tinha de ser, imediatamente, envolvido em toda a perna, vitimada pela serpente. E, ao encaminhar-se para o quarto da enferma, ia afirmando a todos que o curandeiro lhe havia assegurado que as dores haviam de cessar dentro de poucos minutos, depois do que ordenara que fizessem com o paletó enquanto ele, o curandeiro, se ia preparar e se pôr em caminho da casa da sua nova cliente.

E assim sucedeu. Em menos de 20 minutos, o alívio era considerável. Tinham desaparecido as dores cruciantes. A doente já sentia menos a adustão do esôfago e as dores do epigastro, quando, pela tarde, chegou o Antonio Cobra na Fazenda do Coronel, tranquilo e calmo, trazendo sobre os ombros um grande saco, onde se aninhava misteriosamente uma multidão de cobras de várias espécies. Antes de entrar no casarão, pôs o saco no empedrado do terreiro, descobriu-se, fez uma pequena prece

à Virgem Maria, e foi tirando de dentro, primeiro — uma Jararacuçu, depois uma Cobra-Rainha, uma Malha de Fogo, uma Cobra de Oco, uma Corre-Campo, uma Surucutinga, e, por último, uma Salamanta.

Depois de "trocar língua" com elas, dizendo-lhes qualquer coisa apocalíptica, ordenou-lhes que se retirassem para o mato, o que todas fizeram, sem a menor vacilação. Uma para aqui; outra para ali; outra para lá; outra para acolá, cada uma tomava a direção que o curador lhe determinava.

Dai a poucos momentos, saiu do mata-gal a primeira das que soltou. Vinha só. E ele, persignando-se, dizia baixinho: não é! Veio a 2.ª, a 3.ª, e as outras, até que apareceu a Salamanta, acompanhada de outra Salamanta.

Então, o curador, voltando-se para a multidão, que presenciava aquele espetáculo, disse, vitoriosamente: "Foi esta!"

Mas, quando alguns homens, novos no sertão, levantaram os seus cacetes de mazaranduba para matar o horrendo réptil, Antonio Cobra, solenemente, gritou que, se o fizessem, com um pequeno gesto enfureceriam todas aquelas "inocentes" criminosas, não se responsabilizando pela morte da filha do bravo Coronel Chico Francisco de São Francisco e pelo resultado daquela imprudência.

Obedecido, e pronunciado o nome de cada uma, ia ordenando que, uma por uma, fossem as serpentes entrando no saco, que abria com as suas mãos. Todas entraram, ficando apenas a nova Salamanta, a ofensora de D. Violeta, esperando as ordens do curador.

Antonio Cobra, penetrando no aposento da enferma por uma porta que dava para o terreiro, retirou o paletó da ferida, sobre ela verteu um líquido verdeoso que trazia num frasquinho, rezou, depois fez a doente jurar que não mataria nem consentiria que outra pessoa matasse uma cobra, fosse qual fosse. Por fim, persignando-se outra vez, saiu do quarto, atravessou o terreiro, de extremo a extremo, proferindo, a todos que lhe perguntavam pelo estado da enferma, esta frase redentora: "Está salva!"

E de fato, D. Violeta estava salva! A tarde caminhava com pressa de quem se quer ir embora.

Como já havia partido um portador para comunicar ao Dr. Bento Luiz aquela notícia imprevista e decisiva, pois durante todo o dia não tinham cessado as viagens de vai e vem para levar-lhe novas de D. Violeta, (naturalmente, como esperava o doutor, a do seu falecimento), — naquele momento, no limiar da porteira da Fazenda, encontraram-se os dois: — o jovem clínico, que vinha açodado, na impaciência de ver a realidade, — e Antonio Cobra, o Pasteur do sertão. O curandeiro, com o saco cheio dos terríveis réptis sobre os ombros possantes, levava enrolada no pescoço a nova Salamanta, que, sem a sua terapêutica sibilina,

teria vitimado, fatalmente, aquele anjo de candura.

Agora é que eu juro ao leitor que nunca me afoitaria a descrever esta cena, porque seria debalde. Duas palavras apenas.

Quando se enfrentaram os dois, lado a lado, ao transporem a primeira porteira da Fazenda, Antonio Cobra, o Hipócrates da natureza, tirou, respeitosamente, o seu chapéu encourado e, com a serpente anelada em seu pescoço, seguiu em caminho da sua guarapeira.

O Dr. Bento Luiz empalideceu e, não tendo ânimo de corresponder àquele cumprimento, tocou de leve com o chicote na anca do seu cavalo, prosseguindo, nervoso pela ansiedade de ver o seu arcanjo, a sua Violeta reflorescida e também pelo prenúncio da tempestade, que ia desabar.

De lá muito que a tarde plumbeava-se, na iminência do aguaceiro. A poucos metros do pátio da Fazenda, estrondou um furioso trovão e uma salamanta esbraseada, saindo do veldado de um cumulo, atirou-se nervosa pela vastidão do espaço, como se lizesse perdido o "nectar" precioso da sua eternidade, o veneno matador.

O Dr. Bento Luiz, que trazia impressas na retina a imagem das duas serpentes — a natural, que o curador levava enrolada em seu pescoço, e a celeste, que acabava de riscar a nuvem do céu, — fitou a serpente de ouro que se quedava imóvel e inofensiva em seu anel simbólico, e, com um sorriso de descrença, galopou, em caminho do santuário dos seus amores.

Pouco depois, surgia a noite, como se fosse um dilúvio de cobras pretas, se destorcendo pelo espaço a fora e envenenando, de negro, os últimos soluços da agonia luminar!...

VOCABULÁRIO:

Jararacuçu: — cobra venenosa, que persegue a presa, até alcançá-la.

Cobra-Rainha: — cobra muito venenosa, não obstante ser pequena. É encarnada, com a cabeça preta. Dizem os sertanejos que, quando morde, esconde-se debaixo da cama de sua vítima, só saindo dali depois de sair o corpo da mesma, no entêrrio.

Cobra de Oco: — venenosa também. Dizem que só ataca e morde nas encruzilhadas.

Malha de fogo: — É cor de fogo e venenosa. Apaga uma luz, um facho que o caminhante levar aceso.

Corre Campo: — igualmente venenosa, e também corre atrás da sua presa até alcançá-la, como a jararacuçu.

Surucutinga — cobra venenosíssima, para cujo veneno não existia antídoto. Também se chama — surucupico-de-jaca.

Salamanta: — cobra muito venenosa. É branca, preta e amarela. O seu veneno faz a vítima deitar sangue por todo o corpo.

A MOCIDADE DE CATULO DA PAIXÃO CEARENSE

(CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 13)

O grande amigo de Catulo narra-nos a seguir o início da vida do poeta do sertão no Rio de Janeiro o qual foi o seu primeiro ganhão-pão.

— Vou contar-lhe... Foi assim: era ele aprendiz de ourives-relojeiro, na oficina de seu pai, Amâncio José da Paixão Cearense, na casa número 33 da rua São Clemente, cuja demolição acaba de ser terminada, sendo o local ocupado presentemente pelas obras da construção de um aranha-céu. Por uma circunstância verdadeiramente singular, para a qual Catulo nunca encontrou explicação, essa casa nunca mais foi habitada depois

do falecimento de seu pai, embora a dois passos da Praia de Botafogo. A rua de São Clemente tem uma grande influência na vida de Catulo. Ai iniciou ele a sua vida no Rio de Janeiro. E meio século depois, pouco adiante de sua antiga residência, do lado oposto, viria ele a impressionar profundamente o espírito de Ruy Barbosa, prefaciador dos seus "Poemas Bravios". Mas preciso fechar esse parêntese e voltar ao assunto... Tendo perdido seu pai e sido fechada a oficina do velho Amâncio, Catulo foi chamado pelo famoso tribuno gaúcho Gaspar Silveira Martins, o primeiro dos seus amigos notáveis. O estadista do império era velho conhecido da casa comercial do pai de Catulo e

convidou-o para lecionar a seus filhos, Carlos e José Júlio da Silveira Martins. Certa vez, Silveira Martins, com os óculos na testa — Catulo repetia muito este pormenor — ficou na biblioteca, percorrendo com o olhar a lombada dos livros, como se estivesse absorvido na busca de um volume deslocado do lugar. O que ele queria era tomar o pulso do professor. Catulo continuou tranquilamente a lição, explicando aos alunos um caso de infinito flexionado, colhido em "Eurico, o presbítero", de Alexandre Herculano — o único romance que Catulo leu e releu durante quase toda a sua vida. Herculano era o clássico de sua predileção. E como a lição fosse magistral, Silveira Martins bateu palmas e retirou-se satisfeito. Mais tarde ao partir para o Rio Grande do Sul, disse o velho tribuno gaúcho ao futuro autor de "Meu Sertão" que se voltasse a ter influência política na capital da República, Catulo podia contar com ele para o que quisesse. "Neste momento — declarou Silveira Martins — a política brasileira me colocou à margem. Mas eu não o esquecerei se voltar à tona". Silveira Martins voltou para o seu Estado. E nunca mais se encontraram. Mas ficou na gratidão de Catulo uma recordação impercível desse episódio.

O casamento do poeta foi, mais ou menos, por essa época. A uma pergunta nossa, no sentido de elucidar esse ponto, diz Mario José de Almeida:

— Sim. Foi mais ou menos por esse tempo. Não havendo harmonia de gênios, separaram-se depois. Nunca, porém, se desquitaram. Ignoro quaisquer outros pormenores desse fato, que, de resto, é apenas um episódio da adolescência de Catulo.

Falando sobre o colégio do poeta, em Piedade, Mario José de Almeida faz o elogio de Catulo como professor:

— Para mim, é ele o verdadeiro criador da escola ativa, mesmo antes do famoso pedagogo Decroly. Catulo, nesse terreno, foi um precursor. Lecionava ora no interior da casa, ora sob um laranjal. Recortava caixas de papelão. Escrevia as letras do alfabeto e, também, a composição sintática das frases. E, em plena euforia — dele e dos alunos, arremessava os cartões no meio deles, pedindo-lhes que compusessem vocábulos e frases. Muitas vezes a aula começava pelo recreio e, então, os seus discípulos, cansados de brincar, estudavam com maior interesse e atenção. Lecionava à noite francês a alunos mais adiantados e a adultos até então auto-didatas, que procuravam tardiamente o modesto colégio da rua Martins Costa. Gostava muito de lecionar lições de coisas. Nesse setor, dava preferência a um livro de Calkins, traduzido por Ruy Barbosa. Aritmética e geometria experimental eram, também, cadeiras da predileção de Catulo. Unia a geometria à aritmética muito antes de ser isso

preconizado pelos novos métodos de ensino. — Teve Catulo alunos que se distinguiram na vida prática?

— Em todos os círculos sociais — responde Mario José de Almeida — aparecem de vez em quando seus antigos alunos, em posição de destaque na vida prática. E muitas vezes Catulo, nas ruas e reuniões públicas, recebeu abraços e tributos de reconhecimento desses alunos. Deixe-me contar-lhe um episódio interessante... Havia na rua Joaquim Silva, na Lapa, uma casa de bebidas denominada "Bar Olimpia". Era na esquina da rua Morais e Vale. Ai entrou um dia Catulo, de violão ao braço, com vários amigos também dados à música popular. O dono da casa não gostou das expansões do grupo. E tocou o telefone para o então décimo terceiro distrito, à rua Conde de Lage n. 15. Quería que acabassem com aquela cantoria. O comissário Antonio da Silveira compareceu ao "local do crime". Mas parou na porta do bar e, chamando o dono, disse-lhe: "O senhor devia sentir-se honrado com a presença de Catulo da Paixão Cearense na sua casa. Ele foi meu professor e eu nunca o intimaria a calar-se. Vou é dar-lhe um abraço de discípulo agradecido". E, entrando no antigo bar da Lapa, mestre e aluno se abraçaram com grandes efusões, demonstrativas de uma velha e funda saudade. Foram servidas várias cervejas e Catulo mais uma vez recebeu dos presentes os aplausos a que estava tão habituado... Eram assim os discípulos de Catulo — amigos dedicados daquela alma iluminada de poeta e daquele amigo como raros.

Mario José de Almeida nos adverte de que, se continuasse a desfiar recordações de Catulo, levaria horas e horas, talvez dias inteiros a falar... E acrescenta:

— É natural... Através dessas reminiscências falam uma amizade e uma convivência de 37 anos. Conheci Catulo quando eu era revisor do "Correio da Manhã" e trabalhava com Cravo Junior, Azambuja Costa, Costa Ramos, Raymundo Silva e o fino poeta Alberico Lobo, autor do "Ex-Corde" e também amigo e admirador de Catulo. Por esse tempo, Catulo só escrevia poesias musicadas. E foi a pedido de Alberto de Oliveira que iniciou a sua nova fase literária, que viria a culminar bem depois, com a publicação desse livro bem marcado (na frase de Agripino Grieco) que é "Meu Sertão".

Ai estão algumas das notas por mim colhidas com Mario José de Almeida. A impressão que eu tenho é a de que ele é o homem mais indicado para escrever uma história bem rica de informações sobre a vida de Catulo. Mas, quem quer que tente fazer a biografia do grande poeta do sertão, não poderá deixar de ouvir o autor de "Jornal de Sherlock Holmes", sob pena de cair em omissão e de realizar obra incompleta e vacilante.

FABRICA DE CALÇADOS

INDUSTRIA BRASILEIRA

MARKA REGISTRADA

RUA REZENDE COSTA, 6

RIO DE JANEIRO

V. NAPOLITANO

COMPRAM-SE LIVROS

ATENÇÃO!!! A LIVRARIA QUARESMA compra toda e qualquer quantidade de livros, por maior ou menor que seja: BIBLIOTECAS DE DIREITO, LITERATURA BRASILEIRA, PORTUGUESA, FRANCESA, INGLESA, etc.; livros antigos ou modernos — OBRAS SOBRE O BRASIL, enfim, qualquer livro, qualquer quantidade, qualquer assunto. Paga-se bem. RUA S. JOSÉ, 71 E 73 — RIO. Telefone: 22-6946.

CATULO

Visto por Julio Dantas

CONCLUSÃO DA PÁGINA 22

nápura, ou o cangaceiro Silvino Sapiro, um domínio absoluto que se traduz numa adoração muda e estática; dumas e doutras, tonagens amarelas da floresta, se exala a mesma morna volúpia e o mesmo prestígio sensual.

É verdadeiramente admirável a maneira por que, no "Sertão em Flor", Catulo descreve alguns tipos de mulher, caboclas dos matos cearenses, que endoidecem os sessenta anos do violeiro Brás Macacão. A Xixi da Gróta, de ancas redondas como uma viola e chinelas pequenas como ovos de beija-flor; a Maria Rita, "que fica cheirando a cobra quando dança"; Inhatuca, a "flor de canela", alta, arisca, andando como

as emas do sertão e espalhando em volta de si "um aroma de gema de ovo e uma calunga cheirosa de chita nova"; Isabela, de cabelos brancos como a flor da laranjeira, "já passada de madura, que é quando a

fruta é mais gostosa"; Maria Santa, cabrochazinha adolescente figurada de Myrina, "papo de rôla" que exala na dança "um cheiro quente de fogo e um gosto fresco de luz", — tôdas essas morenas inspiradoras da "cavalaria rusticana" dos cangaceiros palpitam de vida volutuosa ao sópro criador de Catulo, como a graciosa Malati ou a doirada Agnimitra, cheias do mórbido encanto dos gineceus, tremem de sensualidade ao tocá-las o gênio de Bhavabhuti ou de Calidasa. Catulo Cearense é (mostra-o bem, nessa inimitável saga do "Lenhador") um paisagista assombroso, sentindo a ofuscante, a magnífica natureza brasileira como a sentem os pincéis de Batista da Costa ou de Antônio Parreiras; e esse sentimento da paisagem concorre para tornar ainda mais impressionante o paralelo entre a sua obra e os luminosos idílios da velha literatura indiana. Mas é sobretudo o delicado, o terno, o original sentimento do amor e da mulher que hão de tornar imortal este grande poeta — já hoje maior, muito maior do que os seus próprios admiradores o supõem. Na figura de Brás Macacão, cabra violeiro, sente-se a sua alma ardente e namorada que passa. Que importa que a neve lhe cubra os cabelos? A sua adoração pela mulher durará até à morte. Para Calidasa, "o amor paixão que torna belas as mulheres." Para Catulo, a velhice apura, espiritualiza e exalta o sentimento amoroso dos homens. É Brás Macacão que o ciz, abraçado à viola, sentindo bater no peito, aos setenta anos andados, a asa desse "galo velho", que é o coração:

**Sempre a mulé! A mulé!
Vassuncês diga o que é
um coração de home véio,
que quanto mais véio fica
mais aprecia a mulé!**

O OLHO D'AGUA

CONCLUSÃO DA PÁGINA 13

ninha doce, os inhame e bebê o aluá cheroso e fresquinho no póte de barro, feito pulas mão sagrada da minha mulé, que Deus conserve prá muntos ano!

O samba táva arrillado! Abasta eu lhe dizê que o cabra que táva chorando na sanfona era o Chico Taquaratinga!

O que táva gemendo nas cordas da viola — era o fio do Manoé do Riachão!... E o que saluçava na réboca era o guriatá mais famanado de todo aquele sertão, esse negro safado, cum perdão de seu doutô, esse desgraçado que desgraça o coração das morenas, quando grojêna naquele instrumento — o Benedito Antonio de Aguapaba!!!

E o samba cada vez borbuiava mais! Pula madrugada, quando o galo sortou um gemido, cumo que arrespondoendo à réboca do marvado, que saluçava no terrêro prá Chiquinha-Côme-Frô se discunjentá n'um miudinho, a lua ficou tão crára, seu doutô, que parecia uma patinha tôda branca, nadando lá em riba, no meio dos patinho cô de ouro, que era as estrela, esparramada prá tôda a lagôa azú do céu!!!

E a festa cada vez frevia mais!! O Riachão tava roendo coirama, prá via do Taquaratinga andá cum uns caprixamento com a Luiza Bemteví, a xibança d'aqueles mato!

A cabôca, quando passava pulo Riachão, abria aqueles dente de cachorro novo e ria prá violêro, fazendo babuagel! A viola parecia o coração do cabra, se dispenando de tanto gemê! A Luizinha táva c'uma saia cô de fôla seca e chérava a barboleta! O Aguapaba táva frio, mas porém tinha uma fugêra quemando dento da réboca! Tudo pulos ôio da Bemteví, que parecia os caminho do sertão, cheio de cruz, pulas morte que já tinha feito!! A sanfona genuia!... A viola chorava!... E a réboca saluçava!!

Fôí pntonce que o violêro cantou ansim: — Tu véve alegre, marvada, — e eu, triste, me consumindo! — Enquanto o céu tá chorando — a prantação tá se rindo!! — O Taquaratinga, dexando de samba cum a Bemteví, passarinhou as mão no tetrado da sanfona e cantou:

"Eu vou me embôra, cabôca!
"E levo pena de ti...
"Aqui, dento de minh'arma,
"tá cantando um bemteví!"

E o samba frevia!!

O violêro arrespondeu:

— Eu tombê já vou me embora,

— não tarda a festa acabá!...

"Aqui, dento de minh'arma,

— tá gemendo um sabiá! —

Vinha rompendo dia!...

Benedito Antonio de Aguapaba, ôiando o vrêmêio da minha, purriba da montanha, deu um viva prá São João, e cantou êstes último pé de verso:

"ôo canan da serrania,

"prá ditraz da mataria,

"batendo as asa, em paggo,

"ante d'êle aparecé,

"o Só, o galo de fogo,

"lá no céu já tá cantando

"prá Deos, que já tá rezando,

"pró dia pudê nascê!!

Sou doutô! O Só nacendo entre os gáio d'um fermoso frôbauân, era taliquá uma laranja madura, que, em lugá de cai pró chão, ia assubindo prá riba!!

Desci pula baxada, toquei pulas rebotêra dos mato, rasgando a mataria, intê chegá ao pé da coitézêra.

O ôio d'água táva tão cráro, que parecia que tinha tomado banho!!!

VOCABULÁRIO:

Apuiando — enganando.

Sôca — a colheira do fumo do cana.

Perder o ferro — perder o gado pela epidemia.

Salvar a semente — salvar algumas cabeças do mesmo.

Bredo — mato.

Cacumbú — enxada.

Gagaúba — árvore urticacea.

Macacôa — doença nervosa.

Merunhanha — mosca que persegue os bois e cavalos.

Estalleida — nevralgia.

Mapiage — falação.

Mucambo — choça.

Cai na madêra — meter-se nos matos.

Abro os pano — vou-me embora.

Deu na quarta — deu à luz.

Tinhoso — diabo.

Corre-campo — cobra.

Prúa — algodão descaroçado.

Guiné — galinha d'Angola.

Miunça — criação miúda.

Na imbirá — magra.

Mallincunia — melancia.

Discumê — defecar.

Coitézêra — árvore, cujo fruto é o coité.

Fogo-pagou — rola.

Dismanchasamba — parati — desordeiro.

Sobroço — medo.

Ingaço — bagaço, coisa ruim.

Tirando linha — namorando.

Fecha-bodega — desordeiro.

Bafafá — barulho, confusão de vozes.

Faxiá — bater.

Quirim — cacete.

Cafangoso — cheio de defeitos.

Gororôba — sujeito.

Chavascá — terra esteril.

Babuge — primeira vegetação depois das chuvas.

Morombêro — mentiroso, embromador.

Estrupice — desordem, barulho.

Perriambucana — faca.

Inhame — planta de raiz farinha.

Sem respiro — sem movimento.

Mofumbei — oculte.

Pipocando — saltando ou estalando como pipoca.

Tabatinga — árvore silvestre.

Hypothe — hipótese.

Cabeça-baxa — porco.

Aluá — refresco de milho.

Guriatá — gaturamo.

Roendo coirama — com ciume.

Canan — cume.

"rôbauân — flamboiant.

CATULO E A ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

CONCLUSÃO DA PÁGINA 24

terra não saiu da sua cidade. Do sertão conheceu apenas, ainda menino, durante dois ou três anos, um pedaço do sertão cearense. Nada e nada mais. O sertão foi na sua vida um relâmpago. E no entanto é o grande bardo sertanejo do Brasil. E o é na verdade. No seu êstro o sertão brasileiro palpita, vive e fulge, como nunca viveu, nunca fulgiu e nunca palpitou no êstro de outro bardo. É de fato sertão em tôda a sua rude simplicidade, em tôda a sua beleza bravia, em todos os dramas que a natureza lhe desencadeia e em tôdas as suas tragédias passionais. Ninguém melhor do que êle descreveu em versos o tropel das boiadas pelos campos em flor, e indômita bravura dos vaqueiros, nos seus gibões de couro, pelos caracais adustos, atrás dos garrotes. Ninguém descreveu, tão ao vivo, o chispar de duas facas na mão de dois campônios que brigam pelo amor de uma só cabocla. Ninguém sentiu tanto a profundidade da paixão amorosa de um marroeiro que levou no coração a chifrada dos olhos de uma dona. Ninguém realizou em rimas, nem mesmo em prosa, a grandeza trágica das terras caídas. Ninguém descreveu com tanta e tanto fogo uma festa no meio da mata, com violas, caquinhos, moças, danças e ronqueiras. Ninguém viu com tanto lirismo e tanta emotividade a magia embevecedora do luar do sertão. Ninguém cantou com tanta vida, tanta fulgidez e tanto frenesi sensual a fascinação das matutas bonitas. E cantou-se de norte a sul, tôdas elas, as tabarôas de Minas, as capiras de São Paulo, as capureiras do Maranhão, com os seus vestidos de chita, com as suas rendas de bilro, os chinelos de pelica e com a fava de baunilha enfiada nos cabelos. E cantou tudo isso com um fogo que parecia um verdadeiro incêndio. E cantou tudo isso com uma exalação de seiva que, às vêzes, deixava a gente surpreendida pela profusão e originalidade das

imagens. Nêsse ponto, então, ninguém o excedeu. Foi um perdulário, o maior esbanjador de imagens que houve no Brasil. Oriou-se e espalhou-se pela poesia sertaneja com a mesma abundância que a Natureza espalhou constelações no céu.

Faltou à sua poesia a forma erudita. Mas era tal a força do seu êstro que a beleza se conservava intacta, sem que a falta a prejudicasse. E a beleza era tanta que os homens mais eruditos (o exemplo de Rui Barbosa é edificante) se sentiam tocados pelo seu encantamento. Catulo, meus senhores, com a sua curiosa maneira de ver-se, mostrou aos que não crêem na poesia que a poesia é suprema, que a poesia vale tudo, que está acima de tudo, de qualquer maneira que ela se apresenta vestida de brocados ou vestida de trapos. Os mais impressionantes poemas que escreveu são em linguagem matuto, sem concordâncias gramaticais, com tôda a coorte de teratologias que a sintaxe condensa. No entanto não há quem não se sinta sacudido pela emoção rude que êles transferem e pela beleza bárbara que êles encerram. E também pela brasilidade que neles resceendo do primeiro ao último verso. Porque o autor do Meu sertão, do Sertão em Flor, de Mata iluminada, etc.; foi antes de mais nada uma poeta brasileiro. Brasileiro em tudo: no arrojo de suas imagens, na doçura do seu lirismo, na dolência de suas modinhas, na rudeza dos seus motivos poéticos, no excesso do seu romantismo, até mesmo na desordem dos seus versos.

Sr. Presidente: pelo desaparecimento desse bardo excepcional, desse poeta "sui-generis", desse surpreendente falsador das belezas bravias da nossa terra, eu peço à Academia um voto de pesar".

O Sr. Roquete Pinto disse que desejava ter sido o primeiro a referir-se à morte de Catulo Cearense, no qual o ligava uma amizade de 30 anos. Associando-se às palavras do Sr. Viriato Correia, queria apenas acrescentar que em seu entender fora Catulo uma das maiores expressões poéticas do Brasil em todos os tempos".

O Sr. Pedro Calmon, lembrando a glória de Catulo, comparou-a à de Gregório de Matos e Caldas Barbosa. Referindo-se ao trovador e ao poeta, disse que "é a imortalidade, essa poesia, que continua na memória dos contemporâneos, e leva nos seus ecos a música da terra brasileira".

Os Srs. Ademar Tavares, Gustavo Barroso, Mucio Leão e Manuel Bandeira referiram-se também à personalidade e poesia de Catulo, relembrando fatos da vida do poeta, recitando versos e citando imagens do autor de Meu Sertão.

CATULO DA PAIXÃO CEARENSE

COMPOSITOR, MÚSICO, POETA E CANTOR DA ALMA BRASILEIRA



A "CONSTRUTORA SUPERLAR DE SÃO PAULO S. A." não poderia ficar indiferente à justa homenagem que o grande vespertino "A NOITE", em colaboração com a "A NOITE Ilustrada", "CARIOCA", "VAMOS LER" e a "RADIO NACIONAL", rende à memória do maravilhoso Artista, concorrendo, assim, para a construção do seu mausoléu e a aquisição da casa em que residiu o grande Poeta maranhense.

A "Casa de Catulo" será transformada em Monumento Nacional e nela as gerações futuras poderão conhecer tôda a obra daquele que tanto amou o Sertão, imortalizando-o nos seus versos geniais.

A "CONSTRUTORA SUPERLAR DE SÃO PAULO S. A.", cooperando em grande parte para a construção de um Rio de Janeiro inteiramente novo e moderno, sente-se profundamente sensibilizada em poder, dêste modo, concorrer, também, para um Rio de Janeiro cheio de tradições, dentre as quais a "Casa de Catulo", pelo seu cunho eminentemente sertanista, será, sem dúvida, a maior de tôdas.

CONSTRUTORA SUPERLAR DE SÃO PAULO S.A.
RUA DO ROSÁRIO, 77 — LOJA
Tel.: 43-1660 — Rio de Janeiro

3

ROMANCES
CHEIOS DE EMOÇÃO
E ENCANTAMENTO!

★

Em todas as livrarias ou
pelo reembolso postal.

EDITORA DO BRASIL S/A
RUA CONSULADO Nº 147, 149, 151, 153, 155, 157, 159, 161, 163, 165, 167, 169, 171, 173, 175, 177, 179, 181, 183, 185, 187, 189, 191, 193, 195, 197, 199, 201, 203, 205, 207, 209, 211, 213, 215, 217, 219, 221, 223, 225, 227, 229, 231, 233, 235, 237, 239, 241, 243, 245, 247, 249, 251, 253, 255, 257, 259, 261, 263, 265, 267, 269, 271, 273, 275, 277, 279, 281, 283, 285, 287, 289, 291, 293, 295, 297, 299, 301, 303, 305, 307, 309, 311, 313, 315, 317, 319, 321, 323, 325, 327, 329, 331, 333, 335, 337, 339, 341, 343, 345, 347, 349, 351, 353, 355, 357, 359, 361, 363, 365, 367, 369, 371, 373, 375, 377, 379, 381, 383, 385, 387, 389, 391, 393, 395, 397, 399, 401, 403, 405, 407, 409, 411, 413, 415, 417, 419, 421, 423, 425, 427, 429, 431, 433, 435, 437, 439, 441, 443, 445, 447, 449, 451, 453, 455, 457, 459, 461, 463, 465, 467, 469, 471, 473, 475, 477, 479, 481, 483, 485, 487, 489, 491, 493, 495, 497, 499, 501, 503, 505, 507, 509, 511, 513, 515, 517, 519, 521, 523, 525, 527, 529, 531, 533, 535, 537, 539, 541, 543, 545, 547, 549, 551, 553, 555, 557, 559, 561, 563, 565, 567, 569, 571, 573, 575, 577, 579, 581, 583, 585, 587, 589, 591, 593, 595, 597, 599, 601, 603, 605, 607, 609, 611, 613, 615, 617, 619, 621, 623, 625, 627, 629, 631, 633, 635, 637, 639, 641, 643, 645, 647, 649, 651, 653, 655, 657, 659, 661, 663, 665, 667, 669, 671, 673, 675, 677, 679, 681, 683, 685, 687, 689, 691, 693, 695, 697, 699, 701, 703, 705, 707, 709, 711, 713, 715, 717, 719, 721, 723, 725, 727, 729, 731, 733, 735, 737, 739, 741, 743, 745, 747, 749, 751, 753, 755, 757, 759, 761, 763, 765, 767, 769, 771, 773, 775, 777, 779, 781, 783, 785, 787, 789, 791, 793, 795, 797, 799, 801, 803, 805, 807, 809, 811, 813, 815, 817, 819, 821, 823, 825, 827, 829, 831, 833, 835, 837, 839, 841, 843, 845, 847, 849, 851, 853, 855, 857, 859, 861, 863, 865, 867, 869, 871, 873, 875, 877, 879, 881, 883, 885, 887, 889, 891, 893, 895, 897, 899, 901, 903, 905, 907, 909, 911, 913, 915, 917, 919, 921, 923, 925, 927, 929, 931, 933, 935, 937, 939, 941, 943, 945, 947, 949, 951, 953, 955, 957, 959, 961, 963, 965, 967, 969, 971, 973, 975, 977, 979, 981, 983, 985, 987, 989, 991, 993, 995, 997, 999

O TEMPO DAS SERENATAS

(Conclusão da página 5)

Praia Vermelha. Eu era estudante nesse tempo; e o meu grupo natural era aquele. Bastava que se visse um carregador passar com um peru. Ia saber-se a casa para onde ia. De noite, lá estávamos todos.

— E as modinhas desse tempo?

— Ah! O tempo áureo das modinhas ainda não chegara. Cantava-se "A Princesa do Império Chinês"; "Um dia louco"; "A Primavera" e "Perdão Emília".

E tomando o violão enquanto se sentava na velha rede de fibra:

"A primavera é uma estação florida cheia de imenso, divinal fulgôr, de flores enche o coração da vida e enche de vida o coração de flor".

O tempo doslundús ainda se arrastava. E apenas o Bente-vi, de Melo Moraes, preconizava um novo rumo para a música popular. Em 1890 eu comecei escrever e a cantar. Meu pai porém era contra aquela vida, uma vez que ela estava fortemente vinculada à bebida e ao desemprego. Um dia, meu pai me viu cantar em Real Grandeza. Eu estava com Cantalicio, que fora companheiro de Pereira da Costa, antigo violinista da Corte. Foi a primeira sova que apanhei. Hoje, porém, eu compreendo meu pai. Naquele tempo, o violão era um instrumento maldito...

LIRA DOS SALÕES

— A sova foi tamanha que me escondi durante semanas em Copacabana em casa de um velho preto de nome Oliveira, reformado do Paraguai. Naquele tempo, Copacabana era um areal sem fim. E dizer alguém, como eu digo, escondi-me em Copacabana era o mesmo que falar: ninguém me encontraria. Meu pai queria meter-me na marinha para curar-me do violão. Mas minha mãe me defendia. Antes de morrer, porém, ele me pediu:

— Vem cantar para eu ouvir, filho. Tomei do violão e comecei a cantar. Quando terminei, ele estava com os olhos cheios de lágrimas. E todos em volta dele choravam também... A esse tempo, eu morava na Piedade. Você conhece o "Talento e a Formosura"?

— Se eu conhecia o "Talento e a Formosura"... Quem não conhece essa jóia da poesia brasileira:

"Tu podes bem guardar os dons da formosura que o tempo, um dia, há de implacável trucidar.

Tu podes bem viver ufana da ventura que a natureza cegamente quis te dar..."

— A esse tempo eu morava na Piedade, e "O Talento e Formosura" foi cantado pela primeira vez numa daquelas serenatas. Publiquei o meu primeiro livro: "Cancioneiro Popular". Veio depois a "Lira dos Salões", que se tornaria o mais famoso. Todos esses nomes, — e mais "Novos cantares", "Lira Brasileira", "Choros ao violão", — foram dados pelo meu amigo José Fernandes de Matos, atual proprietário da Livraria Quaresma, que nesse tempo ainda não era o abstemio e o homem sério de hoje. A Quaresma, se está em pé, deve a este seu criado. F. note-se não sou eu quem o digo. É o José Fernandes de Matos.

E como lhe perguntássemos o começo daquela história, pôs-se a contar:

— Foi no tempo do Passos e da transformação do Rio. Um dos projetos do ditador atingira em cheio a Livraria Quaresma.

E não houve santo que desse jeito, até que me procurou: Catulo, só você é que pode dar um jeito."

— Você era amigo do Prefeito?

— Não; mas mandei-o ao Pedro de Carvalho com uma carta. E o Pedro disse ao Matos apenas isso: — "Sou admirador do Catulo e, se for humanamente possível, eu o farei para ele". E lá está a Livraria Quaresma de pé. E de pé continuará por muitos anos...

HERCULANO EM VEZ DE CAMÕES

— De que vivia V. então Catulo? De suas modinhas? De seus livros?

— Não. A glória, toda essa glória que V. vê nunca me deu nada. Tenho é verdade, uma estátua em praça pública. E construída mediante uma contribuição popular de tostão por indivíduo. Mas das minhas 300 modinhas famosas eu nunca tirei mais que uma verdadeira miséria. Eu era professor na Piedade. E o meu Colégio se tornou célebre porque lá os jovens analisavam Herculanu em lugar de Camões... Meus discípulos aí estão. No Colégio da Piedade eu conciliava o boêmio que era com o homem que precisava ganhar o seu pão. Eramos um grupo homogêneo. Eu, o Irineu, o Gonzaga, o Severino Lopes. Um dia a morte levou um do grupo: o Lopes. Nós havíamos combinado que, quando um morresse, os outros iriam à casa dele e sobre o pranto dos parentes, em cima do cadáver romperiam a serenata. E assim fizemos com o Lopes. Entramos em casa dele com os instrumentos escondidos. Aproximamo-nos do corpo e então os violões romperam em surdina, primeiro; depois mais alto, cada vez mais alto. Passamos por hereges e por bárbaros. Mas nós havíamos prometido; e cumprimos a nossa promessa... Outro episódio que se tornou falado nesse tempo, foi quando eu toquei a "Ave Maria" de Tosti na Procissão do Senhor, em Jacarepaguá.

— Você tocou violão numa procissão?

— Sim, e como poderia alguém dizer que eu era um ateu, quando eu cantei uma música especialmente traduzida por mim o toquei cheio de fé e terminei de tocar de joelhos?

— E o violão?

— Bem, o violão estava subindo comigo. Onde eu entrava, ele entrava também. Nos meios mais cultos do Rio, como na casa de Lúcio de Mendonça e de Melo Moraes Filho eu era recebido. Veja essa página de Rocha Pombo, sobre a minha visita à casa de Melo Moraes Filho: "Tinhamos ouvido, — diz o autor da História do Brasil, — estrofes deliciosas, magníficas, borbulhantes, como catadunas de lava vindas da alma de Alberto de

Oliveira". Depois de Alberto, cantaria Catulo: "O cantor começou sem grande cerimônia. Primeiro uma modinha popular de um perfume suave de bosque, de um candido bucolismo pagão. Depois, uma outra na qual se acentua a doce e esquisita originalidade da musa anônima e boêmia. A assistência está entre o espanto e uma curiosidade ansiosa, dir-se-ia pungente. Há nos olhares como uma interrogação de mistério. O homem levanta-se e vem para o meio do salão. E desde aquele instante, — digam os que tiveram a ventura de estar ali — foi senhor daquelas almas como se fosse a alma de todos nós. E quando o vulto do cantor mingou na sala, deixando escapar-se dos lábios o último verso, houve uma verdadeira explosão de delírio, tão espontânea, tão vibrante como se um formidável tufão barafustasse por aquele ambiente".

JOSE' DO PATROCINIO

— A modinha havia vencido...
— Sim, a modinha havia vencido nos meios intelectuais. Não ainda na sociedade inteira. As moças cantavam em segredo as minhas modinhas; mas não tinham a coragem de repetir na frente dos pais. Também ensaiavam em segredo o "passo do jocotó" e o "balão caído" e não tinham coragem de dançar em público... A vitória da modinha, vitória mesmo, foi no Instituto Nacional de Música; em 1907. A sala estava cheia do que havia de melhor. Diplomatas, escritores, ministros, poetas... Propôs o grande tradutor de Ibsen, Francisco Braga, Alberto Nepomuceno, ao ceder a casa e quando soube que eu ia cantar teve um peso sobre o coração. E se eu fracassasse? Que vergonha para o Conservatório... Mas eu não fracassei. Foi essa a primeira grande vitória da minha vida. Daí por diante foi o sucesso social. Agora a modinha entrava no salão das famílias e eu era convidado para cantar nas casas mais ilustres do Rio. Casas de Pinheiro Machado, de Ruy, de Pedro Lessa, de Coelho Neto. Em 1908, cantei na Exposição, apresentado por João do Rio...

— E as suas relações com José do Patrocínio?

— Conheci Patrocínio na casa de Goulart, um compadre dele. No tempo em que o conheci ele ainda tinha "A Cidade do Rio". Lembrou-me que lhe perguntei antes de cantar:

— De que gênero mais gosta?

— Do belo, ele me respondeu. Mais tarde acompanhei-o nos momentos de desgraça. E não sou eu quem o diz. Veja esse depoimento do Zeca:

— "Ouvi-o durante dois anos à cabeceira da cama em que papai agonizou. Catulo foi o sábio desse ocaso. Quase todas as noites vinha ele ao casebre em que, — vanitas vanitatum, — o Herói da Abolição ia morrendo aos poucos, esquecido, apagado, sózinho. Acollitavam-no mais dois ou três boêmios, "irmãos da opa", corações de ouro, como ele, artistas: o Irineu, Ophelyde, um mulato gordo que quando tocava fechava os olhos empapuçados de que lhe escorriam lágrimas de emoção; o Luiz de Souza, piston, que do agudo instrumento tirava sons de flauta e violino e o famoso Mario Cavaquinho. E Catulo cantava! Catulo cantava... Era uma cigarra embalando outra cigarra "na tormentosa estação". A noite passava, papai ouvia com os olhos raios d'água. Eles iam se embora, continuando a cantar e a tocar na rua deserta".

DR. MATTOS FILHO

Clinica médica — Doenças internas

★

Horário: 2.as, 4.as, e 6.as, das 8 às 10, e das 18 às 20 horas; 3.as, 5.as e sábados, das 14 às 16 horas.

★

Consultório:

RUA DIAS DA CRUZ, 818

Fone: 29-2876

Engenho de Dentro — Rio

BAZAR SÃO JORGE

Sedas, perfumarias, novidades, brinquedos, linhas, etc.

E. MIGUEL MARTINS

RUA BERGAMINI, 361

esquina da rua Dias da Cruz - Rio

CAFÉ E LEITERIA

BELO HORIZONTE

Refeições ligeiras. Bebidas finas, nacionais e estrangeiras

Manoel F. Corrêa

RUA BERGAMINI, 361

Fone: 29-3986

Engenho de Dentro — Rio

WALDEMAR SILVA

CONCERTOS DE RADIOS, VITROLAS E INSTRUMENTOS ELÉTRICOS

RUA BERGAMINI, 163

Fone: 49-0111 - E. de Dentro Rio

Padaria e Confeitaria Chave de Ouro

COMPLETO SORTIMENTO DE DOCES, EMPADAS, BISCOITOS, ETC. — PÃES DE TÓDAS AS QUALIDADES — BEBIDAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

ALVARO EUGENIO

RUA BERGAMINI, 349 — ENGENHO DE DENTRO

FONE: 29-3270 — RIO DE JANEIRO

OFICINA MECÂNICA

DE

M. SANTOS MARTINS

Materiais para construção em geral

Escritório e depósito: **RUA BERGAMINI, 168, fundos**

Engenho de Dentro — Fone: 29-4234 — Rio de Janeiro

CATULO NO PALCO

CONCLUSÃO DA PÁGINA 35

O Brasil possui poetas em barda e alguns magníficos; mas são poetas universais, que jogam com imagens vindas de Anacreonte a Verlaine. Poetas que tanto seriam brasileiros como mexicanos, franceses ou russos.

Catulo, porém, é o poeta da terra, a harpa cólea que ressoa ao menor arfar da terra. Amores, anseios, sofrimentos humildes, climas vagos, o verdadeiro sentir da nossa gente só nele encontra voz. E que voz! Com que vigor se exprime! Com que inaudita riqueza de imagens novas, sem eiva de reflexo europeu!

Catulo é bem a voz da terra brasileira. Voz das coisas e voz das gentes. Tanto fala nele o amor do vaqueiro como a angústia bracejante da peroba que a queima da floresta deixou semi-carbonizada no viso do espigão.

Aos demais poetas ouvimo-los com o cérebro. São filhos da cultura geral, são traduzíveis.

A Catulo ouvimos com o coração, e ouvimo-lo tomados dum estranho transtorno interno. Uma coisa grande, uma coisa vaga, informe, monstruosa cresce dentro de nós, expulsa o moderno de importação que está ali e nos deixa sozinhos com a raça. Nosso peito se enche de avós, como um albergue tomado de assalto por sombras ambientes.

Acodem tupinambás de pedras verdes nos lábios dos que comiam portugueses com tripas e tudo; acodem velhos lusos de barba em colar; acodem iracemas que se cruzaram com esses barbadões iniciais; acodem avós fazen-

deiros de açúcar, bandeirantes tropeiros que acabaram barões do império, acodem homens de garimpo, caçadores de onça, senhores de escravos, sinhás-moças e sinhás-velhas — toda essa gente passada que viveu, amou, chorou e com as armas que pôde foi tirando da floresta imensa um país.

Acodem em tumulto para ouvir a língua que foi a deles e ouvir as imagens, únicas que lhes sugerem coisas vistas e vividas. E enquanto o poeta geme seu descante ao violão permanecemos assim, obstruídos de raça, no êxtase de incubos atravancados de veneráveis súcubos avós.

O Brasil dá tudo, menos justiça. O Brasil recompensa tudo, menos o mérito. Que há de esperar Catulo da sua pátria senão umas barbas postíças?

Há dele um poema lindo onde se narra o amor dum papagalho de estimação pela cachorrinha Sauna, "Mártir, velha, escorraçada, quase no extremo da vida, andava sempre escondida e não morria esfomeada porque às vezes lhe tocava um frangalho de comida que a outro cão sobejava". Seus olhos, salva a heresia, lembrava os olhos da Virgem Maria. A sua melancolia era saudosa e macia como a sombra do luar. Quanta dor, quanta poesia, quanta filosofia chorava naquele olhar!"

Desprezada por todos, só o papagalho a estimava. "Quando lhe faltava um osso para o jantar era belo, era sublime ver aquele papagalho, como quem comete um crime, às ocultas lhe ofertar alguns bocados gostosos do seu gostoso manjar". E repetia vinte vezes o nome de Sauna, só porque ela, debaixo do seu poleiro, se quedava extática a ouvi-lo.

Um dia Sauna morreu. Encontraram-na com a barriga inchada à porta do curral, rígida e fria, mas nos seus olhos ainda "se lia aquela filosofia da dor irracional. E só porque já fedia foi que o vaqueiro Zé Marco enterrou a pobrezinha ao pé dum velho pau d'arco". Quando o papagalho soube da morte da triste sarnenta, emudeceu e nunca mais repetiu o nome de Sauna.

Catulo conclui o poema com um grito d'alma verdadeiramente sublime.

Meu Deus!... Por que não fizeste os homens irracionais?

Quem grita assim, quem atinge tais alturas, merece castigo. Merece como ganha-pão no fim da vida, não uma, mas duas barbas postíças.

MONTEIRO LOBATO

As viola gemeu de novo,
e ela se-pôs-se a brincar,
tremendo num miúdinho,
sem se arredá do lugar!

Ao depois, a sala toda
correu num sapatiado,
desafiando prá dança
os pobre dos convidado,
que logo baxava os óio,
ansim como invregonhado.

As caboquinha, inciumaça,
já não podia mais, não!

Quando os noivo se assanhava,
elas ferrava nos braço
dos seus noivo um biliscão.

Maibi quebrava no côco
cum tanta requebração,
que se a Mãe de Deus sambasse,
tarvez que váncês jurasse
que quem sambava era Ela!...
A Virge da Cunceição!...
A Mãe de Deus, do Sinhô!!!!

Nisto, um roquete de parmas
im toda sala istrondou!

Foi quando, entonce, um vaquêro,
ainda moço e temêro,
prá riba dela imbicou!!!!

De camisa toda branca,
cum o peito todo arrufado,
no pesçoço examurráco
um lenço cô de limão...
butão de ouro nos punho!...
Purriba das carça nova
um pezado correntão...
O cabra, remunhentando,
castanholando cum as mão,
imbígando prá morena,
requebrava as suas perna,
no requebrado das perna,
zunindo, cumo um pinhão!!!

Quando o vaquêro cansava,
ela ia arrecuando,
que nem si via os seus pé!...
Quando o vaquêro avançava,
ela ia arrecuando
fugindo, cumo a marrêca
da boca do jacaré!!!...

Se o vaquêro abria os braço,
atirando uma laçada,
Maibi fugia do laço,
sortando uma gargalada!

E agora é que ela dançava
e os musgo a musga apressava
e ela sambava, sambava,
sem um momento apará!...
"Ai, meu tempo!" num gimido,
gritava as véia aculá!
Xingava as véia os marido,
que alevantando os pesçoço,
xingando tombém as véia,
dava parma, cumo os moço,
vendo o demonio ródá!

Deus me perdêe a hirizia!
Mas porêem, eu vi a Santa,
eu vi a Virge Maria,
batendo parma do artá!!

O vaquêro, arenegado,
ficou num canto, isbarrado,
Capiongo, discunchavado,
sem quáge pucê falá!

Tinha cansado o marvado!
Já não podia sambá!

E o pai, óiando prá ela,
e achando a fia mais bela,
acendeu o seu cachimbo,
e... era pai... pôs-se a chorá!

*

Entre as nuve de puêra,
a cabôca paricia
taliquá dos capuêro,
doida, às tonta e às marrada,
fugindo, entre os ispinhêro,
dum valente boiadêro,
pulos mato do sertão.

Entonce, currupiendo,
sem tomá fôrço na dança,
a móce cumo criança,
abria a boca dengosa,
e entonce a língua trimia
entre os dente da cabôca,
querendo saf da boca,
cumo uma cobra de rosa.

Os dois copuassú morêno,
maduro, fresco, fermoso,
dois curumim vregonhoso,
que ninguém podia vê,
pru baxo daquelas renda,
tinha o chêro, inda quentinho,

da boca dum bizerrinho,
quando acaba de nacê.

Os pézinho da cafuza,
que se tu visse, chorava,
não dançava, parpitava,
taliquá dois coraçáo!
Tão leve, que paricia,
num rodá de carapêta,
um casá de barbuleta,
brincando rente do chão!

Os óio, que tinha o fogo
das tarde, quando se intóna,
tinha no fundo a beleza
de toda aquela tristeza
que tem o rio Amazona.

Não tinha boca!... Era a boca
uma gaiola de sangue,
adonde, quando falava,
a gente logo iscutava,
saluçanco, um irachuê!
Mas porêem, quando calava,
pidindo, tarvez, um bêjo,
ficava a boca mais rôxa
do que a frô do mururé.

Um bêjo naquela boca
era um má, que não tem cura!
Se tinha a doce frescura
da sombra das quixabêra,
tinha a frevura do bêjo,
que o rio, vindo dos cume,
arrebenta no cume
da bôca das cachoêra!
Ai! os cabelo!... Os cabelo,
que às vez, num rivramento,
tapava a cara da dona,
naquele adivertimento,
era preto, cumo o sonho
dum cêgo de nacimiento!
Quando um momento aparava,

dêxando o suó moreno,
cumo os pingo de sereno,
prú todo o corpo corré,
a sala ficava cheia
dêsse ôrôma que se sente
do chêro da terra quente,
quando cumeça a chuvê.

Ansím, quando ela sambava,
uma rosinha amarela,
que tava ainda im butão,
caiu dos cabelo dela,
amachucada no chão.

Os musgo, tudo suado,
cum os óio de urúatára,
os instrumento aparou!

Entonce, o cabra sarado,
de venda de ripolêgo,
do chão a rosa panhou!

A cabôca, óiando os musgo,
que ainda tava cansado,
cum as língua toda de fóra,
de tanto e tanto tocá,
deu um muchôcho brejêro,
fez um lxe — pró vaquêro,
e introu de novo a sambá,
cumo a fôia do trapia,
que o vento brabo da serra
vai rolando, pula terra,
num curupio inferná!

E as parma ainca istralava,
no meio da cunfunção,
quando se uvuiu um barúio,
que paricia um truvão!

Todo o mundo prá barranca
naquele instante correu!...

A noite tava mais branca
que Jesús, quando morreu!

O cabra, fazendo infuca,
pruveitando a cunfunção,
fez um bico prá cabôca,
e deu um bêjo na boca,
um bêjo!... Sim!... Mardição!!

João Capixaba, o cauchêro,
não mintiu!... Tinha rézão!...
Era o vaquêro mardito
da festa de Caeté,
da festa de São João!...

"O que foi, gente, o que foi?"
todo o mundo preguntava
pró pai, que lá da barranca,
já sastifeito vortava,

a gritá:
"Vamo!... Vamo! Minha gente!
— Não dêxa a festa isfria!
— Não foi nada!... Não foi nada!...
— Foi coisa munto sabida!
— Arguma Terra Caída!...
— Tôca a ri!... Tôca a sambá!"

Na verde guarapiranga
chorava um camêtauí!

Agora é que se isquentava
a festa do Zé Pacú!...

Saindo detrás do tronco
da fermosa piranhêra,
rumpi pula tacañica!...
Diei pula ribancêra!

Uma tuada sôdosa
nos gimido das viola
se misturava cum: o chêro
das fulô do jasmínêro,
que vinha lá da janela.

Arguem cantava!... Era ela!...

Rasguei cum o quicê a corda
da igraté!... Imbarquei!...
Baixinho disse um segredo
pró rio!... E remei!... remei!...

Cada vez remava mais!

Só depois de munto tempo,
aparel... e ôiei prá traz!

A larraca inluminada,
cum a musga, que inda se uvua,
longe, longe... munto longe,
cumo uma istrela... murria!

O céu, de todos os lado,
paricia uma tigela
cum o funço azú imbórcado,
todo ismartado de novo,
adonde a lua, tão bela,
ia boiando, amarela,
cumo uma gêma de ôvo!

Já trazia de viagem
duas hora, bem puxada.

Lá, prá banda do Nacente,
entre as suas cumpanhêra,
noutra festa inluarada,
sambava a mais feiticêra
das istrela amorenada,
essa Maibi dos incréu!...
Essa cabôca do céu: —
— A istrela da madrugada!

Entonce, peguei do remo,
rasguei as água do rio,
que, fazendo um arripio,
do sono dágua acordou.
Remei!... Remei!... Fui remando!...
E... não cheguei!... Foi somentes!
a canôa que chegou!...

Neste sertão do Ciará,
onde naceu nossos pai,
fillizmente, ninguém sabe
que coisa é terra que cá!...

Aquele instrondo, de longe,
que lá na festa se uvuiu,
foi quando a terra, essa ingrata,
a minha terra adorada,
farciou!... tremeu!... caiu!...

Os juá, as bacabêra,
os coité, as laranjêra,
as moita de cacáuêro,
os verçê ginipapêro,
os grande canarassú,
adonde todas as tarde
cantava um ipurú...
as fermosa mongubêra,
as monbugêra inda im frô...
a juruparipirêra,
que tava im frente da choça...
a criação... gado... roça...
tudo o rio me levou!
Mas, que isso, minha gente?!
Váncês tudo ficou triste,
despois que a históra acabou?!
Tristeza não dá vantagem!
O que passou, já passou!

Deus, que um dia fez o hôme,
pula sua santa image,
fez o nosso coraçáo,
cumo as frorêsta bravía
das terra virge... sarvage!

Virge, im suas mataria!...
Sarvage, im sua grandeza!...
Mas porêem, que tem beleza
prá quem aprêcia as coisa
mais grande da natureza!

Um éia, vem a muié!

A mulé péga um terçado,
péga uma foice, um machado,
disgala o mato fechado
das terra do coraçáo!
E aos depois da derrubada,
despois do fogo — a quémada —
a muié péga uma invxada,
cava a terra, bem cavada...
e samêia!... E' a prantação!

Tudo quanto é frôração,
tôda a frô que a terra cria,
tuço nace, ali, num dia,
onde tava a mataria
no fundo do coraçáo!

Se a muié sabe que é ingrata,
prá que vai mexê nas mata
e quémá, cumo um brinquedo,
o mato virge, cerrado,
iscuro e sêmpre fechado,
adonde não tinha intrado
a luz do Só, que é o Amó!?

E' prá depois, sem rezão,
derrubá prá toda a vida
o jardim do coraçáo,
sem um tiquinho de cô!

Maibi!... Maibi me inganou!!

O rio, numa treição,
o trabáio de seis ano,
as terra da prantação
im suas água levou!

Maibi!... Maibi me inganou!!

Bem feito! Fui castigado!
Foi praga da minha terra!
E praga de Deus infê!

Mas peço à Virge Maria,
que, cumo Muié divina
e Mãe de Jesús, perdêe
Maibi, que é tombém muié!!

Tudo foi uma inluzáo!

Do jardim que ela prantou
nas mata do coraçáo,
só véve agora uma frô!...
Só a Sôdade tem vida!!

E o que é, meu Deus, a Sôdade?!

Sôdade é a Terra Caída
de um coraçáo, que sonhou!

DR. FERNANDES MEIRELLES CLINICA DE CRIANÇA

Consultório :
RUA BERGAMINI, 45
Sobrado — Fone : 29-2789

FARMACIA RIO GRANDENSE

Farmacêutico S. J. Ordine
*
Viuva Vasques, Ordine & Cia.
Avenida Amaro Cavalcanti, 2.065
Fone : 29-1252
ENGENHO DE DENTRO — RIO

CAFÉ, BILHARES E LEITERIA GARÔTA

BEBIDAS NACIONAIS E
ESTRANGEIRAS
João da Rocha & Silva
RUA BERGAMINI, 174
Fone : 29-3693
Engenho de Dentro — Rio

TINTURARIA IDEAL LTDA.

VENDAS DE ROUPAS FEITAS
A PREÇOS 40 % MENOS QUE
QUALQUER CASA
Evencio Paes de Oliveira
RUA BERGAMINI, 337-A
Fone : 29-4375
Engenho de Dentro — Rio

Tapeçaria Bela Vista

Poltrona-Cama "VITÓRIA"
Tobias Zajdenweber
RUA BERGAMINI, 175
Fone : 29-5335
Engenho de Dentro — Rio

Armazém São Pedro

Especialidade em líquidos e comestíveis finos. Gêneros de primeira qualidade, nacionais e estrangeiros
Pinto Ribeiro & Santos
RUA BORJA REIS, 203
Engenho de Dentro, esquina da rua
Catulo Cearense
FONE: 29-0527 — RIO DE JANEIRO

DR. PEREIRA DA CUNHA

Médico
CLINICA GERAL
RUA BERGAMINI, 332
Fone: 29-6673
Engenho de Dentro — Rio

SAPATARIA CHAVE DE OURO

Calçado para criança, senhora e cavalheiro. Seção de concertos.
Horácio da Silva Reis
RUA BERGAMINI, 343
Engenho de Dentro — Rio

POSTO EDEN

GASOLINA, LUBRIFICANTES E
ACESSÓRIOS
Firmino José do Nascimento
R. Bergamini, 168. Fone: 29-6933
Engenho de Dentro — Rio

Não há FERIDA que resiste ao uso
da

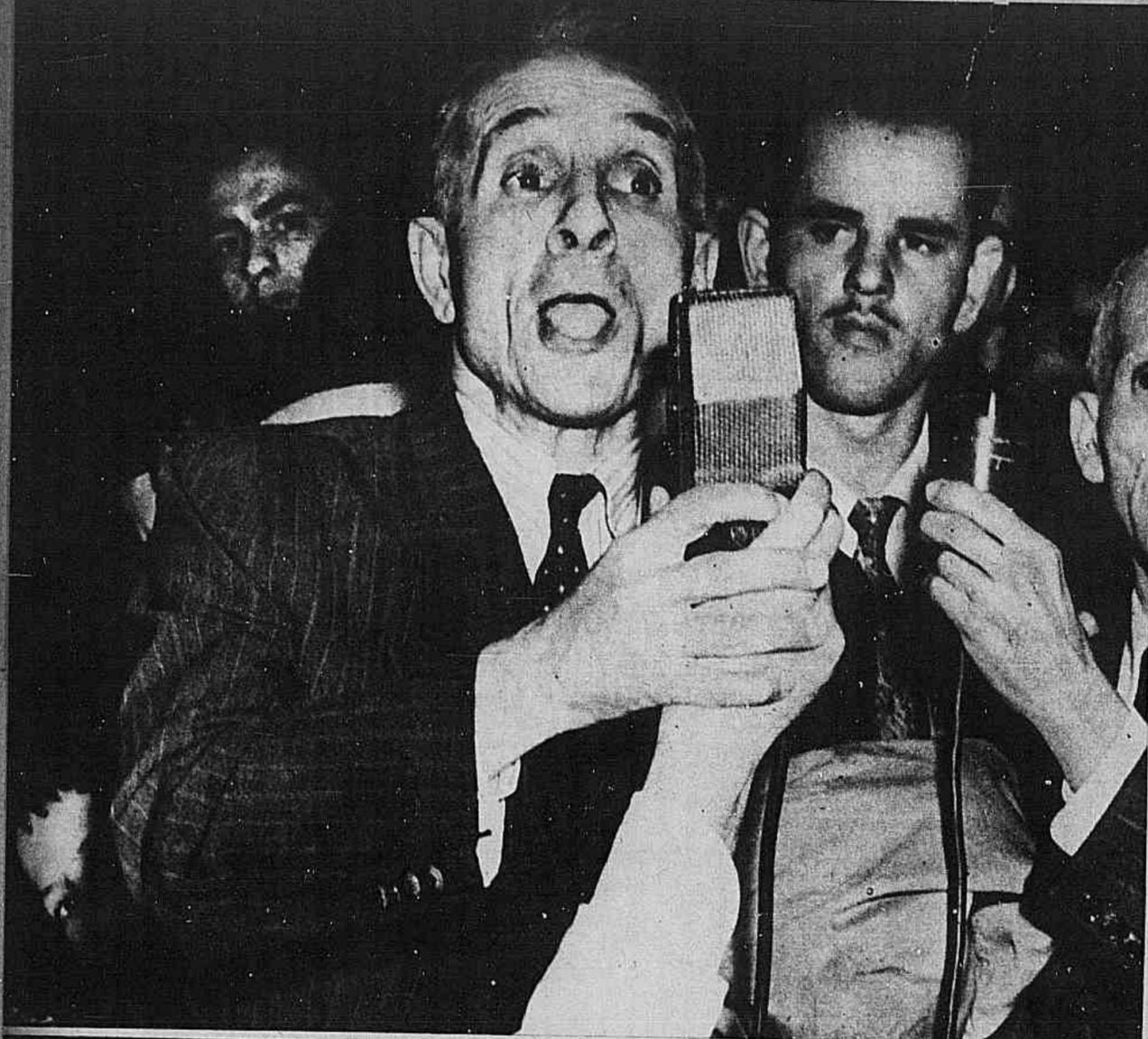
CALENDULA CONCRETA

A melhor pomada para feridas,
queimaduras e úlceras rebeldes.

Farmácia Alberto Lopes

RUA BERGAMINI, 30

Engenho de Dentro - Rio de Janeiro



QUANDO FALAVA
VIRIATO CORREIA.

AGRIPINO GRIECO PROFERE PA-
LAVRAS DE ADEUS AO MAIS BRA-
SILEIRO DOS POETAS BRASILEIROS.

UMA APOTEOSE POPULAR, O ENTERRO DE CATULO

O funeral de Catulo da Paixão Cearense constituiu um acontecimento de excepcional significação. Serviu, antes de mais nada, para mostrar quanto o grande poeta era querido e quanto a sua poesia tinha penetrado na alma popular. Escritores, músicos, artistas, deputados, membros da Academia Brasileira de Letras, jornalistas — e sobretudo gente do povo, acompanhou-o à sua última morada, no cemitério de Catumbi. Foi comovente a despedida a Catulo, quando o grande cantor mexicano Ortiz Tirado entoou o "Luar do Sertão", acompanhado, no estribilho, por todos os presentes. Agripino Grieco, o apreciado crítico literário, e o acadêmico Viriato Correia, proferiram sentidas palavras de adeus ao notável poeta sertanejo. Foi tão intensa a emoção dos presentes que muitas pessoas não puderam conter as suas lágrimas, ao ouvir a melodia do "Luar do Sertão" e as palavras de saudade, proferidas à beira do túmulo de Catulo. As fotografias reunidas nesta página dizem mais do que meras palavras o que foi a verdadeira apoteose ao grande cantor popular, que encheu o Brasil com as divinas harmonias do seu verso.



ORTIZ TIRADO, GRANDE AMIGO DE CATULO, ASSOCIA-SE A ÚLTIMA HOMENAGEM PRESTADA AO AUTOR DE "TERRA CAIDA".



A ENTRADA DO CEMITÉRIO A MASSA DE POVO COMPRIME-SE PARA O ÚLTIMO ADEUS A CATULO.



AO FECHAMENTO DO CAIXÃO, GUIMARÃES MARTINS, GRANDE AMIGO DO SAUDOSO POETA, COLOCA AS DERRADEIRAS FLORES.